



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

QUEILLA THAIS BISPO DOS SANTOS

**O DISCURSO DA SUBMISSÃO FEMININA E OS IMPACTOS
NA VIDA FAMILIAR DAS MÃES NEOPENTECOSTAIS**

SALVADOR

2024

QUEILLA THAIS BISPO DOS SANTOS

**O DISCURSO DA SUBMISSÃO FEMININA E OS IMPACTOS
NA VIDA FAMILIAR DAS MÃES NEOPENTECOSTAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.
Orientadora: Profa. Dra. Gilca Carrera

SALVADOR

2024

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica. UCSal. Biblioteca Dom Geraldo Majella Agnelo

S237 Santos, Queilla Thais Bispo dos
O discurso da submissão feminina e os impactos na vida familiar das
mães neopentecostais / Queilla Thais Bispo dos Santos. – Salvador, 2024.
110 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família
na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Gilca Oliveira Carrera.

1. Família 2. Neopentecostalismo 3. Discurso Religioso
I. Carrera, Gilca Oliveira – Orientadora II. Universidade Católica do
Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação III. Título.

CDU 316.356.2:284.57

TERMO DE APROVAÇÃO

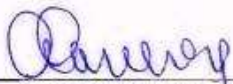
Queilla Thais Bispo dos Santos

“O DISCURSO DA SUBMISSÃO FEMININA E OS IMPACTOS NA VIDA FAMILIAR DAS MÃES NEOPENTECOSTAIS”

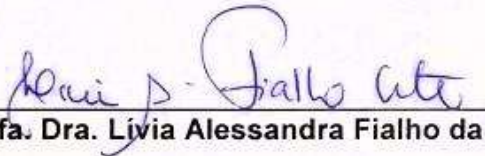
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre (a) em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 30 de julho de 2024.

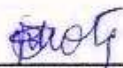
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Gilca Oliveira Carrera (Orientadora - UCSAL)



Profa. Dra. Livia Alessandra Fialho da Costa (Examinadora Interna - UCSAL)



Profa. Dra. Sueli Ribeiro Mota (Examinadora Externa - UNEB)

À minha amada mãe Inácia, por ter me ensinado a perseverar nos meus projetos. Ao meu Pai Antônio (in memoriam), por me ter ensinado que na vida é preciso ter força e coragem para lutar pelos meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sua bondade e misericórdia durante todo o processo da pós-graduação.

À Prof^ª. Dr^ª. Gilca Carrera, minha orientadora, por ter acreditado em mim, pelo incentivo, mas também pelas críticas construtivas ao meu trabalho; como orientadora, contribuiu para meu crescimento como pesquisadora.

À Prof^ª. Dr^ª. Livia Alessandra Fialho da Costa, por ter acreditado na viabilidade do meu Projeto de Pesquisa.

À Prof^ª. Dr^ª Sueli Mota pelas suas contribuições no meu exame de qualificação.

À todas as mulheres-mães evangélicas que entrevistei pela colaboração e confiança em partilhar suas experiências.

À minha irmã Cléria Silva Santos e a Wdileston Gomes Batista pelo incentivo e apoio durante a trajetória.

Às minhas amigas, Fernanda Alves, Hellen Magno que mesmo distante sonharam junto comigo durante o processo do Mestrado.

À minha terapeuta Kézia Souza pelo suporte profissional que foi fundamental durante a trajetória.

À minha sobrinha Patrícia Soares, que apoiou e incentivou até a culminância da Pesquisa do Mestrado.

À minha Mãe, Inácia Conceição Silva Santos por todo o suporte e apoio que me ofereceu desde o princípio até a finalização da Pesquisa.

Aos meus familiares, que contribuíram para o meu amadurecimento.

Aos amigos que oraram e intercederam por mim durante todo o processo.

Ao meu cachorrinho Flash pela companhia e alegria que me proporcionou durante o processo de dissertação.

Aos meus colegas, professores e colaboradores do programa de Família na Sociedade Contemporânea meus agradecimentos.

RESUMO

Esta pesquisa buscou analisar o discurso religioso neopentecostal da submissão feminina e os impactos na vida familiar das mães neopentecostais. Visando responder a seguinte pergunta de pesquisa: de que maneira o discurso religioso da submissão feminina interfere na vida familiar das mães neopentecostais? Tendo como objetivo geral analisar o discurso religioso da submissão feminina e os impactos na vida familiar das mães neopentecostais. Para tanto, partiu-se do levantamento de teóricos de pesquisadores que estudam as transformações na família e na religião. Diversos pesquisadores assinalaram o processo de mudanças e transformações que ocorrem na contemporaneidade como o surgimento do neopentecostalismo, repercutindo nas relações familiares contribuindo para um processo de ressignificação e releituras acerca do papel da mulher na família e na sociedade. Contudo, considerou-se que nesse processo de mudanças, permanece ainda permeado por ideias patriarcais enraizados na cultura. Os instrumentos metodológicos utilizados foram a entrevista despadronizada focalizada e de profundidade e a técnica da análise do discurso. Os resultados indicaram que o discurso religioso da submissão feminina interfere em condutas comportamentais exercidas pelas mulheres-mães neopentecostais, sendo as participantes da pesquisa as principais responsáveis por guiar os filhos “nos caminhos do Senhor” e realizar a manutenção da “harmonia” conjugal e familiar. Entretanto constatou-se a existência de flexibilizações no entendimento acerca do discurso do papel da mulher. Confirmou-se, então, que apesar da existência de um discurso patriarcal há um processo de ressignificação do discurso da submissão feminina impactando a vida das mães neopentecostais influenciado pelas transformações na contemporaneidade.

Palavras-chave: família, neopentecostalismo, discurso religioso.

ABSTRACT

This research sought to analyze the neo-Pentecostal religious discourse of female submission and its impact on the family life of neo-Pentecostal mothers. In order to answer the following research question: how does the religious discourse of female submission interfere in the family life of neo-Pentecostal mothers? The general objective was to analyze the religious discourse of female submission and its impact on the family life of neo-Pentecostal mothers. In order to do this, we began with a survey of theories by researchers who study transformations in the family and in religion. Various researchers have pointed out the process of change and transformation taking place in contemporary times, such as the emergence of neo-Pentecostalism, which has had repercussions on family relationships, contributing to a process of re-signification and re-readings of the role of women in the family and in society. However, it was considered that this process of change is still permeated by patriarchal ideas rooted in culture. The methodological tools used were in-depth, focused interviews and discourse analysis. The results indicated that the religious discourse of female submission interferes in the behavioral conduct exercised by neo-Pentecostal women-mothers, with the research participants being primarily responsible for guiding their children "in the ways of the Lord" and maintaining conjugal and family "harmony". However, there were flexibilities in the understanding of the discourse on the role of women. It was therefore confirmed that, despite the existence of a patriarchal discourse, there is a process of re-signification of the discourse of female submission impacting on the lives of neo-Pentecostal mothers, influenced by contemporary transformations.

Keywords: family, neo-Pentecostalism, religious discourse.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

RCC – Renovação Carismática Católica

SSP – Secretária de Segurança Pública

UNEB – Universidade Estadual da Bahia

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Perfil das Entrevistadas. Nomes fictícios.

62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FAMÍLIA E RELIGIÃO NA CONTEMPORANEIDADE	14
2.1 O IMPACTO DAS TRANSFORMAÇÕES NAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS	14
2.2 A FAMÍLIA COMO REFERÊNCIA SIMBÓLICA	16
2.3 OS VALORES PATRIARCAIS NAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS	20
2.4 PRINCIPAIS MUDANÇAS NA CONTEMPORANEIDADE NO EXERCÍCIO DA PARENTALIDADE NA FAMÍLIA BRASILEIRA	21
2.5 A ASCENSÃO DO NEOPENTECOSTALISMO NO BRASIL E OS IMPACTOS NAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS	23
2.5.1 A primeira onda do movimento pentecostal	23
2.5.2 A segunda onda do movimento pentecostal	25
2.5.3 A resposta da Igreja Católica ao movimento pentecostal	28
2.5.4 A influência do pentecostalismo nas igrejas evangélicas históricas	29
2.5.5 A terceira onda do movimento pentecostal	30
2.5.6 As igrejas neopentecostais como redes de apoio para as famílias	35
2.5.7 A influência dos valores simbólicos do neopentecostalismo nas famílias brasileiras	38
2.6 FAMÍLIA E O DISCURSO DA SUBMISSÃO FEMININA NO CONTEXTO NEOPENTECOSTAL	42
2.6.1 A hierarquização dos papéis masculinos e femininos no cristianismo	42
2.6.2 A estrutura dos códigos domésticos e sua influência na hierarquização familiar	45
2.6.3 A hierarquização dos papéis masculino e feminino e sua influência na família brasileira	46
2.6.4 A resignificação dos papéis familiares no contexto neopentecostal	51
3 ABORDAGEM METODOLÓGICA	56
3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA	56
3.2 INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS	57
3.3 CRITÉRIOS DA AMOSTRA E PERFIL DOS SUJEITOS DE PESQUISA	59
3.4 TÉCNICA DA ANÁLISE DOS DADOS	63
4 SUBMISSÃO FEMININA A SERVIÇO DA FAMÍLIA NEOPENTECOSTAL	65

4.1 A ESPOSA SÁBIA EDIFICA O SEU CASAMENTO	65
4.2 A MÃE CRISTÃ INSTRUI OS FILHOS NA PALAVRA DE DEUS	75
4.3 IDENTIDADE DA MULHER SUBMISSA NA FAMÍLIA NEOPENTECOSTAL	83
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICES	105

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a relação entre família e neopentecostalismo, mais precisamente, aspectos relacionados ao discurso da submissão feminina e os impactos na vida familiar de mães neopentecostais. A aproximação e interesse pelo objeto de pesquisa surgiu por meio das minhas vivências com pessoas praticantes da fé neopentecostal através da congregação religiosa da qual pertenci e congreguei durante doze anos, do intercâmbio entre as denominações religiosas e da experiência profissional por meio de vivências e diálogos com colegas de trabalho vizinhos e mães de alunos que congregam em denominações religiosas neopentecostais. Por meio dessas vivências observou-se como o discurso presente nas igrejas tem tido reflexos importantes nas dinâmicas familiares de muitas mulheres.

Sou graduada em História pela Universidade Estadual da Bahia – UNEB – *Campus XVIII*, e Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Integrada de Araguatins – FAIARA e atualmente, atuo como professora na Educação infantil no município de Salvador, local onde convivo com colegas adeptas da fé pentecostal e neopentecostal desde o ano de 2020, quando se iniciou a pandemia do Coronavírus (COVID-19), contexto de emergência sanitária que para maior aproximação das famílias dos alunos que acompanho.

O interesse pela temática família, emergiu da observância de que esta instituição vem sendo marcada por diversas transformações na contemporaneidade trazidas pelo avanço das políticas neoliberais, da instabilidade das relações, do consumismo e do aumento da desigualdade social (Lipovestky, 1989). Também a contemporaneidade proporcionou o avanço dos ideais democráticos as expressões de liberdades individuais tornam-se mais predominantes (Kopsttein e Zanella, 2019). Neste contexto avançaram as várias expressões das liberdades individuais, dentre estas as liberdades de culto que permitem as múltiplas expressões de crença.

No Brasil, a Constituição de 1988 garantiu a inviolabilidade da liberdade de crença, sendo assegurado livre exercício dos cultos religiosos (Brasil, 1988, art. 5º). Nesse sentido, a liberdade religiosa é uma expressão da democracia assegurada na Constituição atual, mas que foi gestada na Proclamação da República, quando o Estado brasileiro se tornou laico em oposição as determinações do Império que instituiu o catolicismo como religião oficial brasileira. (Mazzuoli e Soriano, 2009).

A liberdade religiosa contemporânea tem assegurado o aparecimento de várias religiões e denominações religiosas no Brasil. Neste estudo, o nosso interesse está centrado no

discurso da “submissão feminina e suas implicações na vida familiar das mães neopentecostais”.

O neopentecostalismo é um fenômeno religioso contemporâneo oriundo de diversas origens missionárias que enfatizam a guerra espiritual contra o diabo, pregação da teologia da prosperidade, liberalização do uso e costumes. (Mariano, 1999; Oro, 1992) As igrejas neopentecostais rompem com o ascetismo tradicional das igrejas pentecostais. De acordo com Mariano (1999 p.36) “[...] o neopentecostalismo constitui a primeira vertente pentecostal de afirmação do mundo”.

Sendo assim, o neopentecostalismo não é definido apenas pelo seu surgimento cronológico a partir da década de 1970, mas, sobretudo, pelas principais distinções doutrinárias, comportamentais e sua forma de inserção no mundo social, contrastando com as duas primeiras ondas pentecostais¹ que não apresentam distinções teológicas significativas, o que justifica o corte histórico institucional (Mariano, 1999).

A forma de perceber e se inserir no mundo social são características marcantes dos membros das denominações religiosas. Segundo Lima (2007), os membros das igrejas neopentecostais percebem de forma crítica a organização da igreja e ressignificam e retiram o que lhe beneficiam como o incentivo para trabalhar e prosperar. As bases sociais da maioria dos membros pertencentes às denominações religiosas neopentecostais, são constituídas por pessoas residentes em áreas desassistidas pelo Estado.

As áreas urbanas onde as classes populares residem, tornam-se ambientes favoráveis para o crescimento das igrejas neopentecostais (Spyer, 2020). Das denominações neopentecostais que mais crescem, a Igreja Universal do Reino de Deus se destaca com 7.185 estabelecimentos religiosos no Brasil no ano de 2021 (IPEA 2023), sendo a maior expoente do movimento neopentecostal no Brasil. As Pesquisas recentes realizadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA 2023), indicam também números exponenciais do crescimento neopentecostal entre os 124.529 estabelecimentos existentes no Brasil em 2021, destes 52% são evangélicos pentecostais ou neopentecostais, liderando o resultado, seguidos por 19% evangélicos tradicionais e 11% de católicos. A possibilidade de melhoria de vida em um país desigual como o Brasil contribuiu para a expansão das igrejas pentecostais e explica a predominância da população de baixa renda, negros ou pardos e do sexo feminino (Spyer,

¹ Abrange as denominações religiosas clássicas como a Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil fundadas no Brasil na década de 1910 denominada igrejas de primeira onda e as denominações religiosas fundadas no final década de 1950 e começo dos 1960 com características carismáticas inspiradas no pentecostalismo clássico conhecidas como denominações religiosas de segunda onda do pentecostalismo.

2020) Este crescimento, também instigou o interesse pelo estudo das famílias neopentecostais.

A pesquisa foi realizada na cidade de Salvador/BA, cuja população está estimada em 2.417.678 pessoas residentes e com densidade demográfica 3.486,49hab/km² segundo os dados do último Censo (IBGE, 2022). Segundo a coleta de dados do jornal o Correio², nos boletins diários de ocorrência publicados pela Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP), atingiu o número de 20 mil mortes violentas de 2011 a 2021.

Os números revelam as condições de vulnerabilidade social que muitos habitantes da capital baiana enfrentam, conseqüentemente, favorecendo o crescimento do neopentecostalismo nas classes populares. Para Spyer (2020), as famílias que participam da fé evangélica conseguem melhorar suas condições econômicas. De acordo com esse autor, as igrejas evangélicas inclusive as neopentecostais, funcionam como forma de estado de bem-estar social informal ocupando o espaço abandonado pelo Poder Público.

Esta diversidade de mudanças contribuiu para modificar a forma dos indivíduos se relacionarem, reconfigurando as relações familiares, com o maior número de mulheres-mães de diversas estruturas familiares adeptas ao protestantismo neopentecostal. Este fator de ordem religiosa contribuiu para analisar de que maneira o discurso religioso neopentecostal da submissão feminina interfere na vida familiar das mães neopentecostais.

Essa dissertação tem como objetivo geral analisar o discurso religioso da submissão feminina e os impactos na vida familiar das mães neopentecostais e como objetivos específicos investigar o ideal de mãe construído a partir de estereótipos baseados na fé neopentecostal, bem como identificar a influência do discurso religioso da submissão feminina na descrição da conduta comportamental da mãe na vida familiar e conhecer os discursos das mães neopentecostais acerca da sua identidade.

Neste sentido, a pesquisa exigiu a compreensão de aspectos relevantes, como o entendimento de submissão feminina das mulheres-mães neopentecostais impacta na criação dos filhos, as suas expectativas em relação à criação destes, o significado de submissão feminina para as entrevistadas e os impactos desse entendimento na relação conjugal. Este estudo contemplou a narrativa de 4 mulheres mães neopentecostais que consideram a religião um apoio moral e norteador de sua conduta na família contribuindo para a manutenção do vínculo conjugal e na orientação dos filhos através do entendimento que possuem de

² CORREIO. **Em uma década Salvador e RMS perderam 20 mil vidas para a violência.** Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/entre/em-uma-decada-salvador-e-rms-perderam-20-mil-vidas-para-a-violencia-0721> Acesso em: 17/06/2023.

submissão feminina.

Sob essa perspectiva, esse estudo contempla as principais transformações ocorridas na família brasileira nas últimas décadas como as influências socioculturais que impactaram as relações familiares, como o aumento do número de divórcios e mulheres chefes de família, as mudanças no exercício da parentalidade, a expansão do neopentecostalismo e a permanência de valores patriarcais nas famílias brasileiras fomentada nas igrejas neopentecostais por meio do discurso da submissão feminina que possui raízes históricas que transcendem o âmbito religioso.

O terceiro capítulo contempla o percurso metodológico da pesquisa, como os instrumentos e técnica utilizadas. A abordagem da pesquisa é qualitativa, o instrumento norteador da coleta de dados foi a entrevista despadronizada focalizada e de profundidade, que por suas características mais flexíveis permitiu uma abordagem mais próxima dos sujeitos. Considerando as características da pesquisa e dos sujeitos, a pesquisadora optou pela entrevista narrativa. A pesquisadora analisou os dados de 4 mulheres-mães, 3 casadas e 1 separada, mas todas adeptas e frequentadoras de igrejas neopentecostais.

O quarto capítulo contempla a análise e os resultados da pesquisa, de modo a revelar aspectos do entendimento das participantes acerca do seu papel na família através do discurso da submissão feminina e de que maneira esse entendimento impacta na criação dos filhos e na relação conjugal. Nesta pesquisa todas as participantes tentam direcionar seus filhos a trajetórias que tenham por fundamento valores religiosos baseados em sua nova identidade de mãe neopentecostal e ao mesmo tempo, adotam posturas e valores condizentes com as transformações sociais, mas, buscam preservar o relacionamento conjugal, assumindo a responsabilidade pela harmonia familiar.

Por conseguinte, conclui-se que as participantes da pesquisa apresentaram em suas narrativas ressignificações do discurso da submissão feminina adaptando a realidade contemporânea, conciliando crenças religiosas com valores contemporâneos flexibilizando, portanto, o entendimento de submissão feminina e seu papel na família.

2 FAMÍLIA E RELIGIÃO NA CONTEMPORANEIDADE

A Família nas últimas décadas tem passado por mudanças significativas na sua formação, com a desestabilização dos mundos privados. Após o fim da guerra fria o capitalismo adquiriu uma nova “roupagem” com o dismantelamento de mecanismos protecionistas, acirrando o neoliberalismo econômico que conseqüentemente tem contribuído para aumentar as privatizações em meio à cultura globalizada (Lipovetsky, 2011).

2.1 O IMPACTO DAS TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS NAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS

O mercado da livre troca comercial contribuiu para o aumento da miséria, do desemprego, da incerteza e da instabilidade no mundo. Segundo Lipovetsky (2011), às transformações tecnológicas e as estratégias empresariais observadas nas últimas décadas acarretaram e contribuíram para a instabilidade macrofinanceira e, conseqüentemente, desestabilizaram as personalidades e identidades dos indivíduos.

Na sociedade contemporânea, o individualismo permeia as relações, para atender as expectativas do mercado as empresas exigem cada vez mais que o perfil do trabalhador perpassa pela flexibilidade, autonomia, responsabilidade individual, polivalência. Os novos modelos de gerência suscitam conseqüências como ansiedade e insegurança.

A sociedade capitalista é caracterizada pelo consumismo e para Bauman (2004) é a rotatividade e não a quantidade de produtos, que mede o sucesso na vida do *homo consumens* atual, ou seja, não é o acúmulo de bens de consumo, que torna o homem nesta sociedade bem-sucedido, mas o potencial de usá-los e descartá-los abrindo espaços para outros bens.

Desse modo, os excluídos na sociedade de consumo, são considerados fracassados e incompetentes por não conseguirem ascensão social e recursos financeiros para usufruírem de todos os "benefícios" que a sociedade do consumo oferece (Bauman, 2004).

Sendo assim, na lógica do consumo, os relacionamentos passaram a ser descartáveis, os compromissos duradouros passam a ser um fardo pesado para se carrega. Na liquida racionalidade as relações devem ser leves sem amarras e as obrigações pesadas, a busca pelo prazer instantâneo é cada vez mais almejado nas relações.

Nesse contexto de novas configurações do capital, no Brasil repercutiu a crise econômica que atingiu o mundo no início da década de 1970, levando o Estado brasileiro a

passar por novos processos de estruturação tecnológica e industrial, a partir de profundas mudanças e reconfigurações da dinâmica das relações com o mercado e a sociedade civil (Alencar, 2004).

A política neoliberal, que prioriza o livre comércio e abertura financeira, começou a prevalecer no Brasil no início da década de 1990. As políticas econômicas adotadas pelos governos e o crescimento da dívida líquida na esfera pública repercutiu por toda a sociedade atingindo as camadas sociais mais baixas e aumentando o nível de desemprego (Alencar, 2004).

Desse modo, desde os anos 1970, o país começou a passar por mudanças no perfil do trabalho e rendimento, porém, mergulhado em crises econômicas e sociais que já estavam inseridas na sociedade em décadas anteriores. O aprofundamento nos parâmetros da nova política neoliberal contribuiu para o descumprimento de projetos que elevassem a produção nacional protegendo o emprego dos brasileiros (Alencar, 2004).

A globalização e as necessidades prioritárias do capital inseriram o Brasil em programas políticos que flexibilizaram as relações de trabalho. A competitividade, as exigências do mercado geraram instabilidade e rotatividade. Dessa forma, na década de 1990, tornaram-se visíveis diversos tipos de contratos de trabalho como subcontratação, pessoas que até os dias atuais trabalham sem carteira assinada, em condições de emprego temporário, ou como autônomos, ou enfrentaram o desemprego. (Dedecca, Henrique e Baltar, 1996).

A globalização e as necessidades prioritárias do capital atribuíram o mérito aos indivíduos pelo seu sucesso e fracasso profissional, pela conquista do emprego e os responsabilizou pelo seu desemprego ou miséria. Nesta perspectiva, segundo Telles (1992), a família tornou-se necessária como meio de inclusão social e refúgio para as diversidades de mazelas sociais que se acentuaram em meio às políticas neoliberais.

Mediante a essas circunstâncias, a família surge também como mecanismo de proteção principalmente para as camadas populares. Durante os anos de 1980, consolidaram-se os estudos sobre família, contudo foi no início dos anos de 1990, que as discussões sobre esse tema foram voltadas para a Constituição Federal, promulgada em 1988, que reconheceu diversas formas de união como a família monoparental. Oliveira afirma (2009 p. 71-72):

As mudanças societárias afetam a dinâmica familiar como um todo e, particularmente, cada família, conforme sua composição, história e condições socioeconômicas. No mundo governado pelo consumo excessivo, herança do capitalismo acelerado, podemos verificar que o que está realmente importando não é o ser com o qual está se convivendo em família, mas o ter enquanto característica principal do modo capitalista de produção.

Segundo Donati (2008), a família diante do cenário contemporâneo se torna o capital social primário da sociedade. Exercendo poderosa influência na vida dos indivíduos e da sociedade em movimento. Apesar da cultura individualista ditada pelos moldes do capitalismo, atualmente a importância da família continua prevalecendo como meio de atenuar as consequências das políticas adotadas pelo Estado ou pela falta delas.

Para Borges (2005, p. 80) “[...]a família ainda desempenha um papel crucial na vida dos indivíduos”. Isto porque as características e as peculiaridades de cada família contribuem e influenciam de forma positiva atenuando problemas como possíveis desempregos, subempregos, instabilidades profissionais nas trajetórias individuais ou dependendo das características, agravando ainda mais as dificuldades da vida material.

Apesar da fluidez das relações, as dificuldades enfrentadas na sociedade contemporânea fazem com que as famílias, principalmente das classes populares, fortaleçam os vínculos (Spyer, 2020) devido a necessidade de proteção e segurança e a falta de políticas públicas adequadas voltadas para a família (Donati, 2008).

A responsabilidade social que o Estado se exime é transferida para a família, principalmente para as mulheres que na maioria das vezes são as responsáveis pelo cuidado dos filhos, dos idosos e deficientes, tendo que conciliar na sua dinâmica familiar trabalho e afazeres domésticos (Carvalho, Moreira e Rabinovich, 2015).

Nesse contexto, o capitalismo influencia a dinâmica familiar, que para Lipovestky (2011), a Cultura capitalista do consumo e do hedonismo tem tornado as relações mais fluidas. O culto ao corpo e a busca pela satisfação e o prazer imediato influencia na permanência e durabilidade dos casamentos, observa-se então, o aumento de divórcios e paralelamente os recasamentos, a coabitação pré-nupcial, maior participação da mulher no mercado de trabalho e aumento da sua contribuição econômica no lar.

2.2 A FAMÍLIA COMO REFERÊNCIA SIMBÓLICA

A família não se encontra falida, mas está se reconfigurando diante das diversas modificações sociais. Como ente dinâmico, a família continua viva marcada por transformações, mas permanece atuante, assumindo muitas vezes responsabilidades que pertencem ao Estado. As políticas voltadas para o capitalismo neoliberal contribuem para que o governo se exima de responsabilidades de políticas de proteção social, destinando à família

atribuições que muitas vezes esta não consegue gerenciar (Donati, 2008; Oliveira, 2009; Petrini, 2008).

Nesse contexto, a família se revela como referência simbólica. Desde que nascem, os indivíduos começam a aprender os códigos que ordenam e organizam o seu lugar no âmbito familiar e no mundo social, por meio da linguagem, dos gestos, dos valores e atitudes demonstrados ressignificados e experienciados nas relações familiares (Sarti, 2004).

De acordo com Sarti (2004, p.14):

Pensar a família como uma realidade que se constitui pelo discurso sobre si própria, internalizado pelos sujeitos, é uma forma de buscar uma definição que não se antecipe a realidade da família, mas que nos permita como a família constrói, ela mesma sua noção de si, supondo evidentemente que isso se faz cultura, dentro portanto, dos parâmetros coletivos do tempo e do espaço em que vivemos, que ordenam as relações de parentesco (entre irmãos, entre pais e filhos, entre marido e mulher).

Sendo assim, não há como conceber a família de forma exterior a cultura, aos próprios códigos simbólicos que são transmitidos de geração em geração e ensinados e apreendidos pelos indivíduos e que marcam o inconsciente coletivo, produzindo posturas e discursos e naturalizando comportamentos que se reproduzem socialmente no tempo e no espaço. Para Fonseca (2005), é importante lembrar dos fenômenos sociais, culturais e tecnológicos que têm ocorrido na sociedade contemporânea como a dissociação da sexualidade da reprodução.

Devido a diversas transformações sociais e avanços tecnológicos em várias áreas das ciências, tem crescido a dissociação da sexualidade e da reprodução como também o uso de tecnologias que contribuem para reconfigurar as famílias na contemporaneidade (Bauman, 2004; Lipovetsky, 2011). Nesse sentido, é necessário rever conceitos e acolher as novas configurações familiares sem o uso de discursos excludentes diante da pluralidade que estas vem assumindo na contemporaneidade. A família também se tornou de extrema importância para colaborar na aceitação da diversidade ou disseminar preconceitos e exclusões sendo uma das primeiras lentes para se enxergar o mundo. É na família que o indivíduo aprende a linguagem, incorpora e ressignifica comportamentos e costumes (Sarti, 2004).

De acordo com Sarti (2004), família, portanto, não se define por laços biológicos, mas pelos significados constituídos nas relações existentes entre os indivíduos. É importante compreender as relações familiares para além da perspectiva do “nós”, mas também do “outro” em um movimento dialético conflituoso e de resistência, mas que resulta em novas ressignificações e perspectivas. Esse movimento marca as mudanças e transformações ocorridas na contemporaneidade.

De acordo com Bauman (2004, p. 85):

Terminar quando se deseje— instantaneamente, sem confusão, sem avaliação de perdas e sem remorsos— é a principal vantagem do namoro pela internet. Reduzir risco, e simultaneamente, evitar a perda de opções é o que restou de escolha racional num mundo de oportunidades fluidas, valores cambiantes e regras instáveis.

Nesta perspectiva as relações na Contemporaneidade tendem a ser mais breves, podendo ser desfeitas rapidamente no apertar de um botão, os contatos virtuais exigem cada dia menos esforço para que possa se estabelecer. As relações virtuais exigem menos pressão que a proximidade não virtual. Para a sociedade atual, de algum modo, se torna menos oneroso estabelecer vínculos flexíveis e fluidos.

Dessa forma, afirma Oliveira (2009 p. 68), “Cada vez mais, são encontradas famílias cujos papéis estão confusos e difusos se relacionados com os modelos tradicionais, cujos papéis eram rigidamente definidos”. Sendo assim, a estrutura familiar tem sofrido formas diversas de organização flexibilizando os papéis na família.

A estrutura familiar estabelece regras e limites no seu processo de organização e funcionamento de modo a sofrer alterações. Nesta perspectiva, os papéis são negociados, a figura simbólica do homem como provedor tem decaído devido à reconfiguração familiar, como por exemplo, o aumento do número de mulheres chefes de família.

De acordo com Ferrari e Kaloustian (2002, p. 14 *apud* Oliveira, 2009):

A família, da forma como vem se modificando e estruturando nos últimos tempos, impossibilita identificá-la como um modelo único ou ideal, pelo contrário, ela se manifesta como um conjunto de trajetórias individuais que se expressam em arranjos diversificados e em espaços e organizações domiciliares e peculiares.

Sendo assim, a família nuclear que é composta por um homem e uma mulher e seus filhos, não se configura como o único ou ideal modelo de família. Esse tipo de configuração sofreu influências do modelo patriarcal e da família burguesa (Carvalho, 2005). Os novos arranjos familiares como, por exemplo, da família extensa que é composta por casal, filhos, parentes conviventes, famílias monoparentais femininas ou masculinas, sendo comum as famílias compostas por mães que convivem ou criam sozinhas seus filhos que passaram por separação ou divórcio ou decidiram ser mães solteiras.

Devem-se considerar também as famílias nucleares reconstituídas advindas de nova união com filhos vindo de outros relacionamentos, famílias de genitores ausentes em que a presença marcante na educação das crianças são outros adultos, a exemplo de tios e avós.

Enfim, são vários arranjos e configurações que marcam a contemporaneidade (Silvia e Dionisio, 2018).

Algumas configurações familiares são marcadas por dificuldades econômicas e financeiras, a exemplo da família extensa na qual um parente próximo pode passar por um problema de saúde ou de subemprego de modo que não tenha condições de se manter sozinho.

Nesse contexto, segundo Silvia e Dionizio (2018), novos arranjos familiares podem transparecer que a família está perdendo seu sentido real e seu valor, porém, o que se pode observar é que a família com toda sua rede de apoio nunca foi tão necessária em tempos de crise e descaso por parte do Estado. Com novos moldes e novos formatos, com estruturas mais flexíveis se reconfigura e sobrevive com o cultivo de laços de afetos que vão além da consanguinidade.

Embora existam hoje temas que abarquem a família na contemporaneidade e discussões coletivas – como violência sexual conjugal, modos de educação dos filhos, o cuidado com os idosos, – “[...] a sociedade impele a família para a esfera privada, mesmo que depois atribua a ela um conjunto de tarefas públicas ou coletivas.” (Donati 2008, p.61)

Assim, a família resgata um lugar importante na política social, em que se beneficia e, simultaneamente, torna-se uma colaboradora de serviços de proteção social (Carvalho, 2005). Desse modo, a família é uma colaboradora das políticas estatais, devido a insuficiência dos serviços prestados, que a impedem de exercer o papel apenas de beneficiária. Portanto, a família ao mesmo tempo em que é tratada como sujeito de direitos, também é obrigada a garantir proteção aos seus familiares, devido a fragilidade das efetivações das políticas sociais.

Posto isso, percebe-se a importância e o valor social que a família possui na sociedade contemporânea e como tem sido tema de debates, independente dos novos arranjos familiares.

Para Carvalho (2002, p. 67 *apud* Oliveira, 2009):

De fato, a família é o primeiro sujeito que referencia e totaliza a proteção e socialização dos indivíduos. Independente das múltiplas formas e desenhos que a família contemporânea se apresente, ela se constitui num canal de Iniciação e aprendizado dos afetos e das relações sociais.

Independente das múltiplas formas em que se constituem as famílias, suas estruturas e regras de funcionamento, é inegável, a sua importância social, mesmo que exista discussões acerca da formação de suas estruturas e como se organizam os papéis no âmbito familiar, a sua influência tem sido fundamental na constituição da sociedade.

Embora existam mudanças e transformações sociais reconfigurando as famílias na sociedade, pode-se observar resquícios de valores patriarcais como, por exemplo, a nova família conjugal, que possui traços semelhantes aos modelos mais conservadores no que tange as formas de controlar a sexualidade e conservar as relações de classe. Apesar da atual flexibilização dos papéis, existência de maior número de mulheres exercendo a chefia de família e a desconstrução histórica dos modelos de família patriarcal, isso não significa que não permaneçam no imaginário coletivo os valores patriarcais (Oliveira, 2009).

2.3 OS VALORES PATRIARCAIS NAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS

Segundo Sarti (1992), a família patriarcal brasileira é fundamentada no princípio de autoridade, ou seja, as relações hierárquicas estão na base do homem sobre a mulher, os mais velhos sobre os mais novos e este modelo se expande para outras esferas sociais.

Os resquícios ou a retomada de valores patriarcais nos discursos das famílias do Brasil ainda tem sido presentes e sua representatividade tem alcançado a esfera pública. Novos modelos ou arranjos familiares têm sido encarados como uma ameaça aos valores tradicionais da família (Dias, 2017).

Sendo assim, o modelo de estrutura familiar ainda considerado como padrão, perpassa pela existência de pai, mãe filhos, ou seja uma família nuclear, heterossexual e monogâmica. Este ideal de família foi reforçado ao longo do tempo e ainda permanecem os resquícios deste pensamento na sociedade contemporânea.

Na atualidade, observa-se ainda o uso da expressão “família desestruturada”, associando a determinados modelos familiares a falta de “estrutura,” isto é, a problemas relacionados a processos de ordem objetiva, como condições materiais de existência, ou de ordem subjetiva, que dizem respeito às particularidades das relações parentais, dentre outras. Gradativamente com a existência das novas configurações familiares esse termo tem caído em desuso, pois se entende que cada arranjo familiar possui um funcionamento próprio e regras que estruturam o sistema familiar (Fonseca, 2000).

Ao mesmo tempo em que as discussões sobre o conceito de família têm se ampliado, percebe-se também um movimento diferente na sociedade brasileira na qual os valores conservadores têm se disseminado e sendo usados em discursos de campanhas eleitorais como estratégia política, como foram observadas nas eleições de 2018 e 2022 no Brasil.

Nessa perspectiva, a Contemporaneidade emerge acompanhada de transformações em todas as esferas, contudo há um movimento de resistência a perpetuar antigos valores como o casamento entre homem e mulher, sendo a família legitimada pela união monogâmica, heterossexual com descendência (Dias, 2017).

A contemporaneidade vem sendo acompanhada por movimentos complexos e contraditórios, a cultura globalizada, a crise de identidade e relacionamentos líquidos tem feito as pessoas buscarem estabilidade e sentido às suas vidas, sejam crenças, ideais, valores, sejam de ordem religiosa ou não (Bauman, 2004).

Para Lipovetsky (2011) a rapidez e a fluidez das transformações na sociedade contemporânea modificam as formas de se relacionar de modo a redefinir conceitos como o de família e de parentesco, contudo essas mudanças são acompanhadas de um movimento em que, na síntese do processo, encontram-se em antigos valores.

De acordo com Godbout (1999, p. 49):

A generalização desse universo do mercado onde não se dão presentes (nos negócios não há sentimentos etc.) aprofundou e radicalizou a divisão sexual das tarefas, tornando-se o universo da dádiva próprio das mulheres a tal ponto que, para um homem, se envolver-se no mundo dos presentes é muitas vezes considerado suspeito: sinal de fraqueza, de feminilidade, de falta de virilidade.

Na perspectiva de Godbout (1999), mesmo com todas as mudanças de cunho mercantil e capitalista em que a mulher ganha cada vez mais espaço no mercado de trabalho, participando cada vez mais da esfera política, a dádiva refugiou-se na figura feminina principalmente na esfera doméstica. Para Lipovetsky (2011), na sociedade contemporânea a divisão do trabalho percorre da reciclagem dos meios para a manutenção do poder feminino no lar.

Nessa perspectiva, observa-se a retomada de valores patriarcais por parte da sociedade utilizando também os valores religiosos para ratificar o conceito “tradicional” de família (Dias, 2017), sendo assim, importante para a compreensão das representações sobre a família, inclusive entre os pobres urbanos.

2.4 PRINCIPAIS MUDANÇAS NA CONTEMPORANEIDADE NO EXERCÍCIO DA PARENTALIDADE NA FAMÍLIA BRASILEIRA

A diversidade de estrutura familiar que compõem a atual sociedade e as relações familiares têm caminhado para além da consanguinidade, portanto, o conceito de

parentalidade tem se ampliado desnaturalizando (Sarti, 2005). A unidade elementar do parentesco pensada por Lévi-Strauss (1982) se separa da biologia adentrando o campo da cultura ao se concordar que uma família para se formar, presume a existência e a aliança entre dois grupos (Sarti, 1992).

Nesta perspectiva, a parentalidade exerce uma abordagem socioafetiva que transcende o caráter meramente biológico de paternidade/maternidade para se chegar à noção de parentalidade. Por meio de Ciências Sociais e Humanas, como a Psicologia, são reconhecidas funções parentais a partir de atividades do dia a dia como a promoção da educação, imposição de limites, entre outros aspectos ligados às relações pai/mãe/filho e que envolvam o cuidado (Vargas, 2017).

Nesse sentido, Boff (2014), afirma que o cuidado é importante para a interpretação que damos ao ser humano. Para esse autor(a), na filologia da palavra *cuidado*, tem-se o significado de cura, podendo ser expresso pela atitude de zelo e afeto e envolvimento com a pessoa amada. Ter envolvimento com pessoas ou objetos significa de alguma forma ter intimidade com elas.

No âmbito familiar, o cuidado tem sido historicamente atribuído a mulher, as mães continuam se envolvendo mais na divisão dos afazeres domésticos e no cuidado com os filhos e em muitos lares exercem a figura central da família. No Brasil um número expressivo de mulheres continua realizando o trabalho doméstico apesar a flexibilização dos papéis transcorrer livremente nas relações da vida privada. Contudo, as mães permanecem dedicando o maior tempo às atividades que envolvem os cuidados dos filhos. São inúmeros fatores que contribuem para o envolvimento na educação e cuidado das crianças como a escolaridade, a renda e o relacionamento com a mãe da criança (Carvalho, Moreira e Rabinovich, 2015).

A participação da figura paterna nas atividades que envolvam o cuidado precisa ser observada a partir de uma abordagem sistêmica, analisando diversos fatores e o relacionamento pai-mãe-criança. O envolvimento paterno e sua a qualidade de cuidados para com as crianças, permeiam diversos fatores que podem contribuir para maior nível de tempo proveitoso com os filhos.

No imaginário coletivo ainda permeia a mentalidade de que o homem não sabe cuidar de crianças observa-se que nas creches, a maioria dos funcionários que estão associados aos cuidados das crianças são mulheres.

De acordo com Botton *et al* (2015) no exercício da parentalidade, as mães continuam como as principais cuidadoras dos filhos, e isso tem uma grande influência de como o pai e a mãe se organizam na educação das crianças.

Baseado nessa perspectiva, os valores e crenças fazem parte da estrutura da família, sendo perpetuados por meio da transgeracionalidade. Enquanto alguns pais e mães tendem a reproduzir na educação dos filhos a forma como foram educados, existem alguns pais que procuram contribuir na sua educação de forma diferente da sua família de origem (Botton *et al.*, 2015).

2.5 A ASCENSÃO DO NEOPENTECOSTALISMO NO BRASIL E OS IMPACTOS NAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS

O neopentecostalismo é a principal vertente crescente do pentecostalismo no Brasil, o pentecostalismo é um movimento do cristianismo evangélico tendo como principais características a relação com Deus por meio do batismo no Espírito Santo. A expressão “pentecostal”³ é um termo utilizado pelos cristãos, que tem origem em uma festa judaica, para a maioria dos cristãos é comemorado a descida do Espírito Santo descrita no livro de Atos, na Bíblia.

2.5.1 A primeira onda do movimento pentecostal

Segundo Mariano (1999), para melhor compreensão o movimento pentecostal foi dividido em três ondas: a primeira onda iniciou-se com a chegada da Congregação Cristã do Brasil em 1910 e da Igreja Assembleia de Deus em 1911, a segunda onda pentecostal teve início na década de 1950 e 1960, junto às novas conjunturas e dinâmicas na sociedade. Nesse contexto, surgiram as igrejas Quadrangular em 1951, Brasil para Cristo em 1955 e Deus é Amor em 1962.

É preciso esclarecer que apesar das tipologias e classificações as duas primeiras igrejas fundadas no Brasil, que se encaixam na vertente mais conhecida como o pentecostalismo clássico apresentaram diferenças significativas eclesial e doutrinária.

³ A expressão pentecostal tem origem na festa judaica das semanas ligado ao festival judaico da colheita, que comemora a entrega dos dez mandamentos após cinquenta dias depois do êxodo. Para a tradição Cristã, o Pentecostes celebra a descida do Espírito Santo no quinquagésimo dia na cidade de Jerusalém, por esta razão o movimento pentecostal tem sua origem nesta festa.

Clássico é um termo para delimitar a ideia de pioneirismo, não revelando suas semelhanças e distinções (Mariano, 1999).

Para Freston (1993) o pentecostalismo clássico vai desde a fundação da Igreja Congregação Cristã do Brasil, igreja de matriz pentecostal fundada no Brasil em 1910 e a Igreja Assembleia de Deus fundada em 1911, até a sua propagação por todo o território nacional. No início de sua expansão a maioria de seus integrantes, originários de camadas pobres e com baixa escolaridade, sendo discriminados por protestantes de igrejas históricas e sofrendo perseguições da igreja católica, essas igrejas pioneiras apresentam em suas características um anticatolicismo, a crença e ênfase na glossolalia (dom de línguas) na volta de Jesus e na salvação por meio de um comportamento com características ascéticas.

A Congregação Cristã do Brasil é a igreja da primeira onda que ainda possui características ascéticas no comportamento dos fiéis. De acordo com Freston (1993) A Congregação Cristã do Brasil se difundiu por meio das redes de relacionamento familiar existentes entre os imigrantes italianos principalmente no estado de São Paulo, a organização litúrgica permaneceu no idioma italiano até o ano de 1935 quando a igreja fez a transição para o português.

De acordo com Bledsoe (2012), a Congregação Cristã do Brasil possui particularidades que se diferenciam de outros grupos. A Igreja é uma reunião de Congregações autônomas, geralmente conduzidas por anciãos e diáconos. As mulheres usam o véu durante o culto e se sentam separadas dos homens, o cumprimento ou saudação é realizado com ósculo. Não é permitido a reunião de grupos de estudo por idade. Esta denominação é considerada um dos grupos mais restritos das do meio pentecostal no Brasil.

Apesar da Congregação Cristã do Brasil se apresenta ainda como grupo restrito. A igreja ganha espaço e expansão em pequenos ambientes urbanos e rurais, embora encontre-se atualmente em grandes centros urbanos. A presença da Congregação Cristã do Brasil é marcante em todo território brasileiro, mesmo sofrendo poucas transformações internas em uma sociedade em que as mudanças são rápidas e contínuas (Bledsoe, 2012).

Ainda de acordo com Bledsoe (2012), a Congregação Cristã passou por alterações em seu perfil social contando com membros vindos de classe média e empresários, por exemplo, contudo, essa igreja continua ainda a abarcar de forma significativa os indivíduos das camadas populares. Apesar do conservadorismo e tradicionalismo, a Congregação Cristã do Brasil vem passando por algumas mudanças em seus usos e costumes frente às diversas transformações que a sociedade vem sofrendo.

As transformações na contemporaneidade são relevantes para se compreender o processo de adaptações e mudanças no contexto religioso. Para Weber (2004), o pensamento religioso não pode ser desvinculado das necessidades do dia a dia estando relacionadas às questões econômicas. Para Spyer (2020), o pentecostalismo tem sido nesse contexto refúgio para muitos membros que buscam “driblar” por meio da fé religiosa as dificuldades encontradas no cotidiano.

Diante das transformações ocorridas na sociedade e a necessidade de atender as demandas cotidianas, a Assembleia de Deus igreja pentecostal da primeira onda, tem ao longo dos anos se mostrado mais flexível às mudanças ocorridas na sociedade, participando da política partidária, buscando visibilidade política, poder, usando a televisão e outros recursos midiáticos (Bledsoe, 2012; Freston, 1993).

Desse modo, o sistema de funcionamento eclesiástico da Assembleia de Deus colabora para a sua expansão e crescimento, uma igreja-mãe por exemplo supervisiona várias congregações satélites difundidas em uma região. O pastor da igreja-mãe também serve como Bispo e principal autoridade sobre as decisões referentes aos membros da igreja (Bledsoe, 2012; Freston, 1993).

Apesar da Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil fazerem parte do movimento da primeira onda pentecostal observa-se em seu meio distinções significativas, sendo a Assembleia de Deus mais aberta às mudanças em seu âmbito religioso.

2.5.2 A segunda onda do movimento pentecostal

A segunda onda do movimento pentecostal iniciou-se na década de 1950, neste período o Brasil passou por transformações como a crescente industrialização que contribuiu como a migração de trabalhadores para as áreas urbanas e o movimento nacionalista. Nesse contexto, surgiu um evangelismo com características distintas da primeira onda, como a ênfase na mensagem de cura divina. Neste período, utilizaram-se os avanços tecnológicos para se propagar mensagens evangelísticas, crenças e valores religiosos que atingissem as massas como o rádio (Mariano, 1999; Bledsoe, 2012).

As estratégias evangelísticas, a crença em verdades eternas, acompanhadas de mensagens de cura, santidade e ênfase escatológica utilizadas pelo movimento da segunda onda apresentaram discursos cativantes que atraíram muitos membros principalmente das camadas socialmente desfavorecidas, inclusive líderes de outras denominações religiosas.

Dessa forma, os pentecostais da segunda onda conseguiram visibilidade, sendo até mesmo acusados pela imprensa de charlatanismo e de ludibriar os indivíduos com a mensagem religiosa (Mariano, 1999).

As principais denominações religiosas que surgiram nesse contexto foram a Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo e a Igreja Pentecostal Deus é Amor. É importante salientar que a mensagem da cura divina propagada nesse momento, foi crucial para o crescimento acelerado das novas instituições religiosas.

As características do movimento de segunda onda são ratificadas por Nascimento (2009 p.28-29) ao afirmar que:

Paulo Siepierski ao descrever também alguns dos pontos dessa trajetória histórica em um de seus artigos, “pós-pentecostalismo e política no Brasil”, traz informações interessantes sobre essa complexidade da fé pentecostal matricial. Para ele o mote da Igreja do Evangelho Quadrangular, Jesus salva, batiza com o Espírito Santo, cura e voltará, seria, em essência, um resumo síntese da longa formação teológica e cultural da fé pentecostal. Segundo nota, a ideia de salvação, de cura, santidade e a ênfase na escatologia fazia parte de muitos movimentos religiosos no final do século XIX. A chama que fundiu todas essas expressões dando origem ao pentecostalismo moderno seria, segundo acredita, o “falar em línguas”.

Dessa forma, segundo Mariano (1999), pode-se observar que as igrejas da primeira e da segunda onda apresentam características teológicas semelhantes, as principais diferenças se referem na maior importância que as igrejas do pentecostalismo clássico conferem ao dom de línguas e a segunda onda, a cura. A explicação para as semelhanças teológicas existentes entre as duas ondas apesar de serem separadas cronologicamente por décadas, é o fato de a Igreja Quadrangular ter sido fundada nos EUA com bases doutrinárias semelhantes das Igrejas Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil fundadas no Brasil.

A Aimmee Semple McPhersonh, mulher canadense fundadora The Four Square Church, denominação religiosa sediada nos EUA, trouxe para o Brasil por meio de dois exatores americanos a variação da sua crença religiosa pentecostal. Por meio desses missionários religiosos foram divulgadas e realizadas reuniões com cura divina e exorcismos. As reuniões eram realizadas em tendas, por meio da mensagem interdenominacional iniciada primeiramente na cidade de São Paulo e depois se espalhou para as demais regiões do país. Vários evangélicos, simpatizantes e pessoas curiosas se aglomeraram debaixo das tendas (Bledsoe, 2012; Proença, 2006; Sayão, 1999).

Proença (2006) enfatiza que as estratégias evangelísticas contribuíram para modificar o campo evangelístico brasileiro gerando distinções entre as denominações pentecostais,

portanto, nesse contexto surgiram as denominações religiosas da segunda onda pentecostal como a Igreja do Evangelho Quadrangular.

A igreja do Evangelho quadrangular foi uma das principais expoentes do movimento pentecostal de segunda onda. Cresceu de forma mais lenta durante a década de 1950 e 1960 se comparado com a década de 1980, devido ao nacionalismo brasileiro presente na década de 1950 e 1960 e por ser igreja filiada à sede presente nos Estados Unidos. A Igreja do Evangelho quadrangular contribuiu para fomentar conceitos teológicos que posteriormente seriam apropriados e ressignificados no neopentecostalismo (Mariano, 1999).

Segundo Bledsoe (2012), a igreja Brasil para Cristo, denominação religiosa do pentecostalismo de segunda onda, teve também sua importante contribuição nas características adotadas e ressignificadas pelo neopentecostalismo. Sua origem na cidade de São Paulo, se deu através de Manoel de Mello, que durante um tempo foi membro da Assembleia de Deus, onde exerceu o ministério do diaconato e durante seu envolvimento na cruzada nacional de evangelização, teve contato e experienciou o evangelismo de massa.

O evangelho da cura de McPherson,⁴ as pregações impactantes e a linguagem acessível e simples atingiu com facilidade as massas, que segundo Freston (1993) e Bledsoe (2012), essa linguagem acessível contribuiu para inspirar muitos pregadores neopentecostais.

Para esses autores, a Igreja Brasil para Cristo com seu fundador Manoel de Mello contribuiu, portanto, para transformações significativas nas práticas evangelísticas como uso do rádio e a televisão para a propagação da mensagem evangelística, a imagem carismática do líder religioso foi fundamental para a expansão e conquista do número de fiéis.

Após a morte de seu fundador, a Brasil para Cristo perdeu muitos membros diminuindo com o passar dos anos, contudo a figura do líder religioso serviu posteriormente de inspiração para as práticas evangelísticas neopentecostais (Bledson, 2012; Freston, 1993). Os elementos religiosos e incomum que envolvem os movimentos pentecostais são nítidos, mas é importante salientar o recorte histórico dos movimentos pentecostais Nascimento (2009, p.32) afirma que:

Para Mariz a classificação é importante e até necessária diante das diferenças históricas e sociais que o pentecostalismo, pelo seu vigor e dinamismo, vem apresentando. Entretanto, apesar desse constante dinamismo não há porque “desprezar” as igrejas neopentecostais ou pós-pentecostais, seguindo a tese de que boa parte dessas “novas igrejas” deixariam de ser pentecostais. Para ela não teria

⁴ McPherson foi uma evangelista conhecida entre os anos de 1920 e 1930 sendo fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular.

sentido negar que essas igrejas são possuidoras de elementos da tradição original do pentecostalismo.

Sendo assim, pode-se observar também na igreja pentecostal Deus é amor fundada na segunda onda do pentecostalismo no Brasil elementos inspiradores que na contemporaneidade foram adotados pelo neopentecostalismo.

Segundo Proença (2006), a denominação religiosa pentecostal Deus é amor se destaca no movimento pentecostal sendo da segunda onda. A igreja foi fundada por David Miranda que residia no Nordeste e veio com sua família de mudança para São Paulo, se converteu e congregou na Igreja Brasil para Cristo e na Igreja do Evangelho Quadrangular, após sua saída em 1962 da Igreja do Evangelho Quadrangular, fundou sua própria denominação religiosa a Igreja Pentecostal Deus é amor (Bledsoe, 2012; Mariano, 1999; Sayão, 1999).

A denominação Deus é Amor fez importantes investimentos no rádio, pois a igreja possui várias estações de rádio próprias em toda a América latina, também enfatiza em suas pregações a cura divina de tal forma que a rotulam como “agência da cura”.

Esses elementos semelhantes com o neopentecostalismo, como o investimento em meios de comunicação de massa que são na atualidade largamente utilizados por igrejas representantes do movimento neopentecostal, como a Igreja Universal do Reino de Deus, contribuíram por colaborar com o processo de ressignificação da fé pentecostal por meio do neopentecostalismo (Bledsoe, 2012; Campos, 1997).

Apesar de possuir características semelhantes ao neopentecostalismo é importante salientar as diferenciações como ainda a presença de características ascéticas no movimento de segunda onda como na Igreja Pentecostal Deus é Amor. Entretanto, essa denominação religiosa se diferencia das outras da segunda onda por suas normas rígidas de comportamento que esperam dos membros da congregação, como não cortar os pelos do corpo para as mulheres e evitar assistir televisão (Bledsoe, 2012).

2.5.3 A resposta da Igreja Católica ao movimento pentecostal

A igreja Católica em resposta ao movimento pentecostal, e com a finalidade de conter a sua expansão adotou práticas através da Renovação Carismática Católica, (RCC) movimento que se originou nos Estados Unidos e se adentrou ao Brasil no início da década de 1970 com características teológicas semelhantes ao pentecostalismo. A RCC concentrava em grande parte nas cidades interioranas agregando em sua grande maioria mulheres como participantes.

A igreja católica nas décadas seguintes continuou a buscar estratégias evangelísticas com o objetivo de conter o avanço do pentecostalismo e conseqüentemente a perda de fiéis. Segundo Mariano (1999) no ano de 1991, o papa João Paulo II, representante maior da igreja católica, esteve no Brasil e abordou temas como a perda de fiéis para as “seitas” e as providências e medidas que deveriam ser adotadas pelos Bispos que estavam reunidos durante o Congresso Eucarístico na cidade de Natal. Em 1997, na cidade do Rio de Janeiro no Conselho Episcopal Latino-Americano novamente o papa enfatiza sobre a expansão das igrejas evangélicas na América.

Para Mariano (1999), a Igreja católica ao perceber a perda progressiva de fiéis para as novas denominações religiosas adotou medidas e estratégias saindo do comodismo religioso, começou a ter programas na TV, passou a utilizar de várias emissoras de rádio, interagir e inserir cada vez mais a participação dos leigos nas celebrações, incentivar os sacerdotes a estarem mais disponíveis a ouvir os fiéis e acolhê-los dando-lhes maior liberdade para se expressar.

2.5.4 A influência do pentecostalismo nas igrejas evangélicas históricas

A diversificação religiosa no pentecostalismo aconteceu em outras denominações protestantes como as igrejas evangélicas históricas, os protestantes históricos para Spyer (2020 p.55) “[...] se refere aos cristãos pertencentes a igrejas surgidas como desdobramento mais imediato da Reforma Protestante a partir do século 16”. Portanto estaria incluso por exemplo a Igreja Batista, Metodista e Presbiteriana.

Para Mariano (1999), as igrejas históricas como as ligadas à Convenção Batista Brasileira, por exemplo, em 1965 passaram a sofrer transformações devido a influência do pentecostalismo na sociedade brasileira, ressignificando e interpretando as Escrituras e renovando a sua forma de cultuar. Os valores pentecostais, a crença dos dons espirituais, como o falar em línguas contribuíram para a divisão de igrejas que resultou em novas denominações autônomas. (Bledsoe, 2012).

Com isso, pode-se observar a complexidade e o dinamismo do movimento pentecostal e como tem alcançado diferentes denominações religiosas, independente das classificações religiosas e do recorte histórico, visa tornar a realidade mais inteligível facilitando a análise e compreensão (Mariano, 1999).

2.5.5 A terceira onda do movimento pentecostal

A terceira onda do pentecostalismo iniciou-se no final da década de 1970, e tem crescimento significativo a partir da década de 1980 e 1990. Enquanto a segunda onda surgiu na cidade de São Paulo, o movimento neopentecostal teve seu início na cidade do Rio de Janeiro com a Igreja Universal do Reino de Deus que se encontra difundida não apenas no Brasil, mas em vários países sendo umas das principais representantes do segmento.

Para Souza (2014), o contexto histórico em que emerge o neopentecostalismo, perpassou pelo momento de transição da ditadura militar para a democracia, período em que ocorreu a crescente migração urbana, o crescimento do desemprego, do tráfico de drogas e do alcoolismo. Nesse período histórico, grande parte das famílias brasileiras passaram a possuir a televisão, que se estabeleceu como não sendo um bem exclusivo apenas das camadas mais abastadas. O avanço do neoliberalismo e da tecnologia proporcionou mudanças significativas na sociedade influenciando o movimento da terceira onda neopentecostal.

As igrejas neopentecostais geralmente têm lideranças influentes, fazem oposição as matrizes religiosas de origem afro-brasileiras, seus cultos utilizam-se de bastante emotividade e expressões corporais, dão ênfase aos rituais de cura e tornam comuns as práticas de exorcismos, além de utilizarem em larga escala dos meios de comunicação para atingir um maior número de fiéis e possíveis novos adeptos da fé (Bledsoe, 2012; Mariano, 1999).

Ainda no bojo destas práticas, o neopentecostalismo utiliza em seu discurso a teologia da prosperidade, que possibilita segundo a crença dos fiéis, usufruir de direitos espirituais outorgados por Deus, como a bênção material, a cura física e espiritual. E as batalhas enfrentadas para alcançar as bênçãos e as adversidades encontradas durante a trajetória, são concebidas como obras do inimigo espiritual do cristão, o diabo.

O sociólogo Mariano (1999), destaca três aspectos fundamentais do neopentecostalismo:

Sobre as características fundamentais do neopentecostalismo, destaco três aspectos fundamentais: 1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da Teologia da Prosperidade 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade. Uma quarta característica, importante ressaltada por Oro (1992), é o fato de eles se estruturarem empresarialmente.

A teologia da prosperidade e a liberalização do uso e costumes são diferenciações significativas que as distinguem dos movimentos pentecostais anteriores. A teologia da

prosperidade se insere no contexto neopentecostal, segundo Nascimento (2009 p.157), “[...] tendo como plano de fundo a difusão do neoliberalismo a partir dos anos 1980 e da economia de mercado globalizada. Nesse tipo de leitura, o aspecto central é a ideia de retribuição”. Spyer (2020), também ratifica a ideia de retribuição como uma expectativa de recompensa após a conversão ou adoção das práticas religiosas neopentecostais, sendo o fiel estimulado a adotar atitudes empreendedoras.

Nessa perspectiva, a teologia da prosperidade característica marcante no mundo neopentecostal, não é fundamentada na ética clássica do protestantismo em que o indivíduo melhora suas condições gradualmente com uma postura organizada e sistemática de contínuo trabalho e dedicação. No universo neopentecostal a conversão representa uma expectativa de recompensa divina não apenas espiritual como material (Mariano, 1999).

Spyer (2020) coaduna com a visão de Mariano (1999), ao confirmar que a ética clássica protestante acerca da prosperidade por dedicação metódica ao trabalho, se distingue da ética neopentecostal que estimula os fiéis a terem atitudes dinâmicas e empreendedoras para conseguir “driblar” as dificuldades econômicas. O discurso sobre empreendedorismo é influenciado pela própria prática das maiorias das igrejas neopentecostais que são administradas com uma visão empresarial.

Os discursos atraentes e a visão empreendedora, o neopentecostalismo tem crescido de forma considerável e pode-se considerar a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a Igreja Internacional da Graça de Deus como as duas grandes denominações expoentes do segmento neopentecostal no Brasil. Das denominações neopentecostais que mais crescem, a Igreja Universal do Reino de Deus se destaca com 7.185 estabelecimentos religiosos no Brasil no ano de 2021 (IPEA, 2023), sendo a maior expoente do movimento neopentecostal no país.

Dados recentes do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2023) revelam números consideráveis, entre os 124.529 estabelecimentos existentes no país em 2021, 52% são evangélicos de denominações religiosas pentecostais ou neopentecostais, liderando o resultado, seguidos por 19% evangélicos tradicionais e 11% de católicos.

O neopentecostalismo nasceu sob a influência da Igreja Nova Vida representante do movimento pentecostal da segunda onda, que por sua vez contribuiu para formar líderes religiosos reconhecidos no meio neopentecostal como Edir Macedo, fundador e líder da Igreja Universal do Reino de Deus e Romildo Ribeiro Soares, conhecido como R.R Soares, fundador e líder da Igreja Internacional da Graça de Deus (Mariano, 1999).

A Igreja pentecostal Vida Nova deu início as principais características e práticas neopentecostais na contemporaneidade. Observa-se nos cultos religiosos das igrejas neopentecostais a luta espiritual contra o Diabo e a prosperidade material baseada na fé do indivíduo em contribuir financeiramente.

As práticas neopentecostais no entanto, vão de encontro às doutrinas do catolicismo brasileiro sendo muitas vezes criticado o discurso da Teologia da prosperidade não apenas por fiéis adeptos do cristianismo católico mas por pessoas que não pertencem ao catolicismo mas é importante salientar que a Teologia da prosperidade não se resume apenas as bênçãos financeiras segundo Spyer (2020), para o neopentecostal a prosperidade acompanha todas as áreas da vida, familiar, saúde, profissional e espiritual.

De modo geral, pelas características já descritas até aqui, os membros das igrejas neopentecostais são vistos e estereotipados como indivíduos sem senso crítico e fáceis de serem manobrados, contudo, de acordo com Spyer (2020 p.63):

Estudos recentes questionam essa visão sobre a ingenuidade do neopentecostal. Os trabalhos da antropóloga Diana Lima concluem que o público neopentecostal percebe criticamente a organização da igreja e seus líderes e sabe retirar da igreja aquilo que ele entende que poderá beneficiá-lo, especialmente a motivação para trabalhar e prosperar.

Já para Mariano (1999), existe no neopentecostalismo uma relação com a fé e as bênçãos materiais, de forma acentuada se comparado com os demais movimentos pentecostais anteriores que em seu discurso, fomentavam uma disciplina e conduta moral rígida.

Estudiosos como Spyer (2020) e Mariano (1999), ressaltam que atualmente muitos neopentecostais encontram alternativa para viver o pentecostalismo por meio de uma conduta menos rígida. Nesta perspectiva, os jovens se sentem atraídos pela versatilidade e a flexibilidade das igrejas neopentecostais. Observa-se que com esse perfil, muitos membros são mais abertos à música pop, mais flexíveis em temas como namoro, uso e costumes (que envolvem o uso de roupas e adornos). Assim, expansão das igrejas neopentecostais não influenciou apenas a vida dos seus membros, mas também a vida de integrantes de outras denominações evangélicas como os Batistas.

Sendo assim, os valores neopentecostais estão sendo incorporados e ressignificados em igrejas históricas como a Igreja Batista. Se antes o convite para visitar a igreja acontecia por meio dos fiéis na contemporaneidade se organizam para buscar novas estratégias evangelísticas para ganhar mais adeptos aumentando assim sua membresia.

De acordo com Spyer (2020 p. 65):

Um fenômeno similar - de tensão produzindo assimilação - acontece em organizações pentecostais que inicialmente se distinguem pela rigidez moral. Possivelmente jovens pentecostais, identificados com valores modernos e desejos de consumo semelhantes aos de seus pares nas escolas e vizinhanças, pressionam os líderes de suas congregações a ideia neopentecostal de que a conversão religiosa leva a prosperidade.

Os valores da sociedade contemporânea têm impregnado e influenciado a forma como os indivíduos percebem-se e interagem em seu meio social (Bauman, 2004; Lipovetsky, 2011). As expressões de fé e integração nos contextos religiosos são expressões dessas interações. Assim, pode-se observar através da forma como as igrejas neopentecostais se organizam em um sistema de gestão empresarial até o incentivo à membresia por meio dos discursos e cultos com temas voltados para finanças e como alcançar a benção espiritual e material nesta terra.

Para Nascimento (2009 p.92) “Cada vez mais os indivíduos tenderiam a relativizar a “autoridade institucional [...]”, valorizando por sua vez, e isso, positivamente, “sua percepção” e “sua leitura particular do mundo”. Em um contexto mais radical o membro sairia da denominação religiosa, em outros casos a divergência não ocasionaria em um afastamento total da denominação, mas parcial, com o membro indo com menos frequência aos cultos religiosos e em outros casos o membro permaneceria na denominação religiosa participando das atividades contudo, tecendo críticas ao grupo religioso seria o que o autor chama de “protesto simbólico”.

O movimento religioso contemporâneo neopentecostal é complexo cheio de nuances, para Mariano (1999 p.47) nas quais as “[...] práticas rituais, correntes teológicas, técnicas evangelísticas não respeitam fronteira denominacionais nem circulam somente em uma determinada vertente evangélica”. Segundo Lima (2007) não se pode limitar uma visão reducionista em que o fiel é um membro alienado, os membros das igrejas neopentecostais ressignificam o que consideram importante, especialmente se for para melhoria das suas condições socioeconômicas.

Spyer (2020), coaduna com a visão de Lima 2007 ao afirmar, que atualmente os cristãos evangélicos, especialmente os neopentecostais oriundos em sua maioria das classes populares são frequentemente rejeitados pelos antropólogos por não aceitarem a posição passiva de vulnerabilidade e vítima. Não se pode limitar uma visão reducionista em que o fiel

é um membro alienado e apenas uma vítima do sistema. Os evangélicos não aceitam a posição de vítima, dialogam com as lideranças e interagem com a sociedade.

De acordo com Nascimento (2009), no atual contexto neopentecostal, os indivíduos teriam o papel de “consumir” de forma a escolher os bens simbólicos que mais lhes agradassem e lhes fosse conveniente, além de ter a opção de escolher a denominação religiosa que mais se adequasse aos seus interesses e valores, pois possuem a liberdade de produzir sua própria síntese do processo através das vivências valorizando o seu bem-estar por meio da experiência religiosa.

O preconceito entre as classes médias e classe média alta para compreender fenômenos oriundos de classes populares, inclusive o neopentecostalismo, ainda prevalece. Sabe-se que o conservadorismo existente e a forma como ele se manifesta geram consequências prejudiciais para a sociedade brasileira, mas o fato da maioria ser constituída de negros e pertencerem as camadas populares e não se considerarem alienados ou vítimas do sistema, causa certo incômodo nas classes mais abastadas (Spyer, 2020).

A base para algumas críticas ao movimento neopentecostal é a coexistência do conservadorismo patriarcal e a ideologia individualista. Para Mendonça (2008) e Nascimento (2009) em muitos discursos religiosos na vertente neopentecostal, o movimento religioso encontra-se imbuído de valores contemporâneos como a ideologia individualista, o indivíduo é responsável pelas suas escolhas perante Deus e os homens.

Segundo Lima (2007), a sociedade contemporânea e as transformações sociais e culturais têm levado os indivíduos a escolher a denominação e ressignificar se necessário, os discursos religiosos de forma a atender os seus propósitos.

Os adeptos do neopentecostalismo, portanto, são flexíveis se comparado ao movimento anterior não possuem as características ascéticas de algumas denominações da primeira e segunda onda, não há regras rígidas quanto ao uso de vestimentas e adornos, os neopentecostais ressignificaram os usos e costumes tradicionalmente limitados, e, atualmente, interagem nas redes sociais, contudo quanto a alguns valores, permanecem semelhantes ao do pentecostalismo clássico como o conservadorismo relacionado a temas que envolvam homossexualidade, drogas e aborto, dentre outras pautas sensíveis (Mariano, 1999).

Embora sejam flexíveis em temas como uso de métodos contraceptivos e defenderem o planejamento familiar, são conservadores em outras temáticas que envolvem família aceitando apenas o casamento monogâmico e heterossexual. Os cristãos de forma geral, possuem uma visão conservadora de família, visão para Andretta (2020), que se faz

semelhante ao modelo de Poster (1978) de família nuclear burguesa, composta por homem, mulher e filhos.

2.5.6 As igrejas neopentecostais como redes de apoio para as famílias

Para Harvey (1992) a busca por restaurar valores e crenças em verdades eternas e o interesse por temáticas que envolvem a família na sociedade contemporânea é uma forma de lidar com a efemeridade da vida. Para Hervieu-Legér (2008 p.41):

Esta mesma modernidade secularizada oferece, geradora que é, a um tempo, de utopia e de opacidade, as condições mais favoráveis a expansão da crença. Mais a incerteza do porvir é grande, mais a pressão da mudança se intensifica e mais as crenças proliferam, diversificando e disseminando-se ao infinito. O principal problema para uma sociologia da modernidade religiosa é, portanto, tentar compreender conjuntamente o movimento pelo qual a Modernidade continua a minar a credibilidade de todos os sistemas religiosos, e o movimento pelo qual ao mesmo tempo, ela faz surgir novas formas de crenças.

Devido às incertezas e mudanças intensas na sociedade Souza (2014), afirma que a instituição familiar hoje significa um lócus de conflitos entre determinados grupos religiosos contra outras instâncias e grupos sociais que consideram ameaçadores e desagregadores, como os grupos feministas.

Dias (2017), ratifica o aspecto conservador de parte da sociedade brasileira ao eleger parlamentares evangélicos pentecostais e neopentecostais que defendem o discurso da família monogâmica tradicional, formada por homem e mulher, dificulta o reconhecimento de novos arranjos familiares.

Dessa forma, pode-se observar simultaneamente aspectos conservadores no neopentecostalismo e valores modernos. Os aspectos conservadores como o discurso da família monogâmica e valores modernos, como a busca pelo empreendedorismo, formas de adoração dinâmica, são adaptados e ressignificados de acordo com os aspectos que são significativos e relevantes para as denominações religiosas.

Esse processo de ressignificação, mesclando aos valores conservadores e contemporâneos frente às incertezas da vida contemporânea, contribuiu para a expansão das igrejas neopentecostais. Diversas famílias em busca de rede de apoio, segundo Spyer (2020), encontram nas denominações religiosas benefícios e assistência por meio das campanhas de alimentos realizadas pelas igrejas, oportunidades de trabalho, caronas, cestas básicas, ajuda em exames clínicos e laboratoriais.

De acordo com Andretta (2020) as igrejas colaboram em intermediações em conflitos familiares como os conjugais, vagas em internações ou tratamentos para dependentes químicos. As igrejas também oferecem atividades para os jovens, proporcionando aos familiares maior tranquilidade.

As igrejas neopentecostais nesse contexto, servem como rede de apoio social e afetivo, o apoio social contribui para o aumento da autoestima, senso de pertencimento, fortalecendo a autoimagem (Spyer, 2020).

Para Brito e Koller (1999, p. 120):

As redes de apoio têm sido trabalhadas a partir da representação de uma escolta, ou seja, sistemas ambientais que impulsionam e protegem a pessoa no seu desenvolvimento. O modelo denominado Escolta de Apoio social e Afetivo, conceitualizado por Kahn e Antonucci (1980) e Jackson (1987), é composto pelas interações sociais experienciadas ao longo do desenvolvimento do indivíduo: a primeira relação de apego, os papéis desempenhados o apoio social recebido e percebido entre outras.

Geralmente as áreas de discussão que são examinadas na Escolta de Apoio social afetivo são três: família, escola e organização comunitária. As dificuldades que as famílias têm que lidar frente aos problemas sociais, ausência de políticas públicas efetivas por parte do Estado, tem como consequências, o desemprego, o subemprego. A precariedade do sistema público de saúde, contribuiu para a procura de novas redes de apoio como as denominações religiosas.

Conforme vimos apresentado, no Brasil houve uma expansão significativa do protestantismo, especialmente a partir da década de 1990, muitos brasileiros oriundos de camadas populares vêm se convertendo do catolicismo a denominações evangélicas de origem pentecostal. A busca por redes de apoio e a expectativa de melhoria de vida são fatores contribuidores que ajudam a explicar a predominância das classes populares à fé neopentecostal.

Segundo pesquisas realizadas por Machado; Mariz (1996) e Gabatz (2016), a maior parte integrante da membresia das igrejas neopentecostais são compostas por mulheres, a maior participação das mulheres decorre da busca de redes de apoio para lidar com problemas econômicos e apoio afetivo através das relações, de modo a contribuir com a superação das perdas, dos problemas familiares, que envolvem casamento, divórcio, filhos.

Nessa perspectiva, da vivência dos fiéis, principalmente das mulheres, a tríade cura, exorcismo e prosperidade colabora para responder questões de cunho social e espiritual por meio das interpretações simbólicas e de suas vivências religiosas (Aragão Filho, 2011;

Bittencourt, 1994). A busca por soluções de ordem objetivas e subjetivas é uma alternativa em meio as dificuldades de acesso a respostas plausíveis. É importante destacar que, no Brasil, o acesso ao serviço público de qualidade torna-se escasso. Para Gabatz (2017) a cura divina se manifesta como um recurso espiritual de poder, misericórdia e providência divina para a maioria dos fiéis que possuem poucos recursos e dificuldades de acesso a um sistema de saúde de qualidade.

Em meio a uma sociedade com inúmeras transformações e mudanças, a religião se torna uma rede de apoio para muitas famílias. Em uma pesquisa realizada por Becker, Maestri e Bobato (2015), sobre o impacto da religiosidade na relação entre pais e filhos, foi evidenciado como a participação do movimento religioso constitui uma rede de apoio social e afetiva para seus participantes. Neste estudo, o movimento religioso não se refere a uma instituição religiosa ou denominação específica, mas ao encontro internacional de empresários e jovens associados que compartilham vivências profissionais e espirituais permeadas por valores cristãos.

Nesta pesquisa observa-se a importância atribuída da participação desses grupos para o fortalecimento dos vínculos afetivos, do senso de pertencimento entre os jovens e na vida de seus familiares e a contribuição para o lidar com questões adversas em momentos de crises familiares. Como resultado, foi observado como o movimento religioso contribuiu positivamente para melhorar o relacionamento entre pais e filhos.

De acordo com Perez, Simão e Nasello (2007) as atividades religiosas, como orações, leituras bíblicas, são práticas que envolvem a partilha da fé e da crença e contribuem para promover o aumento do senso de pertencimento e elevar a autoestima do indivíduo.

Sarti (2005), ao abordar o desenvolvimento dos jovens, demonstrou a busca destes por referenciais dentro e fora da família. Na pesquisa de Becher, Maestri, Bobato (2015), seriam os membros participantes do movimento religioso, pessoas próximas com valores e crenças semelhantes, pastores e líderes religiosos, as principais referências dos jovens.

Embora a moral religiosa contribua para proporcionar aos fiéis uma rede de relacionamentos, também influencia para se distanciar de outros meios de socialização, inclusive, os de familiares que não são adeptos à mesma fé (Spyer, 2020).

Entretanto, o processo de distanciamento não se restringe ao âmbito familiar: o processo de conversão a uma religião evangélica costuma trazer expectativas de melhoria nas condições de vida do fiel. Contudo, este também pode sofrer preconceito e ser discriminado por parte da sociedade sofrendo pressões internas e externas à instituição religiosa, sendo

vigiado e criticado por atitudes consideradas normais por outras pessoas que não são adeptas as suas crenças religiosas. Andretta (2020) em sua pesquisa, abordou a partir da perspectiva dos entrevistados, a discriminação sofrida pelos evangélicos e a imagem caricata construída destes, principalmente em relação a manipulação do fiel pelo pastor.

2.5.7 A influência dos valores simbólicos do neopentecostalismo nas famílias brasileiras

A Bíblia é o livro e manual sagrado do cristão, é através das suas interpretações que vão sendo formuladas as suas realidades simbólicas. Nessa perspectiva, a bíblia torna-se um símbolo sagrado para os cristãos que segundo Geertz (1989 p.103-104) “os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ‘ethos’ de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo.” Sendo assim, uma das passagens bíblicas mais utilizadas nas igrejas para reforçar a concepção cristã de família é a seguinte: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne” (Gênesis 2:24).

O modelo cristão de família alcança não apenas os pentecostais e neopentecostais, mas protestantes de diversas denominações e católicos. Essa compreensão de família, no entendimento de Andretta (2020), se torna, portanto, inseparável da religião. Sendo a Bíblia o livro de maior referência para os cristãos. É por meio dele que se justificam os padrões de comportamento, os papéis sociais que o homem e a mulher devem desempenhar na sociedade, inclusive no âmbito doméstico, como na criação dos filhos.

A “realidade sagrada” que se contrapõe com a “realidade do mundo” norteia a fé e as práticas das famílias evangélicas, inclusive as neopentecostais, esse movimento evangélico de grande expansão nas últimas décadas.

Na pesquisa realizada por Andretta (2020), alguns entrevistados relataram que ser considerado adepto de uma denominação evangélica é ser taxado de “tapado” e “bobo”, como sendo facilmente manipulado por pastores. No entanto, nos relatos das entrevistas analisadas pelo pesquisador, observa-se também que esses indivíduos se percebem como pessoas de fé e são procurados por pessoas que vivem na “realidade do mundo”. Ao mesmo tempo em que são criticados por viverem em uma “realidade sagrada”, são procurados por pessoas que não possuem a mesma vivência e por essa razão, buscam conselhos e orientação espiritual.

Ao mesmo tempo que os adeptos a fé neopentecostal incorporam e ressignificam valores contemporâneos, eles se adequam a valores conservadores. Segundo Altivo (2012), os

pentecostais e neopentecostais costumam a interpretar simbolicamente a sociedade com a dicotomia “igreja” e “mundo”. De acordo com Gabatz (2016, p.4-5):

Ou seja, há nas igrejas neopentecostais, [...], uma grande capacidade de selecionar, ressignificar e incorporar elementos de outras religiões, além da disponibilidade de adaptação pela sociedade, culminando numa plasticidade e dinamismo paradoxais.

Nesse dinamismo paradoxal, o processo de conversão pode atenuar conflitos familiares como também gerá-los, por exemplo, a convivência entre parentes que se convertem passando a adotar os valores e crenças das suas denominações, pode ser agravada com familiares que possuem valores distintos podendo até mesmo gerar inicialmente conflitos após o processo de conversão.

Em uma pesquisa realizada por Costa (2004), sobre mulheres pentecostais em famílias religiosamente plurais, as narrativas das mulheres tanto casadas quanto solteiras, revelam a importância da reciprocidade para manutenção da harmonia no âmbito familiar. Os relatos de falta de reciprocidade permeiam por acusações de se estarem mais envolvidas nas atividades da igreja do que com as “obrigações” familiares.

Os resultados sistematizados nessa pesquisa, apontam ainda, que companheiros têm receio de que suas mulheres se tornem menos atraentes, usando vestimentas longas, seguindo padrões ascéticos, desinteressantes para a manutenção da vida conjugal. Contudo, quando estes percebem que há uma melhora nas relações familiares, há uma melhor aceitação das crenças religiosas. As igrejas neopentecostais costumam transmitir valores menos rígidos e mais flexíveis em relação a vestimentas e adornos, especialmente a Igreja Universal do Reino de Deus, uma das maiores expoentes no meio neopentecostal (Costa, 2004).

As mudanças entre denominações religiosas é um fenômeno comum entre os membros das igrejas pentecostais e neopentecostais, quando os fiéis costumam procurar as instituições que melhor se adequem às suas necessidades (Machado, 2005). Geralmente a maioria da membresia dessas igrejas é do sexo feminino e essa particularidade também se justifica por essas igrejas conseguirem chamar a atenção das mulheres por temáticas que envolvem solução de problemas familiares por meio da prática da fé (Costa, 2004; Mariz e Machado, 1996).

O Brasil é um país extremamente plural nas configurações familiares e na religiosidade, o trânsito religioso é comum, especialmente nas igrejas pentecostais e neopentecostais, pois para muitos praticantes da religião não está posta na “placa da igreja” o mais importante, é pertencer a uma fé evangélica. De acordo com Spyer (2020, p.145), “Se

em alguns casos há famílias que aderem conjuntamente à mesma prática religiosa, em outros casos a fronteira separando evangélicos e não evangélicos passa dentro da casa das pessoas.”

Existem inúmeros fatores que contribuem para o trânsito religioso, como problemas com o alcoolismo, ou a necessidade de estar em uma denominação em que a pessoa se sinta acolhida, que lhe assegure uma rede de apoio estável, que acolha problemas de saúde necessitando da cura divina, que possibilite provisão financeira, controle a depressão e a ansiedade, ou auxilie no lidar com dificuldades familiares que envolvam matrimônio, filhos etc.

A busca por um ambiente familiar harmonioso influencia o momento da escolha do futuro cônjuge. Os fiéis são influenciados pelos valores religiosos de suas denominações e pela sua família. Em uma pesquisa realizada por Garcia e Maciel (2008), sobre a influência da religião na busca do futuro cônjuge: um estudo preliminar em comunidades evangélicas, foi constatado, como igrejas evangélicas históricas como a Presbiteriana e neopentecostal como a Igreja Universal do Reino de Deus, interferem na escolha dos futuros parceiros amorosos.

Essa pesquisa evidenciou que a maioria dos participantes das duas denominações consideravam importante casar e constituir família com parceiro da mesma religião. Sendo assim, de acordo com os dados obtidos, a religião é um fator importante no momento da escolha, que por sua vez pode influenciar a estrutura sociocultural de forma que os casamentos entre membros da mesma igreja contribuam para a estabilidade do grupo religioso (Garcia e Maciel, 2008). Esses resultados atestam que a religião e a família influenciam na escolha do futuro cônjuge, em um movimento que os possíveis filhos desses casais serão influenciados por suas crenças e valores.

No contexto das igrejas pentecostais e neopentecostais, ao mesmo tempo em que a figura feminina é estimulada a assumir e desempenhar seu papel no lar e entender a ordem hierarquia existente e seu dever de submissão para com o marido, estudos como o de Couto (2002), apontam a importância que as mulheres adeptas da religiosidade pentecostal conseguem, obter a partir de maior autonomia por meio da participação ativa na igreja. Também se observou que essas mulheres incentivam o companheiro a aderir aos valores religiosos pelo processo de conversão a fé. Essa pesquisa apontou ainda, como a participação dos homens após aderirem a fé religiosa, contribui para torná-los mais participativos no lar, fator considerado positivo para a maioria das mulheres.

As mulheres têm se tornado mais participativas em todas as instâncias da sociedade e na contemporaneidade têm assumido papéis que antes eram apenas destinados aos homens. A

maior inserção feminina em espaços predominantemente masculinos, repercutem para outros segmentos como as instituições religiosas.

Pode-se observar nessas mudanças significativas dos papéis sociais das mulheres no âmbito das igrejas evangélicas, a consagração destas no exercício do ministério pastoral. Esse fenômeno tem sido contemplado em várias denominações neopentecostais e até mesmo em igrejas pentecostais que durante muitos anos demonstraram resistência em aceitar mulheres como sacerdotisas (Machado, 2005).

As transformações ocorridas na sociedade contemporânea, o movimento feminista, a revolução sexual, a descoberta da pílula anticoncepcional, a inserção da mulher no mercado de trabalho, os novos valores que permeiam as relações humanas, influenciam a dinâmica religiosa, apesar de movimentos de resistência existentes dentro das denominações religiosas.

Apesar das transformações que vêm ocorrendo em várias denominações religiosas, o discurso majoritário ainda é permeado por conservadorismo no que tange ao papel da mulher. Spyer (2020), ao observar o uso das passagens bíblicas sobre os diferentes papéis exercidos por homens e mulheres dentro e fora do âmbito doméstico, ressaltou que na igreja evangélica o homem, na maioria das vezes, possui a última palavra nas decisões familiares.

Apesar da prevalência da autoridade masculina, Machado (2005) e Spyer (2020) abordam maior autonomia das mulheres após aderirem à fé pentecostal e maior expectativa de arranjos familiares mais igualitários. De acordo com Machado (2005 p.389):

O pentecostalismo combate a identidade masculina, predominante na sociedade brasileira, estimulando nos homens que aderem ao movimento as formas de conduta e as qualidades tradicionalmente alocadas ao gênero feminino. Assim como as mulheres, estes devem ser dóceis, tolerantes, carinhosos, cuidadosos etc., levando uma vida ascética por uma moral sexual rígida.

Machado (2005), em seus resultados, utiliza o termo “domesticação dos homens” se referindo aos que se convertem e passam a adotar práticas relacionadas à fé pentecostal. A pesquisadora também identificou que, mulheres que buscam as igrejas evangélicas pentecostais como aliadas para a solução de problemas familiares, no processo de conversão do marido, têm expectativa de um arranjo familiar mais harmônico. A rede de apoio, a socialização fora do ambiente doméstico, a autoridade moral e maior autonomia perante o esposo e filhos, acaba por estimular a individuação das mulheres na fé pentecostal.

2.6 FAMÍLIA E O DISCURSO DA SUBMISSÃO FEMININA NO CONTEXTO NEOPENTECOSTAL

No Brasil, o avanço do neopentecostalismo ocorreu na década de 1990, a partir de um movimento que teve origem nos Estados Unidos e tem a teologia da prosperidade como um de seus fundamentos, o resgate de valores patriarcais e discursos religiosos que fomentam a submissão feminina, ultrapassando o âmbito da igreja por meio das redes sociais e exemplares de jornais e livros publicados com a temática religiosa que envolve aspectos comportamentais da conduta da mulher cristã. Os neopentecostais creem que por meio de sua fé, esforço e foco no trabalho, se conseguirá driblar as dificuldades impostas no decorrer da vida, e, grande parte do seu público, vem das classes populares.

2.6.1 A hierarquização dos papéis masculinos e femininos no cristianismo

O apoio encontrado nas igrejas por meio de vínculos de hierarquia semelhantes aos familiares, contribui para o processo de adesão de muitas mulheres mães, atraídas pelo discurso neopentecostal e a rede de apoio que suas denominações promovem exercendo muitas vezes a função do Estado. Para muitos antropólogos da religião são distintos os fatores que levam à conversão da mulher e do homem. Geralmente as mulheres tendem a procurar a fé religiosa como forma de lidar com conflitos familiares, seja de ordem conjugal, como traições ou problemas com filhos (Spyer, 2020).

A naturalização do papel feminino e masculino e o discurso da submissão feminina são apropriados pelas mulheres e a maternidade é vista como intrínseca à natureza feminina como fator que define sua identidade.

O processo de construção das identidades masculino e feminino perpassa por um imaginário simbólico em que a mulher e o homem desempenham papéis distintos na sociedade, como se fossem inerentes a cada sexo. Estes papéis são desempenhados na família, na Educação, na Ciência, na Política e na Religião (Safiotti, 1976).

Para Bloch (1995) o pensamento da hierarquia do cosmos influenciou e norteou a construção do discurso e a hierarquização dos papéis femininos e masculinos pela Igreja durante o período da Idade Média. Esse pensamento baseou-se na interpretação de que todo ser vivente encontrava-se em um patamar de valor superior acima de si mesmo e inferior. Os

superiores comandavam os inferiores, através dessa estrutura os espíritos ocupavam um patamar elevado, Deus seria a causa final de todas as coisas.

O filósofo São Tomás de Aquino, pensador medieval e principal filósofo da escolástica, vertente da filosofia cristã buscou conciliar razão e fé, ajudou a contribuir para a formação dessa antropologia cristã. Em seu pensamento afirmava que a mulher se encontrava mais próxima da matéria do que o homem, remetendo a dicotomia espírito- matéria, em que por causa da natureza o homem ocupa um lugar mais elevado do que a mulher (Bloch, 1995).

René Van Eyder (2001), também afirma que em algumas correntes fora do cristianismo, que apregoam a dualidade entre espírito e a matéria contribuíram por conduzir uma atitude depreciativa no que se refere à imagem feminina.

Nessa perspectiva, o mito criacionista cristão foi utilizado durante séculos para perpetuar a submissão feminina e a hierarquização. Segundo Bloch (1995) em suas pesquisas sobre misoginia medieval existem duas histórias para a versão Jeovista da Criação, a primeira em que diz: “E Deus criou o homem a sua imagem, à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher (Gênesis 1:27) que também se tornou conhecida como a versão “sacerdotal”.

No entanto a versão foi suprimida na história da Criação, apesar de o Gênesis sacerdotal ter sido anterior, é a narrativa javista da Criação (Gênesis 2:7) que foi apropriada pelo discurso filosófico Medieval, que gerou no discurso a diferenciação sexista. Um exemplo são as passagens bíblicas utilizadas sendo Adão o primeiro a dar nomes às coisas que Deus criou, e a mulher vista como ajudadora, o que a relegou a desempenhar um papel secundário. “O homem não deve cobrir a cabeça porque é a imagem e glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem” (I Coríntios 11:7-8), pois a mulher nesta versão é apenas complementação da natureza essencial do homem (Bloch,1995).

Nessa perspectiva Braga (2014), afirma em suas pesquisas que as interpretações dos patrísticos⁵, representantes da vertente da filosofia Cristã no período de transição da Antiguidade para a Idade Média, acerca do pecado original e o mito criacionista difundido pela igreja Católica, principalmente durante o período da Idade Média, que retrata Eva (representação do feminino), como a mulher que transgrede as leis de Deus levando o homem a pecar. Inclusive, a narrativa de a mulher ter “surgido” da costela de Adão dará margens às interpretações, como imperfeição e obediência da mulher ao homem.

Ainda segundo Braga (2014), apesar das interpretações de subordinação da mulher serem fundamentadas pelos textos bíblicos, houve algumas inovações teológicas com o

⁵ Os patrísticos são os representantes da tradição filosófica e teológica cristã escrita e desenvolvida no período de transição da Antiguidade para o período medieval.

pensamento de Santo Agostinho, um dos principais expoentes da patrística. Santo Agostinho trouxe uma visão teológica sobre a sexualidade feminina como fator positivo, contrariando a maioria dos pensadores da filosofia dos padres. O pensador não atribuía a culpabilidade feminina pela entrada do mal no mundo, mas atribuiu responsabilidades semelhantes tanto para o homem como para a mulher, no entanto seus ensinamentos não renovaram a perspectiva da hierarquização e subordinação feminina.

Nesta perspectiva, o autor analisa que embora a visão de um dos maiores expoentes da patrística seja diferenciada no que concerne a responsabilidade da entrada do pecado original no mundo, se perpetuou durante séculos no imaginário coletivo, a atribuição de maior responsabilidade à figura feminina. A construção do pensamento da hierarquização no mundo medieval influenciada pela cultura greco-romana, e fundamentada nos textos bíblicos foi a base para a construção do pensamento medieval acerca da subordinação feminina.

Para Saffioti (1976), a construção do pensamento medieval acerca da subordinação feminina continuou propagando séculos posteriores, segundo a autora a visão do Papa Pio XI no século XX acerca da hierarquia na família, configura como um princípio contido na bíblia em que o homem é a cabeça e a mulher o coração. Ou seja, o homem governa, e por meio da razão ordena os comandos. A submissão da mulher ao homem é um princípio com respaldo bíblico sendo considerada uma verdade eterna para os cristãos e para a Igreja. Para o Papa Pio XI o modo como a mulher irá se submeter, depende do contexto e do tempo e dos lugares e pessoas as quais a mulher estará inserida e se porventura o homem não cumprir o seu papel cabe a mulher direcioná-lo a sua família.

De acordo com as pesquisas realizadas por Santana (2019), até em matrizes religiosas distintas da cristã, o mito do pecado original perpassou gerações contribuindo para aceitação do evangelho por parte das mulheres como forma de expurgar os pecados. Nos discursos que percorreram séculos na cultura ocidental observa-se também que foram fundamentais a noção de mulher com ambiguidade, contradição, símbolo da volúpia e da luxúria que o mito da criação ajudou a sustentar, sendo este um alicerce para fundamentar a hierarquização e inferiorização da mulher na cultura ocidental.

Este pensamento é sustentado por meio das passagens bíblicas do Novo Testamento com as cartas Paulinas. No livro de I Timóteo 2:14 o apóstolo instruiu como acerca da conduta ideal da mulher cristã e sua vocação para a maternidade:

11 A mulher deve aprender em silêncio, com toda a sujeição.12 Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em

silêncio.¹³ Porque primeiro foi formado Adão, e depois Eva.¹⁴ E Adão não foi enganado, mas sim a mulher, que, tendo sido enganada, tornou-se transgressora.¹⁵ entretanto, a mulher será salva dando à luz filhos — se elas permanecerem na fé, no amor e na santidade, com bom senso. (Bíblia, I Timóteo 2:14).

As passagens bíblicas contidas no livro de Gênesis e nas cartas Paulinas foram utilizadas para a construção do pensamento hierárquico na família e na subordinação da mulher no lar e sua intrínseca vocação para a maternidade naturalizada pelos desígnios divinos.

2.6.2 A estrutura dos códigos domésticos e sua influência na hierarquização familiar

Segundo Barr (2022), durante o patriarcado romano, as mulheres casadas deveriam ser submissas aos seus cônjuges e as solteiras deveriam se submeter aos seus pais ou parentes do sexo masculino com maior grau de proximidade, não podendo possuir propriedades e negociá-las sem a presença de um homem que efetivamente as direciona-se, assumindo a frente das transações e dos negócios.

Para essa autora a estrutura dos códigos domésticos acerca da conduta da mulher contidas nas cartas paulinas é um reflexo histórico da influência e do poder do pater famílias. Nesta perspectiva, o patriarcado não torna os cristãos distintos, mas semelhantes.

Na Roma antiga, período em que as cartas paulinas foram escritas, as mulheres deveriam se submeter aos homens sendo menores que eles na hierarquia familiar. Os maridos deveriam transmitir as informações necessárias às suas esposas. Em fóruns públicos as mulheres não deveriam se manifestar, devendo permanecerem em silêncio. A escrita de Paulo e suas instruções acerca da conduta da mulher no âmbito familiar e no público são condicionadas ao seu contexto histórico.

Barr (2022), analisa ainda que, possivelmente, não foi a intenção de Paulo impor uma hierarquia rígida de gênero que repercute na esfera pública e privada atingido as relações familiares. O apóstolo inclusive fez saudações e elogiou diversas mulheres que participavam de forma ativa dos ministérios, desempenhando papel significativo como consta na Bíblia no livro de Romanos capítulo 16. Assim, é importante sinalizar que os códigos domésticos contidos nas cartas Paulinas refletem como a igreja primitiva estava tentando conciliar o patriarcado romano com os valores cristãos.

Para Braga (2014), o que se crê entre alguns estudiosos é que os esforços pela centralização do poder da igreja sob a égide de um bispo em Roma, trouxeram consigo a

adaptação da seita judaica dos nazarenos aos padrões filosóficos e sociais patriarcais, padrões filosóficos que têm sido adaptados e ressignificados pelas religiões de matrizes cristãs.

Os códigos domésticos estabelecem os papéis que cada um deve desempenhar na família e exige que o marido deve sacrificar a vida pela esposa, exatamente o oposto que se espera da lei romana em que o marido deve exercer autoridade e poder sobre a mulher. Segundo Barr (2022), mulheres casadas submissas e sob a tutela de seus maridos simbolizavam o sucesso da sociedade romana. Mulheres abastadas, autônomas e independentes não eram bem-vistas.

2.6.3 A hierarquização dos papéis masculino e feminino e sua influência na família brasileira

De acordo com as pesquisas realizadas por Reis (2018), o mito criacionista influenciou e reafirmou a natureza do feminino como estigmatizada pela transgressão. Para o autor, esse pensamento misógino é bem notável em um famoso tratado de demonologia⁶, que foi escrito por Heinrich Kramer e Jacob Sprenger, ambos dominicanos alemães, publicado em 1486. Esse tratado relatava que havia uma falha na criação da primeira mulher que é por natureza mais propensa ao mal por ter sido ela tirada de uma costela recursiva.

Na historiografia brasileira, observa-se no Brasil Colônia, que o casamento das mulheres acontecia com homens bem mais velhos, o pai deixava de ser senhor, e passava ser seu marido quem exercia o controle de toda a vida social da mulher, no entanto depois de casada, o casal sofria influência e interferência da igreja (Freyre, 2012).

De acordo com a pesquisa realizada por Araújo (2006), era o pai quem escolhia o noivo, a mãe se preocupava com o despertar da sexualidade da filha, um dos motivos pelo qual o casamento acontecia cedo, a partir dos 12 anos. Algumas mães se preocupavam quando a filha chegava à idade de 15 anos sem se casar.

Sendo assim, na sociedade misógina no período colonial, a grande dádiva da vida de uma mulher era ser mãe. Araújo (2006) analisa que, em razão da influência católica, a mulher se distanciava da imagem estigmatizada de Eva, e se aproximava de Maria, exemplo submissão pois, segundo os relatos bíblicos, aceitou passivamente o seu destino como mãe do Salvador. A simbologia de Maria até hoje é propagada no ideário católico pois o seu exemplo serviu (e busca servir) de modelo para muitas mulheres, ao contrário da imagem de Eva, que

⁶ O tratado de demonologia *Malleus Maleficarium*, também conhecido como “O martelo das bruxas” publicado em 1486 pelos dominicanos Heinrich Kraemer e James Sprenger. Este tratado tornou-se guia dos inquisidores e atribui exclusivamente à mulher a ligação com magias ocultas e pecaminosas.

no mito criacionista representa a desobediência e a insubmissão. A imagem de Maria, representa a mulher de conduta irrepreensível, virginal antes e após o nascimento do filho de Deus, obediente aos desígnios divinos mostra doçura e submissão. Com essa representação do feminino na História, a Igreja Católica tentava controlar os pensamentos e desejos das mulheres. Desse modo, os valores misóginos que eram inseridos eram propagados pelo ambiente doméstico católico e terminavam por se expandir no meio social como um todo (Araújo, 2006).

Nessa perspectiva, a ciência médica no período colonial influenciou para fundamentar o discurso religioso e as práticas da Igreja. De acordo com Del Priori (2006), a ciência médica no século XVI ao XVIII interferiu para a propagação dos valores misóginos. A medicina da época era incipiente e carregada de mitos, a doença era vista como castigo divino por transgressões cometidas pelos fiéis. Neste período, no imaginário popular, coexistiam no corpo da mulher, Deus e o Diabo que lutavam entre si. Sendo assim, doenças que assolavam o corpo da mulher poderiam ser explicadas como pecados ou transgressões cometidas, despertando a fúria divina.

Dentro deste contexto, os médicos acreditavam que a mulher se distinguia do homem não apenas fisiologicamente, mas também por atitudes morais. Neste período em que a medicina estava associada a crenças, feitiços e mitos, foram criados argumentos para explicar o processo de funcionamento do corpo da mulher (Del Priori, 2006).

Devido aos avanços tecnológicos e maior processo de urbanização e transformação social, o discurso de hierarquização familiar passou por adaptações após o período colonial. De acordo com as pesquisas realizadas por D'Incao (2006), durante o período do século XIX ocorreram mudanças significativas no Brasil com a ascensão do ideário burguês e a emergência da República, essas transformações ressignificam o discurso religioso e as práticas das famílias. Os hábitos de vida das famílias abastadas começaram a sofrer grande influência do imaginário da aristocracia portuguesa. Para D'Incao (2006), a família burguesa, contribuiu para reforçar no imaginário coletivo a importância do amor familiar e do cuidado com o esposo e com os filhos, redefine e distingue o papel feminino do masculino no âmbito doméstico.

A mulher era incentivada pela imprensa da época a desenvolver seu papel de guardiã do lar e da família, a medicina incentivava as mulheres a cuidarem da casa, de seus maridos e combater o ócio (D'Incao, 2006). O cotidiano urbano que praticamente não existia passou a sofrer grandes modificações, estabelecendo assim os interesses do capitalismo.

Del Priori (2006), Rizzini (2004) e D'Incao (2006), em suas pesquisas já demonstraram que no século XIX o programa educacional destinado às famílias burguesas afirmava uma educação para meninos bem diferente da dirigida às meninas. O aprendizado destinado as meninas eram restritas de forma rápida, somente as mulheres que eram encaminhadas aos conventos aprendiam latim e música. O futuro das mulheres em sociedade era bordar, coser, ler, e aprender coisas “úteis” para o bom funcionamento do lar e da família.

Como boas esposas as mulheres deveriam “aprender a arte”, de prender seus filhos e maridos, pelos seus encantos desenvolvidos no âmbito doméstico (Del Priori, 2006; Rizzini, 2004). Apesar do ideal feminino que pairava no meio social, a maioria das meninas nunca chegava a frequentar tais aulas, então o aprendizado acontecia em casa, em trocas de confidências com outras mulheres sejam do âmbito familiar, ou círculos mais próximos, livres ou escravas.

Nessa perspectiva, a pesquisa de D'Incao (2006) coaduna com a de Soihet (2006) que afirma que o comportamento feminino das classes mais elevadas, a pressão dos juristas acerca da conduta da mulher conciliava-se com o ideário burguês de mulher honesta e submissa restrita ao âmbito privado.

Para Soihet (2006), a mulher burguesa tinha que conter os seus desejos preocupando-se com a aprovação dos outros. As mulheres eram incentivadas a estarem presentes em lugares que a alta sociedade frequentava como teatros, bailes, cafés, dentre outros, contudo sempre acompanhadas. A vigilância deveria ser exercida, porque as ruas eram consideradas ambientes de desvio moral e conduta. O ideário burguês se tornava difícil de ser atingido pelas mulheres das camadas pobres que precisavam trabalhar.

Nesse contexto histórico, no final do século XIX e início do século XX, as mulheres das classes populares possuíam maior liberdade de caminhar pelas ruas, maior autonomia em tomadas de decisões, contudo o seu trabalho não era devidamente valorizado, isto ocorria devido a ideologia dominante de que a mulher trabalhava apenas para si. Para Soihet (2006), essa leitura permanecia como consequência das concepções relativas à inferioridade feminina e a superioridade da natureza masculina e a crença na falta de competência e habilidade feminina como capaz de desempenhar papéis exercidos por homens. Devido a esse contexto, para Fonseca (2006), a implantação do modelo de família nuclear burguesa foi difícil no Brasil, as camadas populares possuíam costumes próprios e realidade e vivências distintas das classes mais elevadas.

Nessa perspectiva, Soihet (2006) e Fonseca (2006) analisaram que o ideário burguês se tornou difícil de ser atingido pelas mulheres das classes populares, no entanto a ideologia burguesa e suas concepções acerca da conduta ideal não deixavam de influenciar o comportamento das massas. Nesse sentido, o casamento era aspiração para muitas mulheres que idealizavam constituir família e se sentiam inferiorizadas com a condição do concubinato, mesmo trabalhando fora do âmbito familiar e geralmente, assumindo as responsabilidades do cuidado dos filhos e dos afazeres domésticos.

Soihet (2006), sinaliza que dessa forma, os homens das classes populares também eram atingidos pelo ideário burguês, ainda que não possuíssem condições materiais de arcar sozinhos com a imagem de provedores da família, encontravam nas companheiras um refúgio para as mazelas sociais que enfrentavam, contudo perpetuavam a mentalidade dominante de que a mulher era sua propriedade privada.

Nesse contexto, de acordo com Louro (2006), a educação voltada para a mulher nas últimas décadas do século XIX, interligava o processo de modernização da sociedade e higienização à família. O discurso propagado na época reforçava a ideia de que mulheres deveriam ser “honestas, ordeiras e asseadas”, e caberia a elas, a tarefa de educar e orientar os filhos, controlar seus homens e preparar cidadãos trabalhadores e disciplinados para as mudanças sociais que estavam ocorrendo. Nesse contexto, muitos setores da sociedade não concebiam a educação feminina sem uma sólida formação cristã, pois acreditavam ser esta a chave para o processo educativo.

Não somente Louro (2006), mas outros pesquisadores como Del Priori (2006); Rizzini (2004), afirmam que nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, houve também um crescimento da inserção das mulheres no mercado de trabalho. Nesse período, começaram a surgir oportunidades profissionais para se atuar em algumas áreas como professora, vendedora, enfermeira dentre outras profissões, que começaram a surgir a partir de algumas mudanças que vinham ocorrendo no cenário social. No entanto, crescia o discurso opositor em vários setores da sociedade, que apregoava que as mulheres que trabalhavam deixariam de lado o seu marido, a casa e seus afazeres domésticos, portanto os papéis pré-definidos eram vistos como uma forma de manter o equilíbrio conjugal e da própria sociedade.

Assim, percebe-se uma nítida hierarquia, em que o homem era o detentor do poder, e a esposa era uma autoridade que vinha após as decisões do marido. Qualquer modificação desta estrutura hierárquica poderia provocar instabilidades no âmbito familiar.

Apesar de algumas transformações sociais e o crescimento da inserção da mulher no mercado de trabalho, de acordo com Fonseca (2006) no início do século XX, as mulheres pobres continuavam a sofrer preconceitos e pressões morais que não condiziam com a realidade e suas vivências. O salário dos companheiros dificilmente seria o suficiente para suprir as necessidades básicas da família. As mulheres nesse contexto, viam-se obrigadas a trabalhar e lidar com o assédio em ambientes de trabalho. As mulheres que trabalhavam nas fábricas pareciam mais expostas ao assédio sexual.

As transformações dos papéis feminino e masculino continuaram a acontecer, em meados do século XX, de acordo com Bassanezi (2006), nesse momento histórico o Brasil da década de 1950 vivenciou um período de ascensão da classe média, o crescimento urbano e o processo de crescente industrialização que aumentaram as oportunidades no mercado de trabalho tanto para homens como para mulheres, contudo a mulher ideal continuava sendo definida a partir dos papéis tradicionais de cuidadora do lar, dos filhos e do marido.

Para Bassanezi (2006 p. 626) “[...] a sociedade conjugal pressupunha uma hierarquia, respaldada pela legislação, em que o marido é o chefe, detentor de poder sobre a esposa e os filhos, a quem cabiam as decisões supremas, a última palavra.” O diálogo no auge dos anos dourados não era descartado como possibilidade entre o casal, mas, devido a crença na natureza e em Deus, cabia ao homem direcionar a família.

Na década de 1960, Saffioti (1976) ajudou a analisar e levantar novos questionamentos sobre os papéis feminino e masculino. Para a socióloga, mesmo que fundamentada por referências bíblicas, a hierarquia familiar não pode ser considerada como verdade eterna, nesse sentido, as suas pesquisas abordam os avanços da Ciência como meio de diminuir, por exemplo, a dor do parto, contudo na Bíblia em Gênesis 3,16 “em dor dará luz a filhos” interpretada por muitos cristãos durante séculos como consequências do pecado na vida da mulher.

Nessa perspectiva, para Saffioti (1976), a Igreja pode atuar como grupo de pressão e contribuir de forma significativa para proporcionar à mulher maior espaço atuante nas sociedades ocidentais. As mulheres têm sido mais participativas e obedientes à igreja observando os ensinamentos religiosos mais do que os homens. Contudo, a pesquisadora enfatiza que gradativamente o discurso religioso perderá a plena adesão por devido à emancipação feminina e a participação ativa das mulheres na sociedade transcendendo o âmbito doméstico.

No contexto de 1970, valores como a submissão feminina sofreram maiores questionamentos e direitos iguais para ambos os sexos começaram a ganhar proporções maiores na sociedade brasileira, isso devido aos avanços consideráveis que se obteve ao longo do tempo, principalmente com o movimento feminista, como o direito ao planejamento familiar – já que sexo e reprodução não andavam propriamente juntos – por meio do conhecimento dos métodos anticoncepcionais (Saffioti, 1976).

Apesar de alguns avanços analisados por Saffioti (1976), pesquisas como a de Muraro (1983), – que tiveram mulheres como participantes – que analisou a vida de mulheres burguesas apontam que, na compreensão das participantes, a vida do homem é melhor, em comparação a das mulheres, pois, argumentam possuir mais liberdade do que elas. Para Muraro (1983), a mulher ao contrário do homem, não é o centro de suas próprias decisões, pois a elas são dadas as melhores posições sociais, e privilégios.

2.6.4 A resignificação dos papéis familiares no contexto neopentecostal

Na década de 1980, começou a ocorrer a expansão das novas denominações religiosas de matrizes cristãs, as igrejas neopentecostais. Assim como para as demais igrejas cristãs, a Bíblia é o principal livro de referências para a utilização do discurso de hierarquia familiar e da submissão feminina. Para Barr (2022 p. 225) “[...] a controvérsia fundamentalista - modernista do início do século XX, dividiu os protestantes em campos liberais e conservadores, lançando base para as guerras culturais modernas.

Na compreensão desta autora, a abordagem liberal ensejava maior liberdade para modernizar as crenças tradicionais e os conservadores desejavam preservar as tradições religiosas das mudanças que vinham ocorrendo na sociedade. As transformações contribuíram para debates envolvendo a crença de que a Bíblia é sem erros, verdade eterna estando acima da Ciência. Nesta perspectiva, muitos cristãos evangélicos optaram por crer na inerrância e em princípios e ensinamentos bíblicos tradicionais como atemporais.

Barr (2022), ainda aponta que no início do século XX nos Estados Unidos, à medida que as mulheres se destacavam como pregadoras no campo evangelístico e missionário, principalmente as oriundas de denominações pentecostais, reforçavam cada vez mais a inerrância da Bíblia, utilizando e interpretando as passagens Bíblicas que se referem às mulheres. A utilização do conceito de *inerrância* visava inibir as mulheres de desenvolver

atribuições ministeriais, isto é, atribuídas para os adeptos apenas ao sexo masculino. Até hoje, muitos líderes utilizam o argumento de que ou se acredita na bíblia em sua totalidade ou não.

Ainda na contemporaneidade, existem líderes de denominações religiosas que se apropriam do discurso da inerrância bíblica, contudo, segundo Gabatz (2016), as transformações que vêm ocorrendo na contemporaneidade têm transformado as práticas das denominações religiosas, especialmente as neopentecostais. As interpretações e a flexibilização para o exercício de lideranças ministeriais têm atingido diversas denominações religiosas até as denominações que durante décadas foram bastante resistentes às transformações nesse âmbito, como a igreja Assembleia de Deus.

De acordo com Aragão Filho (2011), estudos contemporâneos demonstram que as relações existentes dentro das denominações religiosas vêm sendo transformadas no decorrer do tempo. O exercício do sacerdócio por mulheres em igrejas pentecostais, não é um fenômeno que se iniciou com a chegada do neopentecostalismo, no Brasil, por exemplo, desde a década de 1950 com o pentecostalismo a igreja do Evangelho Quadrangular já ordenava mulheres, no entanto vale salientar que esta mesma igreja fora fundada por uma mulher, a evangelista Aimée Mcperson (1890-1944) nos Estados Unidos.

Como vimos demonstrando, as transformações sociais na contemporaneidade e o avanço tecnológico, deram maior inserção da mulher no mercado de trabalho, mas estes foram fatores contribuidores para acentuar as transformações no âmbito religioso. Com o surgimento do neopentecostalismo influenciado por novos valores advindos dessas novas relações sociais, começaram a se expandir o número de igrejas e a influência da liderança feminina nos espaços religiosos.

Não obstante as projeções das mulheres no mundo contemporâneo, as dificuldades enfrentadas para que as mulheres assumam o papel de liderança, possui raízes históricas. As relações de poder nas denominações evangélicas foram fundamentadas na dominação masculina. Sendo assim, durante muito tempo a mulher exerceu papel secundário sendo vista como auxiliadora do seu cônjuge, assumindo uma posição inferior à do homem. Na família, a mulher durante muito tempo exerceu papel coadjuvante, compreendendo que o esposo cabe a última palavra nas decisões sendo o líder por natureza (Aragão Filho, 2011).

Essa perspectiva, coaduna com Teles (2020), que assina que na sociedade ocidental por séculos os homens exerceram papéis de autoridade em diversas funções, seja na vida pública ou privada, sendo colocado em papéis de destaque, sendo usados textos bíblicos e

interpretações que justificaram e fundamentaram tal compreensão do exercício da autoridade masculina.

No entanto, segundo Gabatz (2016), a liderança feminina tem ganhado cada vez mais espaço nas denominações religiosas evangélicas, devido ao entendimento de que a mulher possui habilidades próprias da sua natureza. Cada vez vem sendo mais comum no interior das igrejas, mulheres exercerem na ministérios de liderança Apesar do avanço exercício de papéis dentro das igrejas, existem algumas denominações – mesmo entre as igrejas neopentecostais resistentes quanto ao exercício do pastorado feminino.

Apesar dos avanços, existem barreiras ainda impostas no tocante ao exercício do pastorado feminino, pois esta atividade possibilita à mulher maior autoridade eclesiástica. O espaço que as mulheres têm ganhado no exercício de ministérios dentro das igrejas tem fomentado discussões acerca de seu papel social, inclusive na família. Gabatz (2016), avalia que as denominações religiosas que autorizam o pastorado feminino ainda são imbuídas pelo discurso hierarquização, e em suas práticas eclesiásticas ainda mantém as mulheres submissas à autoridade masculina.

Cabe ressaltar que também, as insatisfações decorrentes da restrição de autonomia para o exercício de papéis dentro das denominações, as igrejas evangélicas contribuíram para significativas transformações. O neopentecostalismo tem sido um grande exemplo de movimento evangélico em que muitas mulheres não satisfeitas com as limitações e restrições impostas tem se autoproclamado pastoras entre outras autoridades na hierarquia religiosa, ganhando cada dia mais espaço, sendo preletoras notáveis das denominações que participam (Gabatz, 2016).

Sendo assim, nas denominações religiosas neopentecostais, existe um processo de ressignificação dos membros adaptando as crenças e valores religiosos às suas vivências, estando incluso os papéis sociais na família e temáticas envolvendo divórcio e sexualidade (Toledo-Francisco, 2002).

Tal processo de ressignificação torna-se importante deixando o discurso atrativo e consequentemente aumentando o número de membros. As denominações evangélicas pentecostais têm aumentado na contemporaneidade em membesia. Como sinalizamos, crescimento tornou-se visível a partir da década de 1980, com o movimento da terceira onda pentecostal (Mariano, 1999). Porém, vale salientar que esse crescimento estava inserido em momentos de crise e instabilidade política, aumento do desemprego e incertezas.

Hervieu-Léger (2008) ressalta que o discurso religioso se tornou atraente para muitas pessoas que buscam segurança por meio da fé em uma sociedade de instabilidade e incertezas. O crescimento vertiginoso das igrejas neopentecostais na década de 1990 em bairros periféricos se explica pela necessidade das classes populares em encontrar meios e recursos para driblar as adversidades da vida (Spyer, 2020).

Em meio as transformações na contemporaneidade e os avanços consideráveis que a ciência se obteve ao longo do tempo, as conquistas do movimento feminista, como o direito ao planejamento familiar, já que sexo e reprodução não andavam propriamente juntos, e os conhecimentos dos métodos anticoncepcionais contribuíram por reconfigurar e ressignificar o papel da mulher na sociedade, inclusive seu espaço dentro da família (Goldenberg, 2013).

Essas transformações sociais contribuíram para uma maior expressão da sexualidade que propiciou maior liberdade e prazer a mulher, contudo sempre existe os entraves, durante debates polêmicos de acordo com a pesquisa sobre feminismo no Brasil, Telles (1999) afirma:

É claro que ainda há resistência à discussão. Muitas mulheres das camadas populares, organizadas, estavam em permanente contato com grupos políticos vinculados à Igreja ou à esquerda.

O maior número de evangélicos no Brasil e sua influência na política brasileira e a defesa da família tradicional tem ganhado grande notoriedade no discurso político, nas últimas décadas após o processo de redemocratização do Brasil. De acordo com Dias (2017), discretos, os evangélicos eram poucos atuantes na política partidária, contudo conseguiram maior visibilidade e representatividade política no Congresso Nacional com a entrada dos políticos de denominações religiosas pentecostal e neopentecostal. Esses atores contribuíram para formar uma frente parlamentar em defesa da família tradicional. Os parlamentares têm estabelecido um forte grupo de pressão em defesa de pautas conservadoras ligadas à fé religiosa.

De acordo com a pesquisa realizada por Dias (2017), para os evangélicos, incluindo os neopentecostais, existe um anseio em institucionalizar a concepção de família por parâmetros e interpretações bíblicas, excluindo outros formatos de família.

Para Goldenberg (2013), o discurso em defesa da família tradicional tem bases alicerçadas nos valores patriarcais. Dias (2017), concluiu em seus estudos que a concepção de família para a grande maioria dos evangélicos, incluindo os pentecostais e neopentecostais, é a união entre homem e mulher. Desta forma, se exclui e não se reconhece as uniões que fogem dos padrões heterossexuais estabelecidos por suas crenças religiosas. As novas

configurações familiares desafiam as concepções religiosas e geram questionamentos desses segmentos religiosos. Nessa perspectiva, existe uma relação entre a forma e o nível de engajamento com denominações religiosas e a visão tradicionalista da hierarquia de gênero (Machado e Piccolo, 2010).

Outra pesquisa, realizada por Machado (2005), assegura que o movimento neopentecostal ao mesmo tempo em que agrega pautas morais e estabelece bases conservadoras para conceituar família – baseada em passagens bíblicas e discursos enraizados na cultura ocidental por séculos – abre espaço para ressignificar valores antigos e agregar valores contemporâneos. Os novos valores têm contribuído para a ressignificação da interpretação dos textos sagrados colaborando para maior participação das mulheres dentro das igrejas.

Os resultados desse estudo indicam que, apesar do conservadorismo latente existente nos discursos religiosos em defesa da família tradicional e a hierarquia existente para diferenciar papéis considerados de natureza feminina e masculina divinamente ordenados – a existência de restrições para se exercer ministérios em que homem seja subordinado é uma realidade dentro das igrejas. Contudo, o que não se pode ignorar são as possibilidades de inserção social das mulheres adeptas à fé cristã. Nessa perspectiva, as mulheres vislumbram benefícios.

Para Teles (2020) O discurso da hierarquização dos papéis no âmbito familiar em que a mulher desempenha um papel complementar ao do marido sendo a auxiliadora, é um discurso vigente dentro das igrejas neopentecostais. Spyer (2020) afirma que é difícil o reconhecimento do empoderamento das mulheres neopentecostais quando se compara com o empoderamento das mulheres das camadas elevadas da sociedade que conquistaram espaço para além do âmbito familiar. O autor também afirma que o Brasil possui valores machistas acentuados se comparados aos valores pentecostais e neopentecostais.

O neopentecostalismo, portanto, tem ganhado mais adeptos com discurso atrativo que mescla valores conservadores e contemporâneos possibilitando maior inserção das mulheres das classes populares e tornando-as mais participativas em suas denominações religiosas e em suas comunidades. (Gabatz, 2016; Machado, 2005).

Contudo, deve-se levar em consideração o processo de ressignificação desse discurso que pode ser observado por meio das práticas de várias denominações religiosas abrindo maior espaço para participação feminina nas igrejas e maior flexibilização dos papéis familiares (Andretta, 2020).

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A metodologia é o percurso do pensamento e prática como forma necessária para a abordagem da realidade. (Mynayo, 2015). Este estudo utilizou o método qualitativo observando as mudanças subjetivas que ocorrem entre os sujeitos envolvidos na pesquisa a partir da análise de contextos que detalham e delinham as situações em que se inscrevem. (Ludke e André, 1986).

3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

Coaduna-se com a perspectiva de Flick (2004), que assinala que a pesquisa qualitativa evita quantificar a realidade por meio de números, mas procura analisar e interpretar a realidade social, isto é, valoriza as nuances analisadas a partir da aproximação de fenômenos sociais. Nesta mesma linha de pensamento, Marques (2006), ressalta que a pesquisa qualitativa não pode ser mensurada e quantificada por meios dados matemáticos. Desse modo, para abarcar a abordagem qualitativa é necessário compreender a subjetividade dos sujeitos envolvidos na pesquisa. De acordo com Zanatta e Costa (2012, p.350) “[...] esta abordagem trabalha dentro de um campo complexo de paradigmas, exatamente, por valorizar a subjetividade do indivíduo pesquisado.”

Cabe ressaltar que na compreensão de Flick (2004), geralmente na pesquisa qualitativa são utilizados dois tipos de dados, os dados verbais e visuais. Nesta proposta de estudo, a pesquisadora fez uso tanto dos “dados visuais” (por meio da observação de gestos e expressões) quanto dos “dados verbais” (através da linguagem oral) considerados na coleta. Os dados verbais são geralmente coletados por meio da entrevista semiestruturada ou com narrativas.

Nesta pesquisa, buscou-se investigar, identificar e conhecer as influências religiosas do discurso da submissão feminina no cotidiano familiar das mães praticantes da fé neopentecostal. Na abordagem às participantes, a pesquisadora se apresentou e abordou resumidamente sobre o tema da pesquisa e informou a sua finalidade, o objeto de estudo e a importância da colaboração de todas, garantindo a confidencialidade, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é um documento importante e esclarecedor, a preocupação ética deve ser parte integrante da pesquisa levando em

consideração o ser humano, não apenas como o indivíduo contribuidor para a obtenção dos resultados da pesquisa (Zanatta e Costa, 2012).

3.2 INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS

O instrumento norteador da coleta de dados foi a entrevista despadronizada focalizada e de profundidade, que por suas características mais flexíveis permitiu uma abordagem mais próxima das participantes. De acordo com Michelat (1970 *apud* Minayo, 2010, p.266) “[...]quanto menos estruturada é a entrevista, mas permite emergir e ressaltar os níveis sócio-efetivo-existenciais.

Desse modo, considerando as características da pesquisa e dos sujeitos, a pesquisadora optou pela entrevista narrativa que segundo Riemann e Schutze (1987 *apud* Flick 2004, p.110) “[...] é iniciada com a utilização de uma questão gerativa que se refere ao tópico de estudo e que tem por finalidade estimular a narrativa principal do entrevistado”. Na compreensão de pesquisa qualitativa adotada, a entrevista é mais que um mero instrumento metodológico para a coleta de dados, é uma prática discursiva e dialógica de interação humana. (Zatanna e Costa, 2012).

A pesquisadora utilizou durante a entrevista o roteiro semiestruturado com a finalidade de recolher dados sociodemográficos. A pergunta gerativa utilizada para iniciar a narrativa de vida foi: *Como o discurso da submissão feminina pregado nas igrejas neopentecostais interfere na sua vida familiar?* Essa pergunta possibilitou que as participantes da pesquisa construíssem as suas narrativas, dando sentido a sua realidade existencial e, conseqüentemente, permitam a aproximação dos contextos que interessam a esse estudo. Contudo, durante a entrevista foram utilizadas outras perguntas de acordo com o interesse da pesquisadora com a finalidade de atingir em profundidade as experiências narradas.

A técnica da entrevista por meio da narrativa fornece aos pesquisadores dados que outros métodos não são capazes de fornecer, isto porque a narrativa apresenta de alguma forma uma independência durante o seu relato, em segundo lugar os entrevistados são capazes de fornecer muito mais sobre suas vidas, e por fim pode-se presumir uma relação similar entre a narrativa e a experiência narrada pelo entrevistado (Flick, 2004).

A pesquisa foi interacional, a fala foi um instrumento importante para revelar os valores, condições estruturais e símbolos (Minayo, 2010) Nesse sentido, coaduna-se com Habermas (1980) que considera a fala como capaz de aproximar o pesquisador dos contextos

da realidade e simultaneamente apresentar as suas contradições. Para Bakhtin (1986), a fala também é considerada como fenômeno ideológico sendo um campo de expressões das relações podendo revelar contradições e conflitos.

De acordo com Bauer e Gaskell (2002), através da narrativa os indivíduos recordam os acontecimentos, colocam as suas vivências em uma sequência, encontram possíveis explicações. As concepções dos sujeitos são reveladas por meio da narrativa de vida, contudo a ordem dos assuntos tratados nas entrevistas abertas é flexível, sendo determinada pelas próprias inquietações e relevância que os participantes atribuem ao tema. A quantidade de material produzido nas entrevistas abertas costuma ser mais densas com maior grau de profundidade (Minayo, 2010), o que permite ao pesquisador não apenas a construção de um cabedal de informações relevantes, mas, principalmente, um maior nível de compreensão da realidade.

Portanto, foi escolhido neste estudo, o método qualitativo descritivo da narrativa de vida, pois, por meio da fala das entrevistadas buscou-se conhecer os relatos e as vivências de cada pessoa por meio dos acontecimentos, e sua interpretação através da narração e como tais experiências das participantes, enquanto mulheres mães no meio neopentecostal, interfere na vida familiar através do discurso da submissão feminina.

Parte-se do pressuposto que nas entrevistas desenvolvidas nas pesquisas qualitativas, os pesquisadores devem se colocar no lugar do entrevistado, com empatia e humildade, sendo sensível a sua lógica e cultura, buscando perceber a sutilezas de expressões que não podem ser coletadas por meio da oralidade (Minayo, 2010).

Outra técnica utilizada como coleta de dados foi a da observação, que se utilizou durante a entrevista. A observação das entrevistadas foi fundamental para o captar de suas interações e emoções. De acordo com Ludke e André (1986 p.36) “Há toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não verbais, hesitações, alterações de ritmo, enfim, certa comunicação não verbal cuja captação é importante para a compreensão e validação do que foi efetivamente dito”.

A técnica de observação utilizada foi aquela que Minayo (2010), chamou de *Observador como participante*. Esta técnica de pesquisa é geralmente utilizada como estratégia complementar ao uso das entrevistas. Portanto é utilizada em momentos considerados relevantes para os efeitos da pesquisa em um curto espaço de tempo. (Minayo, 2010). Na sua aplicação o pesquisador estabelece contato direto com o objeto pesquisado em seus próprios contextos.

O registro fidedigno é muito importante no momento da entrevista (Minayo, 2010) e para garantir a fidedignidade a pesquisadora fez o uso de gravador e a observação foi documentada por meio das notas de campo visando captar expressões dos sujeitos envolvidos, o ambiente e demais detalhes que pudessem ocorrer durante a entrevista que não pudessem ser registrados pelo gravador.

3.3 CRITÉRIOS DA AMOSTRA E PERFIL DOS SUJEITOS DE PESQUISA

A coleta de dados foi realizada na cidade de Salvador, Bahia, e contemplou algumas categorias como religião e faixa etária que permitiram o conhecimento das características das mulheres participantes. Segundo Minayo (2010 p.209) “[...] grupos e categorias diferenciados constituem “corpus” específicos para análise, contendo elementos comuns e peculiares em relação à totalidade social em análise”.

A técnica de recrutamento foi a amostra não probabilística, nessa modalidade a coleta de dados é baseada em critérios definidos previamente, mas que ao final da pesquisa o resultado seja representativo para análise. O tipo de amostragem não probabilística utilizada foi a “bola de neve” (snowball), que é uma técnica utilizada para se ter acesso ao próximo indivíduo com perfil que se encaixe na pesquisa (Flick, 2004).

Ao utilizar essa estratégia, a pesquisadora buscou encontrar indicações de conhecidos, familiares e amigos para ter acesso aos indivíduos nucleando uma amostragem que se inscrevesse no contexto de bola de neve. O tipo de amostra bola de neve é exponencial, ou seja, cada indivíduo indica 2 ou mais pessoas para a próxima entrevista.

A pesquisadora buscou ter acesso aos primeiros participantes no condomínio em que reside sendo um ambiente familiar de conhecidos e amigos. Apesar das indicações desde o primeiro acesso a primeira participante da pesquisa, a pesquisadora não obteve acesso a todas as mulheres-mães indicadas, houve resistências por se tratar de um tema que envolve a intimidade dos indivíduos. No total foram entrevistadas 7 mulheres-mães, foram excluídas 3 participantes por não se encaixar nos critérios de pesquisa.

As participantes da entrevista escolheram o ambiente para iniciar a gravação, das 4 mães entrevistadas, Rute escolheu a sua própria residência, Sarah escolheu um ambiente externo que pudesse fugir do barulho da sua residência que se encontrava em reforma, Débora e Esther escolheram local em que exercem o seu trabalho. A entrevistada Sarah e Rute foram

as que mais sentiram à vontade durante o processo de entrevista, demonstrando espontaneidade durante o processo da coleta de dados.

A entrevistada Esther alegou dificuldades para encontrá-la na residência devido ao seu trabalho como vendedora, a participante marcou a entrevista em uma escola em que possui clientes que comprem os seus produtos. A participante Sarah preferiu um ambiente externo próximo a sua casa justificando o barulho da reforma em sua residência. Débora marcou o encontro na escola em que trabalha alegando serem muitas as demandas na rotina de casa.

Por se tratar de temática que envolve a intimidade familiar das entrevistadas, a pesquisadora pode perceber certo receio inicial no momento da gravação das partes das entrevistadas. Com o decorrer da entrevista as participantes da pesquisa começaram a se sentir mais à vontade demonstrando maior espontaneidade na narrativa de vida.

A pesquisa utilizou critérios importantes para a composição da amostra; buscou recrutar 4 mulheres-mães, com faixa etária entre 25 e 65 anos de idade, que poderiam ser casadas ou mães solteiras, contudo deviam ser adeptas e frequentes de religiões neopentecostais. Desta forma, foram entrevistadas 04 mães neopentecostais que se encaixaram no perfil definido. Com o objetivo de preservar o anonimato das entrevistadas foram escolhidos quatro nomes de personagens bíblicos para nomear as mulheres-mães.

É possível identificar o perfil das entrevistadas no Quadro 1, em que foram identificadas as seguintes características: Igreja, idade, bairro, estado civil, número de pessoas residentes na casa, número de filhos, idade dos filhos, nível de escolaridade, ocupação profissional, renda, frequência em que lê a Bíblia, tempo de conversão e se o companheiro é evangélico ou não. O quadro I apresenta o perfil das participantes da pesquisa.

No processo de investigação sobre o perfil das participantes foi possível identificar que Débora, frequenta a Igreja Universal do Reino de Deus, tem 65 anos e é residente do bairro de Valéria em Salvador, é separada, casou-se no ano 1987 e viveu 17 anos com seu companheiro, tem dois filhos, uma filha com idade de 32 anos que reside na mesma casa em que a entrevistada e um filho da idade de 35 anos. Possui ensino fundamental completo trabalha em uma escola municipal na função de Serviços Gerais. Débora se converteu há 40 anos, possui renda de R\$ 2.640, lê a Bíblia uma vez por semana, seu cônjuge nunca se converteu a nenhuma denominação evangélica durante o tempo em que coabitaram juntos. A entrevistada, que após a separação assumiu a posição de chefe de família, encontrando dificuldades financeiras para garantir o sustento dos seus filhos estando inserida até o presente momento no mercado de trabalho. Débora tem a sua fé religiosa como alicerce para vencer e

superar as barreiras e dificuldades que a vida lhe impõe. A entrevistada é membra da Igreja Universal do Reino de Deus a maior expoente das igrejas neopentecostais na atualidade.

Esther, frequenta a Igreja Internacional da Graça de Deus, tem 55 anos, é residente do bairro de Cajazeiras VIII, é casada e tem dois filhos, uma filha com idade de 37 e um filho de 25 anos, em sua casa residem 2 pessoas a entrevistada e seu cônjuge. Possui ensino fundamental incompleto, cursou até a 7ª série e trabalha de forma autônoma como vendedora. Esther se converteu há 22 anos, possui renda aproximada de R\$1.200,00 reais, lê a Bíblia uma vez por semana, seu cônjuge nunca se converteu a nenhuma denominação evangélica até o presente momento. Esther é uma mulher determinada morou sua infância e parte da sua adolescência no município de Terra Nova - Ba, veio para capital baiana em busca de oportunidades de trabalho e ao mesmo tempo estar mais próximo do seu namorado que viria depois a se tornar seu esposo. Esther é um retrato de muitas mulheres brasileiras empreendedoras que participam e contribuem para a renda familiar.

Sarah frequenta a Igreja Batista Missionária Charisma, tem 48 anos, é residente do bairro de Sete de Abril em Salvador, casada, tem dois filhos, uma filha com idade de 23 e um filho de 17 anos. Em sua casa residem 3 pessoas: a entrevistada, cônjuge e seu filho de 17 anos. Possui graduação em serviço social e especialização em docência do ensino superior, concluiu a graduação e pós-graduação após o casamento, no momento não está exercendo sua profissão. Sarah se converteu há 35 anos, lê a Bíblia diariamente, seu cônjuge nunca se converteu a nenhuma denominação evangélica até o presente momento, e se constitui como o principal responsável pela renda familiar de aproximadamente 2.640. Sarah cresceu em um lar evangélico contudo, considera que foi aos 13 anos de idade que se converteu ao evangelho. Sarah passou por momentos de afastamento da igreja o que segundo a entrevista justifica o fato de não ter se casado com um homem Cristão. Sarah enxerga a família como uma instituição criada por Deus e que o casamento deve ser preservado mesmo em meios as dificuldades através do seu entendimento de submissão.

Rute, frequenta a Igreja Bíblica do Avivamento, tem 50 anos de idade, é residente do bairro de São Cristóvão é casada, tem dois filhos, uma filha da idade de 26 e o filho de 23 anos, em sua casa reside 3 pessoas, a entrevistada, cônjuge e seu filho de 23 anos. Possui graduação em farmácia e pós-graduação em farmácia clínica hospitalar com ênfase em oncologia e especialização em qualidade e segurança do cuidado em saúde para preceptores do SUS, concluiu a graduação e a especializações após o casamento, sua área de atuação é farmácia hospitalar. No momento possui renda de aproximadamente 7.000. Rute se converteu

há 36 anos, cresceu em uma família evangélica, lê a Bíblia diariamente, seu cônjuge é evangélico pertence a mesma denominação religiosa da entrevistada. Rute durante muitos anos demonstrou resistência ao “exercício” da submissão feminina, devido as experiências na infância com sua mãe que possuía um entendimento diferente do como deveria ser uma mulher submissa na família, que a participante de pesquisa relata como subserviência. Rute relata que esse entendimento “equivocado” de submissão, impactou o seu relacionamento conjugal e familiar de forma negativa, pois segundo a entrevistada durante muitos anos no seu relacionamento conjugal e familiar geralmente a última palavra pertencia a ela, causando uma confusão no exercício dos papéis familiares. Rute demonstra ser uma mulher firme com postura de liderança. Para a entrevistada exercer o papel de mulher submissa e se submeter a liderança do esposo foi durante muitos anos desafiador.

Quadro 1. Perfil das entrevistadas. Nomes fictícios.

	Débora	Esther	Sarah	Rute
Igreja	Igreja Universal do Reino de Deus	Igreja Internacional da Graça de Deus	Igreja Batista Missionária Charisma	Aliança Bíblica do Avivamento
Idade	65 anos	55 anos	48 anos	50 anos
Bairro	Valéria	Cajazeiras	Sete de Abril	São Cristóvão
Estado Civil	Separada	Casada	Casada	Casada
Número de pessoas residentes na casa	2	2	3	3
Número de filhos	2	2	2	2
Idade dos filhos	32 e 35	25 e 37	17 e 23	23 e 26
Nível de escolaridade	Ensino Fundamental completo	Ensino Fundamental II incompleto	Pós Graduação	Pós Graduação
Ocupação profissional	Trabalha	Trabalha	Não	Sim
Renda	R\$ 2.640,00	R\$ 1.200,00	-	R\$ 7.000,00
Frequência que lê a Bíblia	3 vezes na semana	1 vez por semana	Diariamente	Diariamente
Tempo de conversão	40 anos	22 anos	35	36
Companheiro evangélico	Não	Não	Não	Sim

Fonte: Dados sistematizados pela autora. Nov.2023.

Todas as mulheres-mães participantes da pesquisa são residentes de bairros populares na cidade de Salvador-Ba, frequentam igrejas neopentecostais que tem crescido significativamente, especialmente nas últimas décadas no Brasil (Spyer, 2020) a maioria das participantes possuem renda mensal de até um salário-mínimo, todas as participantes possuem dois filhos. É compreensível a quantidade baixa do número filhos pelas entrevistadas, devido

o declínio das taxas de natalidade que teve início na década de 1960-1970, com a introdução gradual dos métodos contraceptivos orais no Brasil. Com o decorrer dos anos a taxa de fecundidade foi diminuindo consequência das transformações que vem ocorrendo na contemporaneidade (IBGE, 2008).

A maioria das participantes são casadas, exceto Débora que hoje encontra-se separada representando as mulheres mães brasileiras que exercem a posição de chefe de família. As entrevistas em sua maioria possuem faixa etária de idade próxima e tempo mínimo de 22 anos de conversão. A maioria das entrevistas lê a Bíblia com frequência, sendo o livro um manual da fé religiosa neopentecostal (Mariano, 1999).

3.4 TÉCNICA DA ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta dos dados foi necessário a análise dos dados e a transcrição do texto, etapa fundamental e necessária para a interpretação. (Flick, 2004). A pesquisadora também usou o procedimento da análise do discurso, que segundo Zanatta e Costa (2012 p.353) “[...]é por meio do discurso que captamos o sentido daquilo que o outro diz.”

O objetivo geral da Análise do Discurso segundo Pêcheux (1988) é contribuir para a reflexão sobre os aspectos e condições dos textos produzidos em várias áreas como o da religião, das relações primárias, filosófico e sociopolítico levando em consideração aspectos relevantes.

Segundo Orlandi (2005), a análise do discurso encontra-se em uma apropriação da linguística tradicional e a análise do conteúdo, tecendo uma crítica a essas abordagens e mostrando que são abordagem teóricas historicamente definidas. A intertextualidade torna-se, portanto, uma atualização dos textos histórico-sociais, e interdiscursividade torna-se reflexo de um diálogo de diferentes discursos. Mussalim (2004, p.119) afirma que “[...]o espaço de uma formação discursiva é atravessado pelo ‘pré-construído’, ou seja, por discursos que vieram de outro lugar e que são incorporados por ela numa relação de confronto ou aliança”.

Para a utilizar a técnica da análise do discurso, o analista deve a princípio selecionar o discurso que deve se encontrar na forma de texto. O material segundo Gill (2002) deve ser selecionado de forma criteriosa visando encontrar padrões nos dados, os padrões contribuem para fornecer os códigos ou categorias que o analista irá interpretar. As categorias espelham trechos discursivos que comunicam uma postura análoga ao dos sujeitos participantes da pesquisa.

Enfim, a análise do discurso é uma teoria crítica, com múltiplas possibilidades interpretativas. Os procedimentos de análise foi o estudo das palavras dos textos, no segundo momento foi realizado a análise da construção das frases, em terceiro lugar se construiu uma rede semântica que estabeleceu evidências intermediária entre o social e a gramática, e por último a pesquisadora elaborou a análise levando em consideração a produção social do texto. (Minayo, 2010; Orlandi, 1987).

4 SUBMISSÃO FEMININA A SERVIÇO DA FAMÍLIA NEOPENTECOSTAL

Neste capítulo serão apresentados os resultados e discussão dos resultados a partir da análise das entrevistas realizadas com 04 mulheres-mães adeptas as igrejas evangélicas neopentecostais. De acordo com que foi explicitado no capítulo de Metodologia, surgiram três categorias de análise a partir das entrevistas (criação dos filhos, relação com seus cônjuges, submissão feminina) que serão aqui analisadas.

4.1 A ESPOSA SÁBIA EDIFICA SEU CASAMENTO

O ponto de partida desta análise é a conduta comportamental das entrevistadas em relação ao seu relacionamento com seus cônjuges. Nesta pesquisa elencam-se aspectos do relacionamento a partir da influência do discurso da submissão feminina. A relação das participantes de pesquisa com seus cônjuges também está permeada por crenças e valores religiosos do neopentecostalismo. Por isso, se faz importante compreender como essas crenças religiosas dessas mulheres- mães e também esposas impactaram a sua vida conjugal de forma a contribuir para os próprios estudos na área de família.

Nessa perspectiva, Berger e Kellner (1964 *apud* Andretta, 2020) afirmam que o casamento traz um problema específico na realidade de cada um dos cônjuges, mesmo que ambos compartilhem aspectos sociais semelhantes, no que diz respeito a linguagem e cultura, pois os dois possuem realidades distintas. Cada indivíduo traz consigo suas próprias experiências e expectativas no processo de socialização e forma de enxergar suas vivências. Quando a união conjugal acontece, essas realidades geralmente entram em conflito e precisam ser ajustadas a nova vida do casal. Para os autores o diálogo é fundamental, assim os casais devem utilizar a conversação com o intuito de promover os ajustes necessários as expectativas de cada integrante da relação.

Essa convergência em torno de uma única realidade alcança a esfera da família. Nesse sentido, pode-se observar que a narrativa das entrevistadas contém as preocupações em atingir um consenso no relacionamento principalmente no que concerne aos papéis em que essas mulheres creem que devem ser exercidos por cada indivíduo dentro da família. Essas expectativas estão atreladas as suas crenças religiosas e ao processo de hierarquização dos papéis na família. Contudo, nem sempre ocorre o alinhamento esperado por parte das entrevistadas.

Reconhecer as especificidades dos casais, implica em compreender que os trajetos individuais direcionados ao interesse apenas de uma das partes, muitas vezes não se encaixa na realidade do parceiro conjugal. O casamento já não possui função principal de atender os interesses políticos e econômicos como foi descrito por vários autores (Ariès, 2014; Giddens, 1992). O casamento contemporâneo é estabelecido por diversas razões de ordens objetivas e subjetivas, sendo experienciado de inúmeras formas.

A união conjugal na contemporaneidade, tornou-se mais fluida, o que faz crescer, portanto, o número de separações ou de uniões consensuais. A indissolubilidade do casamento não é algo incomum nas gerações atuais, embora ainda permaneça tal ideal para a maioria das mulheres pertencentes as igrejas neopentecostais (Machado, 2005). Embora, se observe as diversas transformações socioculturais que vem ocorrendo na contemporaneidade, que possibilitam maior igualdade nas relações familiares acompanhado de maior flexibilização dos papéis da mulher na família e na sociedade (Goldani, 1994), ainda permanece a existência de valores tradicionais em que as diferenças de gênero permaneçam se perpetuando, inclusive por meio de discursos religiosos que insistem em fomentar a hierarquização dos papéis femininos e masculinos na família e enxergar a sua constituição como um dos principais objetivos femininos.

Assim, buscou-se verificar como a vivência conjugal e familiar das entrevistadas foi impactada pelo discurso religioso neopentecostal da submissão feminina, buscando compreender que apesar da preservação da família tradicional ser um valor para essas mulheres, nem sempre equacionar as diferenças individuais para a manutenção do casamento é tarefa fácil.

A entrevistada Débora evidencia tais desafios por meio de sua narrativa:

“apesar dele [o marido] ser o cabeça, o provedor, ele queria era dormir tomar cachaça, ele não queria saber de responsabilidade com filho, e nem com nada, ele ia sair com os amigos, curtir, então foi muito difícil para mim,[...] devido ao histórico do meu marido, quando eu queria fazer algo certo que era para fazer ele não concordava, sempre se negava a tudo, nada podia, só queria curtir com os amigos, sair sem dizer para onde ia, não dava satisfação, não queria trabalho, nenhuma responsabilidade entendeu? [...]mesmo eu falando de Deus das coisas de Deus do que Deus mandava, mas, ele se negava a crer e fazer, que Deus determinava para que ele fosse o cabeça e o provedor da casa, ele se negava a essas coisas a fazer. [...] muitos anos perseverando, mas, eu acredito né? Que Deus fez o melhor na minha vida, porque depois que ele foi-se embora, [...] ele viu que não aguentava mais, pegava todo dia e saia de casa, e eu ia buscava, várias vezes... ele foi embora e eu fui buscar, mas chegou uma hora que eu disse: Olhe Deus, a partir de hoje eu vou ser o cabeça da minha casa e o Senhor vais ser comigo e tudo mudou na minha vida. (Débora, IURD, 65 anos, separada, 2 filhos).

As dificuldades enfrentadas na relação conjugal, são difíceis de serem equacionadas, devido aos valores divergentes entre a entrevistada e o seu cônjuge, associadas as condições socioeconômicas, que dificultaram a manutenção da configuração de família tradicional causaram instabilidade no relacionamento conjugal, e, conseqüentemente impulsionaram Débora a adotar a postura de chefe de família, realidade que tem crescido progressivamente no Brasil, mesmo crendo ser uma responsabilidade do cônjuge o papel de prover e manter a família ao se referir “apesar dele ser o cabeça, o provedor”.

A expressão ser o “cabeça” é uma alusão a posição bíblica do homem como chefe da família Cristã conforme o enunciado de I Coríntios 11: 03 “Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo homem, e o homem é o cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo. e Efésios 5:23 “pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja que é o seu corpo do qual ele é o salvador”. No entendimento da entrevistada e na sua posição de mulher provedora da família, condição comum em famílias monoparentais femininas, que na maioria das vezes são responsáveis pela manutenção da casa sozinha, existe um processo de inversão e deslocamentos dos papéis feminino e masculino na relação conjugal, por esta assumir a condição de provedora, de autoridade no âmbito da casa e da família.

Sendo assim, em decorrência dos impasses na relação conjugal e a necessidade material de manter o sustento familiar, a entrevistada se vê na posição de mulher chefe de família. Nas pesquisas realizadas por Zaluar (2000), compreende-se que em famílias monoparentais a mulher incorpora a “Ética de provedor”, papel que, considerado no entendimento da entrevistada, que deveria ser desempenhado pelo seu cônjuge.

Nessa perspectiva, a vida econômica do casal, a forma de manejo das finanças, a influência e aos valores de ambos os cônjuges, a influência dos aspectos sociais, culturais e religiosos e de gênero, são elementos importantes que geralmente coexistem no processo de gerenciamento do trabalho e das finanças. Esse processo torna-se mais evidente a partir do casamento, pois o casal terá que entrar em um consenso de como equilibrarão as entradas e saídas de dinheiro e as necessidades materiais da família.

Sendo assim, quando os cônjuges possuem dificuldades em conciliar significados diferentes do dinheiro, ou possuem objetivos divergentes para usar o seu dinheiro, o conflito pode surgir (Moreira e Tamayo, 1999; Ronchie e Avellar, 2011). Pode-se ainda observar na narrativa da entrevistada, o apoio encontrado em sua fé neopentecostal, nos princípios e valores que contribuem para regular a sua conduta na relação conjugal.

No fragmento acima, percebe-se que havia uma expectativa de mudança da postura do esposo com o objetivo de minimizar os conflitos conjugais quando a entrevistada se refere ao tempo de expectativa por mudanças, “[...]muitos anos perseverando”. Essa expectativa de mudança e transformação da família são fatores que impulsionam muitas mulheres no processo de conversão a tentar adotar uma postura de guardiã dos membros da família (Machado, 2005) Essa postura se revela na narrativa da entrevistada, que mesmo com os impasses na relação conjugal, foi ao encontro do seu cônjuge ao vê-lo sair de casa na tentativa de preservar o seu casamento mesmo em meio a conflitos conjugais constantes.

Segundo Costa (2004) a conversão do cônjuge é considerada como condição ideal, contudo está nem sempre ocorre, causando conflitos entre os casais. A expectativa da entrevistada no processo de conversão está diretamente associada à mudança de postura em relação ao seu papel e do papel do cônjuge na hierarquia familiar, que busca equacionar os conflitos conjugais. Contudo, nem sempre as expectativas dessas mulheres são supridas no relacionamento conjugal, tornando a entrevistada como muitas outras mulheres brasileiras responsáveis pelo sustento da família. De acordo com informações do Secretaria Nacional de Renda de Cidadania do Ministério da Cidadania, do quantitativo de 20,65 milhões de lares que chegam a receber o mínimo de R\$ 600,00 do programa permanente de transferência de renda, 16,85 milhões são chefiados por mulheres, ou 81,6%. (Brasil, Ministério do desenvolvimento e Assistência, Família e Combate à Fome, 2022).

Na divisão por regiões no Brasil, pode-se observar um número exponencial no Centro-Oeste que o percentual de lares chefiados por mulheres é superior as demais regiões do país. No Centro- Oeste 86,8% das famílias têm protagonista do sexo feminino. Na sequência aparecem o Norte (83,2%), o Sul (83,1%), o Sudeste (81,7%) e o Nordeste (80,4%). (Brasil, Ministério do desenvolvimento e Assistência, Família e Combate à Fome, 2022).

A participação em uma denominação evangélica constitui uma das alternativas de abertura de possibilidades para as mulheres solteiras e separadas das camadas populares, num contexto de dificuldades e conflitos afetivos familiares e conjugais, decorrentes das condições socioeconômicas em que as perspectivas disponíveis são mínimas. Desse modo, o pertencimento a uma denominação religiosa promove a atualização de valores e regras comportamentais combinados à ideologia tradicional que constituiu o ethos da família brasileira (Couto, 2002; Reina, 2008).

Desse modo, percebe-se que a partir da influência de certos fenômenos da contemporaneidade, como o aumento do índice de desemprego por meio das políticas

neoliberais, da fluidez das relações que se constituem no âmbito familiar ocorre a necessidade prática de se ressignificar a conduta comportamental e flexibilizar os comportamentos a hierarquização dos papéis na relação intrafamiliar.

A narrativa de Débora apresenta semelhanças iniciais em relação a narrativa de Esther, acerca das suas condutas comportamentais no relacionamento conjugal: ambas tentam equacionar e atenuar os conflitos conjugais e seus reflexos nos contextos familiares por meio de expectativas de conversão do esposo através do ensinamento da “palavra de Deus”:

“Era assim, meu marido gostava muito de ficar na rua, ele tinha assim, amantes, eles só tinha aquelas pequenas falhas masculinas né? [...] e era muito difícil, mas eu sempre fui uma pessoa muito sábia entendeu? pedia muito sabedoria para Deus e aí fui sempre conversando com Ele, ensinando para ele o que ele estava fazendo Deus não se agradava dessas coisas e aí realmente nessa situação, Deus mudou bastante a vida dele, fez uma transformação[...]eu nunca fui uma pessoa de briga, eu sempre fui uma pessoa calma as vezes ficava um pouco nervosa mas tentava explodir mas eu parava, pensava, orava e Deus dizia é tudo no seu tempo entendeu e aí dizia calma, eu chegava parava, na hora certa eu chamava ele [...] e ensinava o caminho que deveria andar[...]meu esposo ele é um pouco nervoso, ele já melhorou entendeu? mas eu acredito que ele pode mudar bem mais...[...] ele é visitante, ele não se converteu ainda não mas eu creio em nome de Jesus que ele vai se converter.” (Eshter, Igreja Internacional da Graça de Deus, 55 anos, casada, 2 filhos).

Na narrativa de Esther, pode-se perceber que esta participante busca desempenhar o papel de guardiã da família, sendo responsável por ensinar o “caminho do Senhor” ao esposo, ainda que suporte as relações extraconjugais por parte do cônjuge com a finalidade de preservar a configuração família tradicional. A manutenção da relação conjugal está correlacionada ao valor religioso de indissolubilidade do casamento enfatizado doutrinariamente em muitas igrejas neopentecostais (Ciscon-Evangelista, 2009). Sendo assim, na fé pentecostal existe uma ética comportamental voltada para as mulheres que legitima a submissão feminina, a vocação para o casamento e o cuidado do marido (Bertone, 2014).

Pode-se ponderar, que o histórico religioso de cada entrevistada impõe o compromisso destas em assumirem a responsabilidade da manutenção da relação conjugal, adotando valores e atitudes do grupo religioso aos quais pertencem. No sentido de criar estratégias de fortalecimento e disseminação dos valores conjugais, existe no meio evangélico grupos que se especializaram em tratar de temáticas conjugais projetos voltados para a manutenção da

família tradicional, como o “Casados para sempre”⁷. Entretanto cada igreja neopentecostal geralmente tem sua própria forma de abordar o tema como a formação do grupo de casais da Igreja Internacional da Graça de Deus (Vilani, 2010), denominação religiosa que a entrevistada pertence.

Nessa perspectiva, os valores das igrejas neopentecostais, influenciam na forma como os cônjuges, particularmente as mulheres, se colocam na relação conjugal, contudo nem sempre esses valores são os mesmos dos seus pares, ocasionando conflitos na relação conjugal. Para a antropóloga Couto (2002), a mulher que participa de igrejas neopentecostais ganha maior poder e autonomia ao se tornar mediadora com o sagrado na sua família. Em sua leitura, esse poder cresce significativamente quando se consegue motivar o cônjuge a conversão, isto porque o homem desiste de praticar condutas comportamentais mais livres e autônomas passando a se envolver em experiências vivenciais mais controladas por valores e crenças semelhantes aos da sua companheira.

Sendo assim, é compreensível que existam mais mulheres nas igrejas neopentecostais do que homens e parecer ser mais comum que a conversão do marido tenha a participação da mulher (Spyer, 2020). Posto isto, pode-se observar na narrativa da entrevistada Esther, a ênfase no processo de mudança do seu esposo ao renunciar às relações extraconjugais, devido a adoção da postura de mediadora e guardiã da família. Ao “ensinar” os valores religiosos para o seu cônjuge, a esposa alimenta a expectativa de uma mudança maior através do processo de conversão.

Contudo, não se pode ignorar a existência da violência simbólica que é exercida e naturalizada nesse tipo de relação conjugal, que geralmente acontece sem coerção física, podendo causar não apenas danos morais, mas também psicológicos. Essa violência geralmente se constitui por meio da desigualdade de poder existente entre homens e mulheres, que são baseados nas diferenças biológicas e os diversos simbolismo culturais que reafirmam a supremacia masculina (Bourdieu, 2007; Saffioti, 2001) Esses simbolismos podem ser reiterados e reafirmados por diversas instituições como a religião (Souza, 2007).

Compreender a adoção da conduta comportamental na relação conjugal na narrativa da entrevistada Esther, implica em compreender a perspectiva religiosa cristã em que ocorre a

⁷ O Marriage Ministries International oferece esperança de reconciliação e cura permanentes que oferecem estudos do curso “Casados Para Sempre” são oferecidos a diversas igrejas evangélicas no mundo com princípios bíblicos que fomentam a indissolubilidade do casamento e “preservação” da família tradicional. O Marriage Ministries International foi fundado em 1983 e está sediado em Littleton, Colorado, USA. No Brasil a sede encontra-se na cidade de Belo Horizonte MG. Mike e Marilyn Phillipps são os fundadores do MMI, uma organização mundial com milhares de casais ministrando sobre casamento, e criação de filhos em diversos países.

hierarquização dos papéis e naturalização dos comportamentos feminino e masculino, tendo a bíblia como o principal livro de referência e manual condutor de seu entendimento para adoção de práticas familiares. A hierarquização dos papéis foi fundamentada pelos pensadores da filosofia Cristã que por séculos naturalizaram a subordinação da mulher baseados em passagens bíblicas e diferenças biológicas existentes entre os sexos.

O homem na relação conjugal deve ser o “cabeça” enfatizando a racionalidade masculina e a afetividade feminina. Essa dicotomia é fundamentada em diferenças biológicas e reafirma a submissão feminina na relação conjugal. Essa concepção também foi reiterada por meio de simbolismos que reiteram o divino sendo sempre representado pela figura masculina (Bloch, 1995).

Sob essa perspectiva, foram construídos um conjunto de modelos culturais, históricos e biológicos que atribuem e naturalizam comportamentos masculinos e femininos principalmente no âmbito familiar. Ainda que na contemporaneidade exista uma diversidade de modelos referentes as masculinidades, perpetuam-se a naturalização de comportamentos como a infidelidade nos relacionamentos conjugais considerados como inerentes à natureza masculina. No entanto, é importante salientar que a infidelidade não se configura como uma violência conjugal, mas pode ocasionalmente se configurar como um fator precipitador do fenômeno.

Sob essa perspectiva, da infidelidade conjugal e dos aspectos históricos e culturais que estão envolvidos. Del Priore (2005) afirma que anos dourados por exemplo, as mulheres tinham que fingir não ouvir nem enxergar as infidelidades dos seus cônjuges para manter o casamento e não fomentar e despertar ainda mais o interesse do companheiro por outras mulheres. A separação conjugal era temida e era vista como ameaça para as mulheres casadas naquele período. Ter paciência, permitir que saíssem com os amigos, relevar relacionamentos paralelos eram considerados estratégias necessárias para a manutenção da relação conjugal. Na atualidade permanece resquícios desse pensamento segundo Goldenberg (2013) ter um marido no Brasil é uma verdadeira riqueza para muitas mulheres, especialmente em um mercado em que os homens disponíveis para o casamento são raros.

A busca por resolução dos conflitos conjugais por meio de adoção de comportamentos em a mulher assume a postura de responsável pela melhoria da relação conjugal aparece também na narrativa de Sarah e Rute:

“meu casamento havia muitos conflitos, ele não frequentava a igreja junto comigo mas ele ia de vez em quando,eu sempre gostei de ir para igreja de frequentar apesar

de não ser muito firmada mas eu sempre frequentei já ele nunca quis frequentar houve um choque de realidade, choque de realidades porque na verdade a realidade dele era uma e a minha era outra, então a realidade dele era tomar cerveja com os amigos, sair para jogar bola, e a minha era sempre está trabalhando, estudando e indo para a igreja, então as realidades se chocaram e nisso houve atritos mas ele sempre gostou é de sair eu não queria estar comunicando né, não queria que ele fizesse parte dos meus projetos. [...] então eu passei a agir de forma diferente eram muitos conflitos porque eu não queria ser submissa a ele, não queria estar dialogando com ele. (Sarah, Igreja Batista Missionária Charisma, 48 anos, casada, 2 filhos).

“meu relacionamento com meu esposo cada dia ficando pior né eu era aquela pessoa chata, aquela pessoa reclamona, aquela pessoa insubmissa, isso trazia um transtorno no nosso relacionamento ,eu passei então a me esforçar e a buscar o senhor [...]entendendo que meu esposo ele era o líder da casa e que em momentos de divergências onde a gente não conseguisse chegar a um consenso, alguém deveria ceder né e eu escolhi fazer isso né e depois que eu fiz isso eu vi que muitas coisas melhoraram, foram voltando para o lugar, o meu relacionamento com ele foi ficando mais fortalecido [...] eu amanhecia toda cheia de placas mas eu não desisti eu continuei persistindo em não debater em não confrontar meu esposo de forma desrespeitosa, e isso começou a surtir efeito, então eu orando eu buscando ao Senhor e me segurando e me limitando mas ai eu comecei a perceber que deixou de ser algo sacrificial e passou a ser algo mais tranquilo.(Rute, Igreja Aliança Bíblica do Avivamento, 50 anos, casada, 2 filhos).

Essa concepção de naturalidade dos papéis conjugais está imbuída na narrativa das entrevistadas e pode se perceber, nos discursos das participantes da pesquisa, a adoção da postura comportamental que envolve e prioriza a “harmonia” conjugal, ao assumir a responsabilidade que as entrevistadas assumem para a manutenção do casamento.

Para as participantes, a manutenção da harmonia conjugal está atrelada ao discurso de subordinação feminina. Quando se analisa os valores religiosos nas igrejas neopentecostais pode-se identificar ideais de posturas distintas que devem ser adotadas por homens e mulheres na família. Sendo assim é possível observar que ser homem e ser mulher, implica na assimilação de modelos e referências que deverão ser adotados no decorrer da vida, que caracterizarão a submissão feminina, sempre fundamentados em passagens bíblicas.

A conduta comportamental de mulher submissa é modelo a ser seguido tanto para a esposa que possui cônjuge evangélico, a exemplo de Rute, e cônjuge não evangélico a exemplo de Sarah, apesar da narrativa das entrevistadas apresentarem o discurso de liderança masculina, são as mulheres as responsáveis por assumirem a dianteira da harmonia conjugal e manutenção da família tradicional. E assumir a dianteira significa adotar comportamentos que consideram “favoráveis” para a preservação do casamento, embora as entrevistadas relatem a importância do diálogo na relação, ainda cabe ao homem a última palavra nas decisões.

Para Machado (2005), a adoção dessa postura da mulher neopentecostal na relação conjugal, não deve ser vista apenas como um reforço simplório da subordinação feminina,

mas um combate a identidade masculina, visto que existem padrões de condutas que também são extensivos aos homens, como fidelidade conjugal por exemplo. Espera-se que assim como as mulheres, estes devem ser dóceis, tolerantes e carinhosos e preocupados com o bem-estar da família.

Observa-se que nos relatos das entrevistadas existe uma preocupação com o bem-estar da família e a expectativa de transformação da conduta do parceiro como se esta ação promova a harmonia conjugal e atenuando possíveis conflitos familiares. A postura de mulher “insubmissa” para as entrevistadas se contrapõe justamente com as qualidades que se esperam que a esposa cristã exerça na família, que é de docilidade e tolerância.

Para as mulheres neopentecostais a manutenção do casamento é importante, não apenas para o bem-estar da família tradicional, mas para o serviço nas igrejas porque essas mulheres se tornam referência de conduta baseados em preceitos bíblicos (Vilani, 2010). É importante salientar, que nas igrejas neopentecostais nem todos os casais são pertencentes a mesma igreja, há indivíduos que se converteram na vida adulta que aprenderam a ser evangélicos desde a infância, como é o caso de Rute e Sarah que foram influenciadas pela religião dos pais, contudo, a entrevistada Sarah possui cônjuge não evangélico e Rute possui cônjuge evangélico, porém ambas concordam e tomam a iniciativa de mudança comportamental através do seu entendimento de “mulher submissa” por meio da hierarquização dos papéis familiares.

Contudo, para ambas as entrevistadas independente do histórico-cultural e religioso dos seus cônjuges, o casamento é fundamentado no compromisso, e cujo propósito é convivência e bem familiar e manutenção da harmonia conjugal. Segundo Busin (2011) Apesar do discurso patriarcal fazer parte da religião, não se pode afirmar que sua origem é religiosa, mas que os autores dos textos bíblicos refletiram em seus escritos elementos que estavam inseridos em cultura singular. Sendo assim, existe uma construção social do masculino e feminino que é relacional, esse processo de construção social remete a práticas sociais que estão situadas em um dado contexto histórico levando em consideração aspectos sociais e culturais próprios de sua especificidade num dado contexto social (Aragão Filho, 2011).

Todas as participantes das entrevistas utilizaram-se de narrativas que valorizam a manutenção do casamento, mesmo a participante que se encontra separada. Para Jablonski (1998) as pressões sociais para o casamento atingem principalmente as mulheres e as relações conjugais. Para esse pesquisador uma mulher que chegue por exemplo aos 40 anos sem ter

experenciado o casamento ou a união com outro indivíduo, poderá ser vista com reserva e desconfiança ocorrendo assim discriminação. Contudo a sociedade contemporânea agrega novos valores as expectativas femininas que vão além da conjugalidade e manutenção da família tradicional, como a inserção da mulher no mercado de trabalho, que possibilitou as participantes das entrevistas desempenharem outros papéis como carreira profissional, tornando-se possível conciliar as prioridades.

Para Araújo e Scalon (2005), a conjugalidade na atualidade é marcada pela autonomia, sendo possível o fim da relação e o recomeço expressando um movimento de busca por identidades afetivas e sexuais. Nessa perspectiva, apesar das entrevistadas apresentarem em seu comportamento a finalidade de permanecerem casadas por meio de posturas e condutas que consideram como submissão feminina, a separação aparece como possibilidade concreta na narrativa de uma das participantes da entrevista desde que os motivos sejam “plausíveis” tornando o relacionamento conjugal insustentável.

Quanto a narrativa das entrevistadas que mantiveram ou mantem relação com o cônjuge não evangélico, todas apresentaram relatos de conflitos conjugais decorrentes de práticas do seu parceiro que não são condizentes com o que Andretta (2020) se refere como “realidade sagrada” mas enquadrando-se na “realidade do mundo”, aludindo a participação e gozo das atividades profanas. Norteiam a sua conduta na relação conjugal e na manutenção da família tradicional.

As expectativas nutridas por todas as participantes com relação relacionamento conjugal são positivas, as de exceto de Débora que, apesar de várias tentativas para a manutenção da relação conjugal, o casamento culminou na separação. Para Jablonski (1998) o casamento, ainda é visto por muitas pessoas como indissolúvel e monogâmico, a cultura, contribui por criar uma armadilha inescapável gerando uma expectativa difícil de se cumprir.

Desta forma, para Chapman (1998) a qualidade do relacionamento amoroso é importante para a realização dos cônjuges que buscam satisfazer um ao outro nas áreas afetiva, profissional, financeira, espiritual e familiar. Essa visão na forma de conceber a relação conjugal na contemporaneidade influenciou a religião neopentecostal sobre a qualidade da relação conjugal. Nessa perspectiva as entrevistadas, passaram a adotar e incorporar posturas e valores condizentes com essas transformações sociais, mas, assumindo a responsabilidade de guardiã da família buscando preservar o relacionamento conjugal.

Apesar das transformações e ressignificações na contemporaneidade ainda existe discriminação das mulheres em algumas áreas. Pode-se observar resquícios de um preconceito

que continua a afirmar lugar de mulher junto as atividades domésticas (Aragão Filho, 2011). Segundo Spyer (2020), apesar da aplicação das referências bíblicas que fomentam a distinção dos papéis entre homens e mulheres dentro das denominações evangélicas, em que geralmente o homem detém a última palavra nas decisões familiares, o pentecostalismo tem valores menos machistas e discriminatórios do que os que predominam no Brasil, para o antropólogo a igreja evangélica reduz as distinções dos papéis dentro família e da sociedade.

Sendo assim, apesar das entrevistadas apresentarem uma narrativa conservadora em relação ao exercício do seu papel conjugal, com a caracterização do papel hierárquico do homem como o líder família e a mulher como guardiã e a principal responsável para a manutenção harmonia conjugal, pode-se observar a ampliação dos papéis da mulher não apenas como sendo apenas responsável manutenção do casamento e da esfera doméstica, mas se inserindo de forma ativa no mercado de trabalho (Borges e Castro, 2007; Sarti, 2005).

4.2 A MÃE CRISTÃ INSTRUI OS FILHOS NA PALAVRA DE DEUS

O segundo ponto a ser considerado foi o “ideal de mãe” construído a partir de estereótipos, fundamentados no discurso da submissão feminina por meio dos relatos das participantes de pesquisa. Os discursos das mulheres-mães que participaram pesquisa de campo deram ênfase a importância de ser presente na criação dos filhos, ensinando-lhes os valores religiosos das denominações religiosas das quais se inserem por meio dos princípios da Bíblia, reconhecida por estas mulheres como a “palavra de Deus” e do exemplo de condutas que elegeram em sua fé cristã.

A temática família para as igrejas neopentecostais tem sido utilizada como base para fundamentar cultos direcionados para a “preservação” da família tradicional, ou seja, família composta por homem, mulher e filhos. (Dias, 2017) E dentro desse processo ainda permanece discursos fundamentados na diferenciação dos sexos e na hierarquização dos papéis na família considerada a base principal para o discurso da submissão feminina nas igrejas cristãs inclusive nas neopentecostais (Barr, 2020).

Nesse processo de construção social e cultural que diferenciam os papéis femininos e masculinos a mulher tornou-se a principal responsável pelo cuidado dos filhos. E mesmo com as transformações contemporâneas, com a inserção da mulher no mercado de trabalho e maior participação masculina no âmbito doméstico, a mulher ainda permanece como a figuração

central no processo de criação dos filhos, especialmente com o aumento exponencial de mulheres chefes de família.

Nas igrejas evangélicas neopentecostais as mulheres compõem grande parte da membresia e, geralmente, estas procuram soluções para problemas no âmbito da família (Costa, 2004) que podem estar relacionados a problemas conjugais ou a educação dos filhos. Sendo assim, no processo de “conversão” a uma igreja neopentecostal a mulher-mãe agrega valores religiosos e se insere no grupo religioso criando vínculos de pertencimento que influenciam na sua conduta na família e na criação dos filhos.

No final do século XIX, a moralidade religiosa sofreu influência do modelo da família nuclear burguesa em que a mulher deveria ser uma mulher organizada e sensata e responsável pelo cuidado do marido e dos filhos (Soihet, 2006). Na concepção de Biasoli-Alves (2001) valores individualistas começaram a fundamentar as relações pais e filhos, contudo a criança não é apenas uma alma a ser salva, pensamento social existente em séculos anteriores, mas é merecedora de afeto e cuidado necessário.

Essa mudança de percepção sobre a criança influencia e molda o modelo de mãe ideal na sociedade brasileira. Esses valores por sua vez são geralmente transmitidos de geração em geração, fenômeno conhecido como transgeracionalidade que é responsável pela perpetuação de crenças e valores.

Na educação intrafamiliar geralmente pais e mães costumam ensinar e transmitir para seus filhos valores que, em seu entendimento contribua para o seu desenvolvimento social. Nessa perspectiva, pais e mães repassam valores que lhes foram ensinados, e outros que preferem e se empenham para não repetir padrões educativos que apreenderam na criação dos seus filhos (Wagner, Predebon e Falcke, 2005). No entanto, frequentemente muitas vivências experimentadas na família de origem são repetidas na família atual, ainda que as expectativas tenham sido outras. Contudo sabe-se que a transmissão de valores é um fenômeno complexo existindo várias variáveis (Wagner, Predebon e Falcke, 2005).

Nesta pesquisa, todas as mães entrevistadas almejavam direcionar seus filhos a “palavra de Deus” por meio do seu entendimento enquanto seu papel de mãe cristã com fundamento no ethos religioso e na sua nova identidade como mãe evangélica neopentecostal. Para Jacquet e Costa (2004) a educação e a religião sempre foram permeadas pelo imaginário coletivo como papel desempenhado pelas mulheres.

Nessa perspectiva, a mulher-mãe, após sua conversão direciona os seus filhos de acordo com os princípios religiosos aprendidos e ensinados na igreja. Posto isso, foi possível

observar a influência que os ensinamentos religiosos aprendidos na igreja interferem no processo de criação de filhos através do discurso de Débora:

“Hoje, graças a Deus minha vida e dos meus filhos se interfere assim, eu me coloco na presença de Deus sempre ali em oração, em vigiância, como Ele manda que nós devemos fazer e sempre ali ensinando a palavra, lembrando, o ensinamento eles recebem na igreja mas tô sempre ali lembrando que eles tem que parar um pouquinho para orar, para buscar a Deus, porque Deus é o nosso alimento, precisa ta alimentado para tudo que vem de Deus e que Ele nos manda fazer e eu vejo que a vida deles hoje é abençoada por Deus, todo mundo passa né seus sacrificiozinhos mas logo logo Deus ta dando vitória e tudo passa e tudo se resolve graças a Deus.[...]meus filhos estudaram, se formaram, foram trabalhar, eu vi a mão de Deus na vida dos meus filhos e na minha, e hoje graças a Deus nós temos paz!”(Débora, IURD, 65 anos, separada, 2 filhos).

O enunciado de Débora demonstra a relevância existente para a entrevistada motivar os filhos a seguir os preceitos religiosos de sua igreja, crendo ser importante para se obter uma vida de sucesso em meio as dificuldades a que ela chama de “sacrificozinhos”. Esses princípios religiosos são considerados importantes para a participante para a transmissão de valores no processo de criação dos filhos.

Nesse processo, a mulher mãe faz uso dos valores e preceitos religiosos para ensinar os filhos e direcioná-los a buscar a Deus, como a oração. (Machado, 2005) Esses princípios religiosos norteiam a prática da entrevistada agregando em seu repertório valores que tem por objetivo instruir o a prole a viver a vida de acordo com os ensinamentos da sua religião. Para Spyer (2020) Existe uma preferência por parte das famílias das camadas populares no Brasil de que seus filhos sejam ensinados por meio da prática moral dentro dos valores da família.

É importante salientar que as igrejas evangélicas em que integram as participantes, estão inseridas são de bairros populares de Salvador/Ba e que agregam valores da teologia da prosperidade que, concede bênçãos aos sujeitos que seguem os princípios religiosos em busca de obter, o que a entrevistada chama de “vitória” que consiste em resolução dos problemas.

Nessa perspectiva, a entrevistada Débora, acredita que a prática dos ensinamentos religiosos através da oração e direcionamento dos filhos irá contribuir para que estes saibam lidar com as dificuldades e responsabilidades impostas pela “realidade do mundo”. Algumas denominações neopentecostais direcionam cultos voltados para a família e as “bençãos materiais”. Sendo assim, a expectativa de se obter uma vida materialmente melhor contribui para explicar por que os seguidores de religiões pentecostais emergem principalmente dos setores de baixa renda.

Os dados obtidos na pesquisa de Ciscon Evangelista e Menandro (2011) revelaram que os participantes dessas igrejas reconhecem que, o fato de participarem e pertencerem a um grupo religioso, nas condições e possibilidades que fizeram essa escolha, contribuiu por desencadear um processo de várias transformações conceituais e comportamentais em todas as áreas da sua vida. Essas mudanças são explicitadas pelos participantes da pesquisa como positiva pois influenciam e impactam a vida dos seus filhos.

Existe nos discursos das participantes da pesquisa, uma expectativa de mudança ou melhoria de vida de seus filhos após estes reproduzirem ou aceitarem os ensinamentos maternos, seja em projeções socioeconômicas, ou nas relações familiares como pode ser observado na narrativa de Esther:

“porque os nossos filhos é muito importante, você ter sabedoria de Deus para lidar com os seus filhos e com o seu esposo, então as vezes a gente somos nervosos, os filhos são rebeldes, [...] minha filha fala, quando eu era pequena a senhora me batia. Foi no passado, agora eu sou uma nova criatura, tem esse negócio de bater mais em criança não, conversa e ensina, não existe mais isso então quando a gente conhece a palavra de Deus, a gente passa o ensinamento para os nossos filhos senta com eles ensina como eles saber lidar com as pessoas e ai que Jesus muda, então Jesus muda, eu acredito que Jesus mudou muito na minha família” (Esther, Igreja Internacional da Graça de Deus, 55 anos, casada, 2 filhos).

No discurso de Esther observa-se que após a “conversão” a uma igreja neopentecostal ocorreu um processo de transformação da sua conduta comportamental na criação dos filhos, contudo, Esther permaneceu permeada por relações de poder de modo a induzir os filhos no processo de criação, a adotar os mesmos valores religiosos que segundo a entrevistada transformaram a sua vida após a conversão a igreja neopentecostal ao se ver como “nova criatura”, ou seja a entrevistada não se vê mais inserida em práticas punitivas na criação dos filhos por acreditar não condizer mais com os ensinamentos recebidos na igreja.

De acordo com Hoffman (1960 *apud* Patias, Siqueira e Dias, 2013), um dos principais autores no estudo da parentalidade, o processo de interação entre os responsáveis pela criação dos filhos é baseado em relações de poder, que geralmente se concentra na figura dos pais. De acordo com este pesquisador, a figura materna ou paterna pode utilizar duas formas distintas de poder para modificar o comportamento dos filhos. A disciplina indutiva e a coercitiva.

A disciplina indutiva faz o uso da comunicação e comunica ao individuo, neste caso, os filhos, ao comportamento desejável pelos pais, induzindo e comunicando, por meio do direcionamento de sua atenção para as possíveis consequências de seus comportamentos. Há disciplina coercitiva, entretanto, faz uso do poder parental, através da prática direta da força e do poder.

Para Esther, a sua nova realidade seria direcionar os filhos de acordo com práticas indutivas, já que as práticas coercitivas estariam relacionadas a realidade anterior ao seu processo de conversão ou “realidade do mundo”. Embora a entrevistada atribua sua mudança aos valores religiosos, não se pode ignorar o contexto contemporâneo em que está inserida em que houve mudanças nas percepções acerca da educação dos filhos como Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), a Doutrina da Proteção Integral e a chamada Lei da “palmada”.

A Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, que culminou no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) assegura o direito à proteção integral de toda criança e adolescente. A partir do fundamento da proteção integral, pode-se pensar no direito à educação formal como a escola e a informal como a exemplo de pais e mães ou responsáveis. É importante salientar que o ECA, foi debatido nas últimas décadas e influenciou na mudança de paradigmas na educação dos filhos na contemporaneidade. Essas transformações por sua vez impactaram a sociedade, inclusive, no movimento neopentecostal que surgiu na contemporaneidade agregando em seu discurso religioso valores contemporâneos.

Na atualidade, o ECA é visto pelo senso comum como instrumento protetor dos direitos das crianças contra os pais e mães. Alguns pesquisadores indicam que os comportamentos de pais e mães no processo de criação dos filhos não ocorrem por mera coincidência, mas são baseados em valores e crenças relacionadas à cultura e ao contexto de desenvolvimento em que os responsáveis pela educação dos filhos estão inseridos (Biasoli-Alves, 2006).

Sendo assim, crenças parentais são desenvolvidas pela entrevistada por meio de vivência e experiência social e cultural no decorrer da sua vida. Elas servem de referência para sustentar o comportamento das entrevistadas no cotidiano mediante educação da sua prole. Portanto essas mães possuem crenças a respeito de como devem criar os seus filhos baseados tanto no que creem ser o melhor para os filhos, como no que valorizam ou desvalorizam.

A mulher-mãe, portanto, ao assumir os papéis de cuidadora e principal responsável pela educação dos filhos no contexto neopentecostal, assume também a responsabilidade de transmitir os valores religiosos que nortearão a conduta dos filhos nesse mundo e levará posteriormente a salvação de suas almas. Essa aceitação dos papéis que é fundamentado no discurso da hierarquia do masculino e feminino nas igrejas, interfere no método e na forma de

como a mulher-mãe, principal responsável na orientação da conduta dos filhos, aceita e sente-se convencida por direcioná-los nos princípios religiosos.

Contudo, a família popular no seu processo de construção histórico e cultural agrega valor moral, fundamentado na hierarquia, autoridade e respeito. (Spyer, 2020) Portanto, de modo geral, a mãe torna-se autoridade sobre a vida dos filhos, sendo responsável pelo ensinamento moral. Essas práticas estão fundamentadas na divisão dos papéis familiares por meio do discurso da submissão feminina como pode ser observado por meio da narrativa de Sarah e Rute:

“meus filhos vinham de brigas, de presenciar brigas, de presenciar muitas contendas, a desarmonia dentro do lar por falta de submissão da minha parte né, então é existia vários conflitos de repente, aqueles conflitos estavam sendo sanados porque simplesmente eu estava mantendo o respeito e estava fazendo a minha parte como esposa da relação, sendo submissa ao meu esposo é dando satisfação né, convidando para o que fosse participar, fazendo ele uma parte ativa integrante na minha vida.[...]os filhos começaram a observar que tinha algo diferente que eu estava dialogando mais que eu não estava buscando minha própria individualidade né e os filhos se beneficiaram com isso porque puderam viver em uma ambiente tranquilo, um ambiente de paz e de compreensão mútua.” (Sarah, Igreja Batista Missionária Charisma, 48 anos, casada, 2 filhos)

“eu entendia uma ideia diferente do que a bíblia diz, e por não querer ser submissa, houve muito conflitos né conflitos né com meu esposo, havia né um exemplo ruim que eu dava para os meus filhos, meus filhos não conseguiam perceber claramente os papéis bem definidos qual era o meu papel, qual era o papel do pai deles, isso também trouxe dificuldade nos relacionamentos deles para com o pai até mesmo para comigo, a partir do momento que eu comecei a perceber que isso estava trazendo transtornos uma dualidade né, que em casa eu vivia esse conflitos, vivia esses embates,[...] meu filhos também sempre percebiam que eu sempre queria impor minha vontade e isso trazia um transtorno muito grande mas eu precisava ensinar o que a bíblia diz [...]o relacionamento com os meus filhos, hoje inclusive eu posso da como experiência ou da conselhos me tomando como experiência né de como é importante a gente assumir o nosso papel (Rute, Aliança Bíblica do Avivamento, 50 anos, casada, 2 filhos).

No entendimento das entrevistadas o discurso da submissão feminina, interpretado como submissão ao poder do marido nas relações conjugais e parentais, impactou de forma positiva a vida dos filhos através do exemplo da melhoria das relações através das novas regras de convivência permeadas por novos valores a partir do entendimento das entrevistadas acerca do exercício do seu papel submisso ao cônjuge e na vida familiar. Pode-se perceber no discurso das participantes da entrevista a naturalização e hierarquização dos papéis de homem e mulher ensinados nas igrejas neopentecostais por meio das suas narrativas.

Para Sarah e Rute o papel da mãe está atrelado ao papel de esposa submissa, que na perspectiva das entrevistadas busca manter a “harmonia familiar” por meio de regras de convivência em que os papéis femininos e masculinos se diferenciam. No entendimento das

participantes da entrevista essas características nos exercícios dos papéis de mãe e esposa conciliadora é fundamental no processo de criação e direcionamentos dos filhos.

Sendo assim, a mulher evangélica, como mãe, ao alcançar um patamar de prestígio e relevância conferido pela aceitação dos novos papéis de orientação da família, em que o protagonismo feminino é submetido ao poder masculino, associados aos demais princípios e valores religiosos aprendidos nas igrejas neopentecostais que frequentam, tornam-nas convencidas de serem responsáveis pela condução e orientação de toda a família inclusive dos filhos.

Esse convencimento por parte das entrevistadas, possui raízes profundas na história social da família. Numa perspectiva positivista de família, por exemplo, de acordo com Almeida e Nicolete (2016), valorizava-se a mãe e esposa abnegada que era a principal responsável pela educação e orientação dos filhos. Sendo assim, a mãe é considerada a primeira educadora na infância. No início do Século XX, as barreiras foram se distanciando das diferenciações biológicas, porém o trabalho assalariado só poderia ser aceitável se fosse para se doar ou cuidar de alguém com servidão e submissão.

A educação das mulheres no início das primeiras décadas do século XX, não poderia ultrapassar de forma demasiada as fronteiras do âmbito doméstico. O período republicano no Brasil, se apropriou de discurso da diferenciação biológica dos sexos fomentado e naturalizados por meio de discurso religiosos que conduzem para a diferenciação dos papéis exercidos pelas mulheres, justificando a subordinação feminina e ressaltando o seu valor na criação dos filhos (Almeida e Nicolete, 2016). Essas raízes históricas permeiam o imaginário coletivo e influenciam o discurso das entrevistadas que naturalizam a distinção dos papéis no âmbito familiar acreditando ser a mulher-mãe a principal responsável pela criação e direcionamento dos filhos.

Sendo assim, observa-se por meio das narrativas de vida das entrevistadas a tentativa de direcionar os filhos através da sua conduta comportamental no âmbito familiar e no que creem ser submissão. Sara e Rute acreditam que a mulher é a principal responsável pela harmonia familiar e no exercício do papel de mãe sendo o principal exemplo na educação dos filhos, portanto, deve-se submeter a determinadas condutas comportamentais ou regras de convivência fomentadas pelo discurso religioso de suas igrejas e na interpretação que fazem da bíblia, visando a diminuição dos conflitos no âmbito familiar que segundo as participantes da entrevista consequentemente afetam na criação dos filhos.

Esse papel de mulher mãe autoridade exemplar sobre a vida dos filhos se perpetua mais no âmbito privado e nas relações familiares (Reina, 2008). Nessa perspectiva, a conduta comportamental da mãe exemplar e ideal na criação dos filhos são provenientes e ressignificadas por meio da interpretação das entrevistadas através de símbolos religiosos, da leitura da bíblia e de normas e regras de convivência que as participantes da entrevista chamam de “submissão”.

Compreende-se, portanto que no entendimento das entrevistadas as regras de convivência devem ser definidas pelo próprio casal com a finalidade de evitar conflitos familiares que prejudiquem na criação dos filhos, contudo essas regras e normas de convivência são uma mescla de valores antigos como a hierarquização dos papéis e valores contemporâneos como a valorização do diálogo e respeito nas relações atenuando as desigualdades nas relações familiares.

No plano do discurso, essas regras de convivência permeadas por valores culturais antigos e contemporâneos, são definidas pelo grupo familiar ou casal, neste caso são definidas pelas entrevistadas e seus cônjuges visando atenuar conflitos familiares que consequentemente prejudiquem no que consideram relevante para a criação dos filhos como os valores a serem transmitidos por meio das suas crenças religiosas. No entanto, é importante salientar que, mesmo sendo evidente o dever dos pais em relação a educação dos filhos, a interpretação de submissão feminina subjacente aos discursos familiares, termina por reforçar a obrigação da mãe em transmitir valores para a vida.

Sendo assim, identificamos que as 4 mulheres-mães participantes das entrevistas, buscaram articular através do exemplo e práticas indutivas, formas e métodos de direcionar seus filhos a “palavra de Deus”, usando normas de comportamentos a partir do seu entendimento de submissão e valores religiosos, como oração, leitura bíblica como as ações que norteiam as práticas comportamentais válidas para o viver em sociedade. Tais práticas tem a finalidade a revalidar por meio da articulação dessas relações e da relação de poder introjetar valores religiosos que buscam direcionar os filhos aos valores da sua religião com o objetivo de modificar e controlar os seus comportamentos individuais.

Nesta tentativa, as mães utilizam estratégias envolvendo recursos e ensinamentos baseados no entendimento que fazem da bíblia e do que é ensinado em suas igrejas. Na perspectiva de um objetivo de vida para os filhos há uma expectativa de transformação após a prática da “palavra de Deus”, isto é, de fazê-los crescer com os valores religiosos introjetados. No caso de Débora, a expectativa material de transformação, está associada a uma inserção

em uma profissão e emprego. De acordo com Spyer (2020 p.136): “Ter melhores condições socioeconômicas não é incompatível com a ideia de vida cristã.” Segundo a visão do antropólogo, a teologia da prosperidade não se resume apenas a melhoria das condições financeiras, mas em todas as áreas da vida, como saúde, vida familiar, espiritual.

Sendo assim, nesta pesquisa todas as participantes tentam direcionar seus filhos a trajetórias que tenham por fundamento valores religiosos baseados em sua nova identidade de mãe neopentecostal.

4.3 A IDENTIDADE DA MULHER SUBMISSA NA FAMÍLIA NEOPENTECOSTAL

Nesta terceira seção, apresentaremos como as mulheres participantes da pesquisa destacam seu ponto de vista acerca do que é ser uma mulher submissa. É destacado também como as transformações na sociedade contemporânea contribuíram para a flexibilização do discurso da submissão feminina na narrativa das entrevistadas.

Nessa perspectiva, de Gabatz (2016), pode-se ser observado tanto na sociedade moderna como na pós-moderna, a influência da religião para a redefinição das subjetividades e o processo de individuação dos atores sociais. A adesão a religião evangélica-neopentecostal representa um processo de ressignificação da biografia do indivíduo especialmente das mulheres das camadas populares que são maioria nas igrejas que professam essa fé.

A maioria da membresia das igrejas neopentecostais é composta por mulheres que geralmente aderem a essa religião buscando soluções para os seus problemas familiares e possuem motivações distintas ao ingressar na igreja e experiências diferenciadas do público masculino (Spyer, 2020). As motivações femininas e as transformações na sociedade contemporânea contribuem para atualizar o discurso religioso da submissão feminina.

Nessa perspectiva, para Gabatz (2016) a religião evangélica atribui importância e valores associados a subjetividade feminina. As igrejas neopentecostais promovem atividades que são exercidas pelo público feminino ultrapassando a esfera doméstica e familiar.

Há diversas redes de sociabilidades que as igrejas neopentecostais promovem para a individuação feminina, por exemplo: os trabalhos voluntários, a evangelização em presídios, hospitais e praças, a participação em programas televisivos, apoio em candidatura política e em algumas igrejas e o pastorado feminino, contudo os recursos discursivos e simbólicos que as mulheres neopentecostais utilizam para o processo de redefinição das subjetividades está

interligada as atividades remuneradas e o aumento do nível educacional e com o aumento das separações e conseqüentemente da chefia feminina (Gabatz, 2016; Silva, 2008).

Sendo assim, as igrejas neopentecostais enfatizam valores relacionados a subjetividade feminina, dando ênfase ao exercício de uma autoridade moral pelas mulheres especialmente no âmbito familiar fortalecendo a sua autoestima.

A maior participação das mulheres no mercado de trabalho com a ampliação das atividades remuneradas, o aumento do nível educacional e o crescimento das mulheres que são chefes de família, influenciaram as novas formas de subjetividade feminina vivenciadas nas igrejas neopentecostais. Para Machado (2005), as mulheres adeptas as igrejas neopentecostais ressignificam suas condutas, que impactam a vida no âmbito familiar por meio da identificação com os valores religiosos que comungam com o individualismo. O movimento neopentecostal tende a revisar o sistema de autoridade consagrando as mulheres a cargos de liderança como o pastorado, que eram exercidos apenas por homens.

O crescimento do pastorado feminino por exemplo, revisa o lugar social dessas mulheres na sociedade contemporânea impactando na construção da sua identidade, contudo ainda permanecendo como resistências a autonomia feminina. (Gabatz, 2016)

Essa resistência se propaga também no âmbito familiar com a divisão dos papéis no interior da família interferindo no processo da construção da identidade feminina. Como pode ser observado na literatura, (Carvalho, Moreira e Rabinovich, 2015) a mulher surge como a principal responsável pela vida doméstica incluindo em relação ao cuidado com os filhos e marido. A formação do modelo da família nuclear burguesa fomentou essa visão (Aries, 2014; Poster, 1978). Essa visão patriarcal associada ao discurso da fragilização da mulher foi disseminada ao longo do tempo sendo assimilado pela ciência e pela religião (Andretta, 2020).

Os papéis de gênero são bases para as construções sociais do masculino e feminino que buscam “naturalizar” os papéis que cada um deve exercer na família interferindo na construção da identidade feminina. Para a mulher tem-se como principal papel o de mãe e esposa. Contudo, com as mudanças contemporâneas e a maior participação da mulher no mercado de trabalho, influenciou no processo de reconstrução da identidade feminina.

Ainda que na cosmovisão cristã neopentecostal, a representação conservadora da família e a afirmação de sua importância para a vida social continue a existir e a se reproduzir, percebe-se de forma progressiva uma aceitação dessas novas condições de vida devido a

própria imersão em valores contemporâneos que é uma sintonia interessante entre os imperativos da vida (contexto) e a condição de vida particular dos fiéis (Nascimento, 2009).

Sendo assim, a contemporaneidade trouxe uma perspectiva mais igualitária do que é responsabilidade do homem e da mulher no âmbito familiar. Essa influência contemporânea tem impactado as igrejas neopentecostais de modo que as mulheres têm assimilado conceitos contemporâneos e resignificando o seu entendimento acerca da submissão feminina e seu papel na família.

“Nós mulheres somos ensinadas pelos pastores, a esposa a dona da casa está sempre ali né, presente auxiliando os seus maridos que seja a ajudadora né sempre né, nós somos ensinado a isso, como fala na bíblia que a mulher tem que sentar na roda da mesa, em volta da mesa e o homem que é o cabeça, [...] a palavra de Deus se cumpriu na minha vida como foi para a família, nesse sentido, ele não quis ser o provedor da minha casa, então eu precisei ser o provedor.[...] A mulher hoje se ela for se casar antes de casar ela deve ter algo dela pra ela mesmo que ele venha ter e que seja assim para compartilhar um ajudando o outro, mas não esperar por aquele que você não sabe se vai vim, foi o meu caso que eu esperei por ele, hoje não[...] Há muitas mulheres na minha igreja e fico feliz[...] em ve a vitória delas que eu creio que não é para todas ele e ela que tem que ter essa parceria né, so você da, ele também tem que ceder, os dois e eu vejo que é muito lindo essa submissão.” (Débora, IURD, 65 anos, separada, 2 filhos).

As dificuldades enfrentadas por Débora, fazem parte da realidade de muitas mulheres das camadas populares, pode-se perceber através da sua narrativa e a adequação do seu entendimento de submissão feminina, as necessidades materiais condizentes com sua realidade econômica e as transformações na sociedade contemporânea e os direitos adquiridos pelas mulheres nas últimas décadas. Na narrativa pode-se notar a ideia do significado de submissão ainda associado aos avanços sociais que as mulheres conseguiram ao longo das gerações como a independência financeira e o espaço no mercado de trabalho.

Esse discurso da entrevistada é comumente reproduzido pelas mídias sociais de programas como *The Love School* - Escola do Amor, que é um programa transmitido na televisão que estreou no final de 2011, na Rede Record de Televisão e na filial da TV Universal, paralelo a isso são publicados vídeos no site da IURD TV e YouTube, tratando de temáticas envolvendo família e casamento por exemplo (Altivo, 2014).

No referido programa, os apresentadores incentivam a adesão do público feminino utilizando-se de pautas que envolvem temáticas como a mulher contemporânea que além de esposa e mãe, é independente e trabalhadora, enfatizando o modelo de mulher submissa adequando a realidade da mulher que está inserida no mercado de trabalho, contudo ignora

realidades diferenciadas como, por exemplo, das mulheres negras, chefes de família que sofrem discriminação racial.

Essas regras de modelo de mulher submissa valem tanto para as mulheres de classes econômicas elevadas quanto para as de classes populares (Altivo, 2014). Sendo assim, pode-se perceber na narrativa da entrevistada o sentimento de inadequação por sua realidade não ser condizente com o padrão submissa em que acredita, embora em sua narrativa apresente um discurso sobre a necessidade da mulher ser independente financeiramente, flexibilização do discurso da submissão feminina condizente com a realidade contemporânea como da autonomia financeira da mulher, e a maior participação nas decisões familiares, ainda existe em sua narrativa um modelo ideal em que o homem deve ser o “provedor”.

Esse processo de “flexibilização” é comum nas igrejas neopentecostais, movimento religioso que a entrevistada participa que segundo Machado (1996) apresenta uma busca por alicerce existencial, diante das diversas transformações culturais e sociais, através da vivência religiosa.

Sendo assim, essas vivências religiosas representam um processo de ressignificação que é uma mescla dos padrões contemporâneos com concepções religiosas que dão uma nova “roupagem” a valores como a submissão feminina e reconstruindo o discurso da identidade feminina. Contudo permanece a expectativa de preservação do casamento baseado em um ideal burguês de família e fomentado pelo discurso religioso da submissão feminina.

Para suprir as necessidades básicas da família a entrevistada assume a posição de chefe de família, pode-se observar em sua narrativa, a percepção que Débora tem de si como mulher-mãe evangélica e líder da sua família, que agrega a defesa de valores religiosos como a fé neopentecostal e de valores contemporâneos, como a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Nas décadas de 1980 e 1990, houve um aumento significativo das famílias monoparentais femininas, principalmente das camadas populares, de modo à Constituição Federal de 1988 reconheceu a família monoparental. Simultaneamente, as pesquisas demonstram que as famílias monoparentais em sua maioria são formadas por um público feminino, o que se destaca que a figura feminina está associada à imagem de cuidadora dos filhos (Meirelles, 2016).

O crescimento progressivo da família monoparental feminina se destaca pelas transformações na sociedade rural, isso devido as migrações temporárias ou permanentes. Na classe média, pode-se compreender o crescimento da monoparentalidade a partir de questões

ideológicas decorrentes da emancipação feminina profissional que inseriu as mulheres no mercado de trabalho (Reina, 2008).

As questões ideológicas e as transformações sociais influenciam na percepção que as entrevistadas possuem acerca da sua identidade e no entendimento que têm acerca da submissão. Como também pode ser observado na narrativa de Esther

“Eu acho uma mulher submissa na família que não é fazer tudo que o esposo quer que ela faça é ter sabedoria entendeu? e na hora no relacionamento não ser submissa ao marido como algumas pessoas falam quer uma coisa, ele quer outra, e não é assim, você tem que chamar o seu esposo que agora você é uma pessoa de Deus entendeu? não é fazer tudo que o homem quer é respeitar, respeitar o marido e o marido respeitar a esposa. (Esther, Igreja Internacional da Graça de Deus, 55 anos, casada, 2 filhos).

A narrativa de Esther demonstra certa adequação do discurso da submissão a realidade contemporânea, em que a mulher participa mais ativamente nas esferas sociais com direitos conquistados nas últimas décadas como o direito ao voto, essas conquistas interferem e flexibilizam o entendimento que as entrevistas têm acerca da submissão. A entrevistada apresenta um entendimento de submissão sem subserviência contudo, apresentando em sua narrativa a responsabilidade por viabilizar o diálogo entre o casal, apresentando-se como mulher “sábia” que busca conciliar interesses entre o casal. É importante salientar que embora a entrevistada apresente uma visão mais flexível do seu entendimento acerca da submissão, esta não considera opressor ou ruim o seu papel de “auxiliadora” e mulher que auxilia o líder, que é seu marido ou ao fato de se submeter a traições como foi abordado anteriormente, com a expectativa de preservar o casamento e a harmonia familiar.

O discurso da entrevistada acaba por não levar em consideração as “pequenas” opressões simbólicas que acontecem naturalizando a hierarquização dos papéis femininos e masculinos fomentados pelo discurso religioso da submissão.

Apesar da naturalização dos papéis estar presente na narrativa da entrevistada, para Birman (1996), os fiéis das correntes neopentecostais procuram compatibilizar os papéis da mulher na esfera familiar e na religião, em aspectos religiosos e a vida “mundana”. Esse processo flexibiliza o entendimento que as entrevistadas possuem acerca do que tem por submissão e da sua identidade.

É importante salientar que a identidade é uma construção social, portanto, é dinâmica e contextual. A formação da identidade feminina acaba por reafirmar essa dinamização, pois segundo Machado (2005), com o advento da modernidade e das revoluções burguesas, o princípio da liberdade individual, acabou por gerar indagações sobre o papel da mulher nas

esferas sociais e a sua subversão diante do homem. No século XX, surgiram novos questionamentos com a inserção da mulher no mercado de trabalho e os novos papéis sociais desempenhados na sociedade, como a luta por melhores condições de trabalho. Nessa perspectiva, as transformações sociais impactam o discurso da entrevistada, que valoriza atributos considerados femininos ao exercício do seu papel como mulher submissa como a sabedoria para direcionar a família.

O pertencimento a uma igreja neopentecostal, através das pregações dos pastores que incentivam o empreendedorismo feminino, e, conseqüentemente, uma maior autonomia da mulher nos espaços religioso e familiar, permite que cada vez as mulheres das camadas populares, se identifiquem com os valores neopentecostais. (Spyer, 2020). Por isso, é possível observar na narrativa de Esther uma ênfase no discurso de liberdade e maior participação na tomada das decisões familiares acarretando a flexibilização do entendimento da entrevistada acerca da submissão.

Para Machado (2005, p.388) “[...] “interiorização ou subjetivação dos atores sociais nas sociedades modernas e pós-modernas”. Sendo assim, a entrevistada apresenta em sua narrativa um discurso que enfatiza os valores da sua crença religiosa, mas assimila no seu processo de autorreflexão, valores contemporâneos, como foco no indivíduo, nesse caso, assume a responsabilidade pelo equilíbrio da sua relação com o seu esposo e sua família a partir do entendimento que possui acerca de submissão.

A narrativa de Esther demonstra, portanto, uma flexibilização do discurso da submissão, e uma mescla de valores religiosos com os valores da sociedade contemporânea, em cada vez a mulher adquire autonomia e independência o que conseqüentemente, reflete nas relações familiares. Pode-se perceber também essas transformações no entendimento do discurso da submissão feminina na narrativa de Sarah:

“[...] a submissão não significa que a mulher tem que ser um capacho ou que tem que ser uma subalterna, muito pelo contrário, quer dizer que ela tem que ser companheira né? Tem que mostrar realmente o respeito que tem que existir em toda relação entre homem e mulher [...] essa questão da submissão tem impactado de forma positiva antes de entender verdadeiramente o que quer dizer, o que quer dizer né a submissão da parte da mulher. Submissão significa algo que a mulher deve ao seu esposo não porque ela é subalterna, não porque ela é submissa, não porque ela é capacho, mas em questão de respeito realmente né de se colocar no lugar do outro né de estar assim né, contando com ele em todos os momentos da vida. Isso é ser submissa é estar contando com ele em todos os setores da vida. Estar sempre comunicando com ele, sempre dialogando, e mantendo acima de tudo o respeito que é necessário em toda relação pra que toda relação de certo, então antes de estar exercendo é essa parte da submissão, no meu casamento havia muitos conflitos. (Sarah, Igreja Batista Missionária Charisma, 48 anos, casada, 2 filhos).

Para Rute,

“[...] a submissão é você assumir o papel que lhe cabe dentro da família como mulher né ela não te coibi as suas ideias, a submissão não deixa você cega, a submissão muito pelo contrário, ela lhe permiti você falar livremente daquilo que você pensa de como você pensa e ter oportunidade de influenciar e até mesmo colaborar com o seu esposo no sentido de se ele esta pensando de uma forma errada, no momento em que você se coloca, ele pode pensar melhor e refletir melhor chegando assim a o consenso né mas no caso de não chegar a esse consenso é sábio a gente ceder e aguardar.[...] eu passei então a me esforçar e a buscar o Senhor para que eu pudesse ser submissa ao meu esposo entendendo que ele era o líder da casa e que em momentos de divergências onde a gente não conseguisse chegar a um consenso, alguém deveria ceder né e eu escolhi fazer isso né e depois que eu fiz isso eu vi que muitas coisas melhoraram, foram voltando para o lugar, o meu relacionamento com ele foi ficando mais fortalecido (Rute, Igreja Aliança Bíblica do Avivamento, 50 anos, casada, 2 filhos).

As entrevistadas demonstram em sua narrativa, uma perspectiva de submissão com adaptações a realidade contemporânea, a submissão sem ser “capacho” ou subalterna, significa exercer direitos que são usufruídos pelas mulheres na sociedade atual, que afirmam o ir, e vir, estar e permanecer, como estudar, trabalhar e ter independência financeira e liberdade de opinar nas decisões familiares, contudo, as entrevistadas reforçam e naturalizam que a mulher assume o papel da condução da família. Apesar do discurso das entrevistadas naturalizar a hierarquização dos papéis que o homem e a mulher devem exercer na família, em que geralmente o homem é visto como o “cabeça” ou líder da família, existe em suas narrativas a responsabilidade da mulher de conduzir a “harmonia familiar” evitando conflitos familiares.

A flexibilização do entendimento da submissão feminina pode ser observada na narrativa de Sarah ao relatar que a submissão não significa que a mulher tem que ser um “capacho” ou que tem que ser uma subalterna. Para Sarah não existe a subserviência na submissão feminina, ela assume o papel social de guia da família com a postura comportamental de Guardiã.

O papel social sempre foi visto com fundamento em padrões ou normas de comportamento esperadas daqueles que ocupam lugares ou posições na estrutura social (Badinter, 1986; Gabatz, 2016). Portanto, processos de identidade são por sua vez, construções culturais permeadas por relações de poder que normatizam comportamentos de homens e mulheres. Essa construção cultural nem sempre era acompanhado de ameaças físicas, mas foram incutidos na subjetividade humana (Eagleton, 2011; Gabatz 2016).

Em suas narrativas as entrevistadas atribuem atitudes como coibir ideias, não ter liberdade ou autonomia para opinar nas decisões familiares, a um significado “equivocado”

ou “antigo” da submissão que foi compreendido por gerações passadas, que não possuem o mesmo significado na sociedade atual, apresentando uma nova roupagem reconstruindo a identidade da mulher neopentecostal e a forma como essas mulheres se enxergam dentro da família.

Esse novo entendimento da submissão que é considerado “benéfico” promove a união do casal no relacionamento trazendo o “benefício” para a mulher, de poder opinar nas decisões familiares, mas se submetendo a liderança do marido, pois uma mulher submissa ao esposo, conseqüentemente, o levará a assumir o papel de líder em que a última palavra caberá a ele. (Machado, 2005)

Como já discutido, a imagem da mulher submissa está relacionada diretamente a hierarquia entre os cônjuges, da mesma forma que a imagem do esposo o projeta como homem líder e provedor da família (Andretta, 2020). Por isso que apesar das narrativas das entrevistadas apresentarem flexibilizações nos seus entendimentos de submissão feminina e na imagem que possuem de si mesmas, é naturalizada a ideia de que devam se submeter a liderança do marido. Nessa perspectiva, o entendimento de submissão e identidade feminina ainda está atrelada a imagem de uma mulher amparada por um indivíduo que represente imponência e que esteja a frente da família.

Ao mesmo tempo que as entrevistadas incorporam em suas narrativas o discurso da submissão, esse entendimento não está pautado na visão tradicional que o homem é o provedor e a mulher e os filhos está a mercê do marido. Isso acontece devido a maior participação das entrevistadas nas decisões familiares assumindo na maioria das vezes a responsabilidade pela manutenção da harmonia familiar.

Para as entrevistadas a submissão que torna a mulher “capacho” ou “cega” são caracterizadas por falta de autonomia em decisões pessoais e familiares em que a mulher “submissa” está a mercê da vontade e desejos do marido. Nessa perspectiva, é importante salientar que apesar do homem geralmente ter a última palavra nas decisões familiares, cabe a mulher exercer o papel de guardiã da família.

Para as entrevistadas, ser submissa significa conquistar o respeito, e carinho do cônjuge mantendo a harmonia conjugal e evitando conflitos, esse comportamento pode ser relacionado a sensação de se estar exercendo influência sobre seu cônjuge na tomada das decisões nas relações familiares.

O poder de influenciar o esposo nas decisões familiares também está atrelado ao entendimento que Rute possui acerca do seu papel como mulher submissa. Essa visão também

é propagada por meio de comunicação, com assimilação de conteúdo dos programas televisivos e livros evangélicos que ensinam que a mulher tem o poder de arruinar ou “preservar” o seu casamento através da sua influência (Pinto, 2016)

Sendo assim, o ideal de mulher submissa está atrelado a responsabilidade de manutenção do casamento que geralmente recai exclusivamente sobre a mulher e geralmente é reforçado constantemente por um ideal de mulher submissa que está associado a edificadora do lar, a mulher sábia, responsável pela condução dos filhos e a harmonia no âmbito familiar. Para os neopentecostais a família é responsável por estruturar o indivíduo a ter um bom comportamento na sociedade através dos valores morais e éticos e a mulher é a responsável para a manutenção desta estrutura (Pinto, 2016).

Desta forma, o entendimento que as entrevistadas possuem de submissão está alicerçado em características que naturalizam determinados comportamentos baseados na distinção dos sexos, apresentando na maioria das narrativas um discurso em que o homem é o líder e autoridade legítima na família. Entretanto, em determinadas situações familiares a mulher é colocada ao lado do marido, participando na tomada de decisões, interferindo no processo de construção da identidade e na visão possuem de si. Todas as participantes da pesquisa asseguraram que a submissão não implica a mulher exercer o papel de subserviência ao homem.

Observou-se que todas as entrevistadas ressignificaram em suas narrativas o seu entendimento acerca da submissão e o papel que cada uma exerce no âmbito familiar nesse sentido, adaptam o discurso da submissão feminina de acordo com as narrativas legitimações religiosas que são fomentadas nos discursos das igrejas neopentecostais.

Sendo assim, o entendimento de mulher submissa que impacta a percepção das entrevistadas, está em processo de transformação, não havendo uma visão cristalizada e definitiva acerca do seu papel no âmbito familiar, podendo sofrer alterações, de acordo com suas vivências e transformações sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada nos forneceu a aproximação do fenômeno estudado, de modo que possibilitou uma percepção ampliada dos impactos do discurso da submissão feminina na vida familiar das mulheres-mães neopentecostais, bem como a perspectiva dessas mulheres acerca do seu papel na família a partir do seu entendimento de submissão.

Constatou-se que com o advento das igrejas neopentecostais, ocorreram mudanças significativas na forma de vivenciar a fé pentecostal destacando-se o rompimento dos valores ascéticos e do sectarismo no processo de ressignificação das religiões pentecostais. As mulheres das classes populares são a maioria dos membros nessas igrejas, e encontram nas denominações religiosas rede de apoio e a busca por solução para problemas familiares como questões envolvendo conflitos conjugais e problemas com os filhos. Nessa perspectiva, pode-se perceber a importância da fé religiosa para as entrevistadas mesmo sob uma estrutura patriarcal, contudo pode-se observar transformações e novas construções de subjetividades através de suas narrativas.

A maioria das participantes desta pesquisa defende valores que reafirmam a hierarquização familiar e se adequa a princípios religiosos das igrejas em que frequentam, contudo, apresentando em suas narrativas flexibilizações dos papéis exercidos na família como maior autonomia e participação das entrevistadas nas decisões familiares. No decorrer da pesquisa pode-se perceber também como as transformações na contemporaneidade modificaram as formas de se relacionar tornando-se “aceitável” a separação mesmo em grupos religiosos neopentecostais.

Alguns aspectos da trajetória familiar das entrevistadas bem como o seu entendimento de submissão, foram reveladas durante a pesquisa de campo. Diante do contexto de transformações sociais e expansão do movimento neopentecostal, conclui-se que as mulheres-mães participantes da pesquisa ressignificam o discurso da submissão feminina se adequando a realidade social contemporânea e simultaneamente utilizando a religião como elemento estruturador do ethos familiar.

Nesse sentido, confirmou-se que as mulheres-mães neopentecostais, residentes em bairros populares, optam por adotar uma postura na família de condutora da “palavra de Deus” através de uma moralidade cristã que busca mesclar no ethos familiar valores antigos com valores contemporâneos. Uma vez que os valores contemporâneos sejam introjetados, as entrevistadas incorporam em seu discurso o diálogo no processo da criação dos filhos e no

relacionamento conjugal, enfatizando aspectos contrários a subserviência da mulher na família, contudo apresentando em suas narrativas a naturalização da hierarquia familiar.

Esta visão das entrevistadas é fundamentada em suas narrativas por referências e interpretações bíblicas. Para as participantes da pesquisa a naturalização dos papéis exercidos na família é importante para a manutenção da harmonia familiar, inclusive impactando na criação dos filhos.

Sendo assim, na pesquisa foi possível observar, por meio das narrativas de vidas das entrevistadas o objetivo de direcionar os filhos aos princípios religiosos da religião neopentecostal através da sua conduta comportamental no âmbito familiar e no que acreditam ser submissão, usando regras de comportamentos a partir de valores religiosos, como oração, leitura bíblica como as ações que direcionam as práticas comportamentais válidas para o viver em sociedade. Nesse contexto, essas práticas têm o objetivo de revalidar por meio da articulação dessas relações e da relação de poder introjetar valores religiosos que buscam transformar e controlar o comportamento dos filhos.

Como vimos no decorrer desta pesquisa, a religião combina elementos do ethos privado com o ethos religioso, permitindo que as participantes escolham igrejas que se adequem as suas necessidades, contudo mantendo-se coerente com os valores religiosos das igrejas em que frequentam. O estudo mostrou que aspectos como a submissão feminina são um importante norteador para a distinção dos papéis no âmbito familiar direcionando a conduta comportamental das entrevistadas.

Os dados confirmam que o entendimento de submissão das participantes atualiza as suas identidades sociais e a percepção que possuem de si. Nas narrativas, podemos identificar elaborações e flexibilizações acerca da visão de submissão, como maior autonomia nas decisões familiares e no entendimento de seu papel na família e na imagem que possuem de si mesmas, contudo é naturalizada a imagem de mulher “edificadora da família” responsável por evitar conflitos familiares e que se submete a liderança do marido. Essa visão não está atrelada a percepção tradicional que o homem é o único provedor e a mulher e os filhos estão a serviço do marido. Isso acontece devido as transformações sociais e as conquistas femininas contemporâneas, culminando em maior liberdade e autonomia das entrevistadas nas decisões familiares.

As mulheres-mães da pesquisa atualizam à sua maneira de enxergar o seu papel de mãe e esposa de acordo com o seu entendimento acerca de submissão. Sendo assim, as relações familiares não acontecem de forma simétrica no neopentecostalismo ao abordar

temáticas que envolvem relações de gênero e igualdade não se dão sob a perspectiva feminista do questionamento do patriarcado, mas existe uma releitura e apropriação seletiva das ideias feministas, portanto, há uma valorização de características consideradas inerentes ao feminino como a tolerância, cuidado, dedicação à família e carinho com os filhos como pode ser observado na narrativa das entrevistadas.

Posto isso, pode-se observar que as entrevistadas permanecem como as principais cuidadoras e responsáveis pela educação dos filhos, exercendo o papel central na família, sendo responsáveis pela manutenção da harmonia familiar.

Em suma, pode-se observar nos resultados da pesquisa nas quais as quatro mulheres-mães participantes da entrevista, apresentam em suas narrativas discursos que visam adaptar o discurso da submissão feminina conciliando com as suas crenças religiosas e com os valores contemporâneos, promovendo modelos de conduta e comportamento inserindo em seus discursos e interpretações valores religiosos que dialogam e se misturam com as conquistas das mulheres nas últimas décadas, apresentando releituras e apropriação de valores contemporâneos flexibilizando portanto o entendimento de submissão feminina e seu papel na família.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, M. M. T. Transformações econômicas e sociais no Brasil dos anos 1990 e seu impacto no âmbito da família. *In: SALES, et al. Política Social, família e juventude: uma questão de direitos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- ALMEIDA, J. S.; NICOLETE, J. N. Gênero Educação e Religião: O poder simbólico na cultura e o discurso da desigualdade. **Religare**, v. 13, n. 1, p. 64-84, 2016. ISSN: 19826605.
- ALTIVO, M. Nós contra o mundo. Pentecostais ajudam na inserção social dos mais pobres, mas criam uma guerra espiritual: fora da igreja só existe o diabo. **Revista de História do Museu Nacional**, v. 87, n. 8, p. 27-29, 2012.
- ALTIVO, B. R. Dever e prazer no casamento-empresa: transações regulares de controle do amor segundo a Igreja Universal. **Galáxia**, n. 32, 176-187, 2016.
- ANDRÉ, M. E. A. D.; LUDKE, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- ANDRETTA, D. “Deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher, e os dois formarão uma só carne”: a dual career sob a influência da religião. Dissertação (mestrado) USP/Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” Piracicaba, 2020.
- ARAGÃO FILHO, I. L. **Religião e gênero: o imaginário sobre o lugar da mulher na igreja neopentecostal**, Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2011.
- ARAÚJO, C.; SCALON, C. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. *In: ARAÚJO, C.; SCALON, C. (Orgs.). Gênero, trabalho e família no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2005. pp. 15-88.
- ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. *In: DEL PRIORE, M. História das Mulheres no Brasil*. 8 ed., São Paulo: Contexto, 2006. p.45-77.
- ARENDT, H. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Delume Dumurá, 1994.
- ARIES, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- BADINTER, E. **Um é o outro: relações entre homens e mulheres**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BARR, B. A. **A Construção da feminilidade bíblica: como a submissão das mulheres se tornou a verdade do Evangelho**. 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.
- BASSANEZI, C. Mulheres nos anos dourados. *In: DEL PRIORE, M. História das Mulheres no Brasil*. 8 ed., São Paulo: Contexto, 2006, p. 607-.639.

- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. 9 ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: A experiência vivida**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BECKER, A. P. S.; MAESTRI, T. P.; BOBATO, S. T. Impacto da religiosidade na relação entre pais e filhos adolescentes. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 67, n. 1, p. 84-98, 2015.
- BIASOLLI-ALVES, Z. Crianças e adolescentes: a questão da tolerância na socialização das gerações mais novas. *In*: BIASOLLI-ALVES, Z.; FISCHEMANN, R. (org.) **Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância**. São Paulo: EDUSP, 2001. p.79-94.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Arqueológica NVI**. Tradução: Claiton André Kunz, Eliseu Manoel dos Santos e Marcelo Smargiasse; Prefácio da Edição Brasileira: Luiz Sayão, São Paulo: Vida, 2013.
- BIRMANN, P. Mediação feminina e identidades pentecostais. **Cadernos Pagu**, v. 6, p. 201-226, 1996.
- BITTENCOURT FILHO, J. Remédio amargo. *In*: Antoniazzi, A. (Org.), **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. (pp. 24-34). Petrópolis: Vozes, 1994.
- BLEDSOE, D. A. **Movimento neopentecostal brasileiro: IURD: um estudo de caso**, São Paulo: Hagnos, 2012.
- BLOCH, R. H. **Misoginia Medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro: 34, 1995.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra**. 20 ed. São Paulo: Vozes; 2014, 302p.
- BORGES, A. M. C. Anotações sobre incorporação da variável Família na análise da desestruturação do mercado de trabalho. *In*: ARAÚJO, M. C.; CORTÊS, C. N. T.; ZARRAGA, J. **Família, relações socioculturais e políticas públicas**. Salvador: UCSAL/CEPEX, 2005.
- BORGES, Ângela. Reestruturação produtiva, família e cuidado: desafio para as políticas sociais. *In*: CASTRO, Mary Garcia (Org.). **Família, gênero e gerações: desafios para a política social**. São Paulo: Paulinas, 2007.p.179-206.
- BORTOLINI, J. (Ed.) **Bíblia Sagrada**. (Trads.) STORNILO, I.; BALACIN, E. M.; PRADO, J. L. G. São Paulo: Paulinas, 1990.

BOTTON, A. et al. Os papéis parentais nas famílias: Analisando aspectos transgeracionais e de gênero. **Pensando Famílias**, v.19, n. 2, p. 43-56, 2015.

BRAGA, E. S. **Anais do XVI de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas**: ISBN 978-85-65957-03-08. 28 de julho a 1º de agosto de 2014.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate a Fome. **Responsável familiar é mulher em 81,6% dos lares que recebem o Auxílio Brasil em setembro**. Brasília 2022. Disponível em: www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/responsavel-familiar-e-mulher-em-81-6-dos-lares-que-recebem-o-auxilio-brasil-em-setembro. Acesso em: 10/02/2023.

BRITO, R. C.; KOLLER, S. H. Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In: CARVALHO, A. M. (org.). **O mundo social da criança: natureza e cultura em ação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999, pp. 115-129.

BUSIN, V. M. Religião, sexualidades e gênero. **Revista de Estudos de Religião**, v. 11, n. 1, p. 105-124, 2011.

CAMPOS, L. S. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Segunda edição. Petrópolis, RJ: Vozes de São Paulo: Símpósio Editora, São Bernardo do Campo e Universidade Metodista de São Paulo. 1997.

CARVALHO, M. C. B. **Cotidiano: Conhecimento e Crítica**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CARVALHO, MOREIRA, L. V.; RABINOVICH. A figura do pai: entre declínio e reorganização. IN: BASTOS, A. C de S., Moreira, L.V. de C., ALCÂNTARA, M.A.R. (Orgs). **Família no Brasil. Recurso para a pessoa e a sociedade**. Curitiba: Juruá, 2015, p.419-442.

CHAPMAN, G. **As quatro estações do casamento**. São Paulo: Editora Mundo Cristão. 2008.

CISCON-EVANGELISTA, M. R.; MENANDRO, P. R. M. “Casados para sempre”: Casamento e família na concepção de casais evangélicos neopentecostais. **Psicologia Argumento**, v. 29, n. 66, p. 343-352, 2011.

COUTO, M. T. Na trilha do Gênero: pentecostalismo e CEBs. **Estudos feministas**. v. 10, n. 2, p. 357-69, 2002.

COUTO, M. T. **Estudos de famílias populares urbanas e a articulação de gênero**. Revista Antropológica, ano 9, v. 16, n 1, p. 197- 2

CORREIO. **Em uma década Salvador e RMS perderam 20 mil vidas para a violência**. Disponível: <https://www.correio24horas.com.br/entre/em-uma-decada-salvador-e-rms-perderam-20-mil-vidas-para-a-violencia-0721> Data de acesso/; 17/06/2023.

COSTA, Livia Fialho. **Mulheres Pentecostais em famílias religiosamente plurais**. Universidade Católica do Salvador VII Semana de Mobilização Científica. Salvador 2004.

COSTA, L. F.; JACQUET, C. **Família em mudança: família e opção religiosa: notas etnográficas sobre conversão de mulheres ao neopentecostalismo**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004.

COUTO, M. T. **Pluralismo religioso em famílias populares: poder, gênero e reprodução**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Recife, UFPE, 2001. 362 pp.

COUTO, M. T. “**Na trilha do Gênero: pentecostalismo e CEBs**” Estudos feministas 10 (2): 357-69. 2002.

CRONEMBERGER, I. H. G. M; TEIXEIRA, S. M. O Sistema de Proteção Social Brasileiro, Política de Assistência Social e a Atenção à Família. **Pensando Famílias**, 2015.

DEDECCA, C. S.; HENRIQUE, W.; BALTAR, P. E. A. Mercado de trabalho e exclusão social no Brasil. In: KALOUSTIAN, S. M. (org). **Família brasileira a base de tudo**. São Paulo/Brasília: Cortez/UNICEF, 1994.

DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto. 2005.

DEL PRIORE, M. Magia e Medicina na Colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.78-114.

DIAS, T. B. A defesa da família tradicional e a perpetuação de gênero naturalizados. **Mandrágora**, v.23. n. 1, p. 49-70, 2017.

DIAS, A. C. G.; SIRQUEIRA, A. C.; PATIAS, N. D. Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. **Advances in Health Psychology**, v. 21, n. 1, p. 29-40, 2013.

D'INCAO, M. Â. Mulher e família burguesa. In: Del Priore, M. **História das Mulheres no Brasil**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.223-240.

DONATI, P. **Família no século XXI. Abordagem relacional**. São Paulo: Paulinas 2008.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

EYDEN, R. V. **Olhares feministas sobre a Igreja Católica**. São Paulo: Católicas pelo direito de decidir. Cadernos, n. 9, 2001.

FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In A. Wagner (Org.), **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 25-46.

FLEXOR, M. H. O. **História da Família no Brasil: recurso para a pessoa e sociedade**. In: Ana Cecília de Souza Bastos et all. Curitiba: Juruá. 2015. p.67-110.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Rio de Janeiro: Bookman, 2004.

- FONSECA, C. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.
- FONSECA, C. Concepções de família e práticas de intervenção: Uma contribuição antropológica. **Saúde e Sociedade**, v.14 n.2, p.50-59, 2005.
- FONSECA, C. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.482-509.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Grall, 1979.
- FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Campinas, tese de doutorado em sociologia, IFCH- Unicamp. 1993.
- FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala**. 2 ed. São Paulo: Global editora; 2012
- GABATZ, C. As mulheres nas igrejas neopentecostais: a busca pelo protagonismo em meio a tradições hegemônicas. **Sociedade e Cultura**, v. 19, n. 2, p. 95-103, 2016.
- GARCIA, A.; MACIEL G. M. A influência da religião na busca do futuro cônjuge: um estudo preliminar em comunidades evangélicas. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 10, n. 1, p. 95-112, 2008.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP. 1992.
- GILL, R. Análise de Discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa, com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Editora Vozes, 2002.
- GODBOUT, T. J. **O Espírito da Dádiva**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GOLDANI, A. M. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n.91, p.7-22, 1994.
- GOLDENBERG, M. Amor, casamento e fidelidade na cultura brasileira. **Gênero na Amazônia**, n. 3, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/rcga.v0i3.13149>
- HABERMAS, J. **Conhecimento e interesse**. Habermas. Os pensadores. São Paulo: Abril, 1980
- HARVEY, D. **Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 17 ed. São Paulo: Loyola, 1992.
- HELLER, A. **Donde estamos en casa? In A. Heller, Una revisión de la teoría de las necesidades**. Barcelona: Paidós. 1996.
- HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE: população brasileira envelhece em ritmo acelerado.** Rio de Janeiro 2008. Disponível em: [agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13577-asi-IBGE: população brasileira envelhece em ritmo acelerado](http://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13577-asi-IBGE:populacao_brasileira_envelhece_em_ritmo_acelerado) Agência de Notícias Acesso em: 13/05/2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População no último censo.** Rio de Janeiro 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salvador/panorama>, Acesso em: 01/06/2024.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Crescimento dos estabelecimentos evangélicos no Brasil nas últimas décadas.** Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12605/1/NT_123_Diset_crescimento_dos_estabelecimentos.pdf, Acesso em: 01/06/2024.

JABLONKKI, B. **Até que a vida nos separe: A crise do casamento contemporâneo.** Rio de Janeiro: Agir, 1998.

KOPSTEIN, M. A.; ZANELLA, D. C. A construção do ideário contemporâneo da liberdade Passagens. **Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, v. 11, n. 3, 2019.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. Ed.- São Paulo: Atlas, 2010.

LEVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco.** Petrópolis, Vozes, 1982.

LIMA, D. “Trabalho” e “mudança de vida” e “prosperidade” entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. **Religião e Sociedade**, v. 27, n. 1, p. 132-55, 2007.

LIPOVESTSKY, G.; SERROY, J. **A Cultura - mundo: resposta a uma sociedade desorientada.** São Paulo: Companhia das letras, 1989.

LIPOVESTSKY, G.; SEBASTIEN, C. **Os tempos hipermodernos.** 4ª reimp. São Paulo: Barcarola, 2011.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil.** 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.443-481.

MACHADO, M. D. C. **Carismáticos e pentecostais: Adesão religiosa na esfera familiar.** São Paulo: Ed. Autores Associados, 1996.

MACHADO, M. D. C. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 2, p. 387-396, ago. 2005.

MACHADO, M. D. C.; PICCOLO, F. D. **Religiões e homossexualidades.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

MARIANO, R. **Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** 4 ed. São Paulo: Loyola, 2012.

MARIZ, C. MACHADO, M. D. C. Pentecostalismo e redefinição do feminino. In: **Pentecostes e Nova Era: fronteiras, passagens**. Rio de Janeiro, nº17, 1996.

MARQUES, H. R.; MANFROI, J.; CASTILHO, M. A.; NOAL, M. L. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Campo Grande: UCDB, 2006.

MAZZUOLI, V. O.; SORIANO, A. G. **Direito à liberdade desafios e perspectivas para o século XXI**. 1 ed. Editora Fórum 2009.

MEIRELLES, Edilton. **Trabalho, família e Direito**. 1. ed. São Paulo: CRV, 2016.

MENDONÇA, J. S. O Evangelho segundo o gospel: mídia, música pop e neopentecostalismo. **Revista do Conservatório de Música UFPEL**, v. 1, n. 9, p. 220-249, 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em Saúde**, 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010

MINAYO, M. C. S. (org) **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 34 ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2015.

MOREIRA, A. S. As muitas faces do pentecostalismo. **Fragmentos de Cultura**, v. 16, n. 3/4, p. 233-242, 2006.

MOREIRA, A. S.; TAMAYO, A. Escala de significado do dinheiro: Desenvolvimento e validação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 15, n. 2, p. 93- 105, 1999.

MURARO, R. M. **Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

MUSSALIM, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F.; e BENTES, A. C. (org). **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

NASCIMENTO, R. F. **Benção e Maldição: da resignação ao trabalho como mecanismo de acesso ao consumo**. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, 2009.

OLIVEIRA, N. H. D. **Recomeçar: família, filhos e desafios**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. ISBN 978-85-7983-036-5 Disponível em: <http://books.scielo.org>

ORLANDI, E. P. **As linguagens e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6 ed. São Paulo: Pontes: Campinas: UNICAMP, 2005.

ORO, A. P. “Podem passar as sacolinhas”: um estudo sobre as representações do dinheiro no neopentecostalismo brasileiro. **Cadernos de Antropologia**, v. 9, p. 7-44. 1992.

PECHÊUX, M. **Semântica e discurso**. Campinas: UNICAMP, 1988.

PERES, J. F. P.; SIMÃO, M. J. P.; NASELLO, A. G. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, n. 1, p. 136-145, 2007.

PIERUCCI, A. F. “Bye, bye, Brasil”: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

PINTO, B. B. **Violência simbólica contra a mulher nas estratégias midiáticas: Uma Análise do Programa The Love School**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Paulista, São Paulo, 2016. 2016. 224 pp.

POSTER, M. **Teoria Crítica da Família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PROENÇA, W. L. **Sindicato de mágicos: uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade Estadual Paulista 2006.

REINA, V. S. “Ensina a teu filho o caminho que deve andar”. **Opções e vivências religiosas de mulheres chefes de família, em Salvador, Bahia**. Pós-Graduação, Salvador: UCSAL. 2008.

REIS, M. V. **Mulheres de seus corpos e de suas crenças: relações de gênero, práticas mágico-religiosas e Inquisição no mundo português (1541-1595)** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2018. 360 pp.

RIZZINI, I.; RIZZINI, I. **A Institucionalização de Crianças no Brasil: percursos históricos e desafios do presente**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006.

RODRIGUES, M. L. M.; MOTTA, A. L. A. R. Família na contemporaneidade brasileira: Sentidos em curso. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 45, p. 202-217, 2018.

RONCHI, J. P.; AVELLAR, L. Z. Família e ciclo vital: A fase de aquisição. **Psicologia em Revista**, v. 17, n. 2, p. 211-225, 2011.

ROSADO-NUNES, M. J. Gênero e Religião. **Estudos Feministas**, v. 13, n. 2, 2005.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**; Petrópolis, Vozes, 1976.

SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, n.16, p. 115-136. 2001.

SANTANA, A **incorporação misógina da mulher na primeira sistematização canônica Eclesiástica**. 180F. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras; Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Goiânia 2019.

SARTI, C. A. Contribuições da Antropologia para o estudo da família. **Psicologia**, v. 3, n. 1/2, p. 69-76, 1992.

SARTI, C. A. Família patriarcal entre os pobres urbanos. **Caderno de Pesquisa**, n 82, p 37-41, 1992.

SARTI, C. A. A Família como ordem simbólica. **Psicologia**, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.

SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SARTI, C. A. O jovem na família: o outro necessário. In NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs.), **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 115-129.

SAYÃO, L. A. T. Uma avaliação sociológica do pentecostalismo e do neopentecostalismo. **Vox Scripturae**, v. 9, n. 1, p. 83-94, 1999.

SILVA, J. Lideranças pentecostais femininas: notas sobre a reelaboração da identidade feminina no meio pentecostal e sua influência nas demais esferas sociais. *In: Encontro De História da ANPUH, Anais...* Rio de Janeiro: Anpuh, 2008. p. 1- 10.

SILVIA, A. C. F.; DIONIZIO, S. H. S. Novos arranjos familiares: Compromisso ético e político na intervenção profissional. **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**. 2018.

SOIHET, R. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. *In: DEL PRIORE, M. História das Mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.362-400.

SOUZA, S. D. Violência de gênero e religião: Alguns questionamentos que podem orientar a discussão sobre a elaboração de políticas públicas. **Mandrágora**, v. 13, n. 13, 2007.

SOUZA, B. O. **As igrejas neopentecostais e a redefinição do protestantismo no Brasil: Um estudo de caso em Imperatriz-Ma e Araguaína-To (1990/2013)** Tese (Doutorado) Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2014.

SPYER, J. **Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam**. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

TELES, L. D. **Conservadorismo religioso e suas implicações na condição de submissão da mulher na sociedade brasileira**, Dissertação de Mestrado em política social, Universidade de Brasília, 2020.

TELLES, V. S. **A Cidadania inexistente: incivilidade e pobreza; um estudo sobre trabalho e pobreza na família da grande São Paulo**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

TEIXEIRA, J. M. Mídia e performances de gênero na Igreja Universal: o desafio Godllywood. **Religião e Sociedade**, v. 34, n. 2, p. 232-256, 2014.

TOLEDO-FRANCISCO, C. V. **Passagens híbridas: relações de gênero e pentecostalismo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas.** Petrópolis: Vozes, 2003.

VARGAS, H. L. **Parentalidade nas famílias neoconfiguradas: as famílias com padrastos, madrastas e enteados.** Curitiba: Juruá, 2017.

WAGNER, A.; PREDEBON, J.; FALCKE, D. Transgeracionalidade e educação: Como se perpetua a família? *In*: WAGNER A. (Org.), **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares**, Porto Alegre: EDIPUCRS. 2005. p. 93-105.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VILANI, C. G. **Nos bastidores da fé: Compreendendo a manifestação da religião no meio evangélico.** Dissertação (Mestrado em psicologia) Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. 156 pp.

WOORTMANN, K.; WOORTMANN, E. **Monoparentalidade e chefia feminina: conceitos, contextos e circunstâncias.** Brasília: UNB, 2004.

ZALUAR, A. (Org.). **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza.** 2ed São Paulo: Brasiliense, 2000.

ZANATTA, J. A.; COSTA, M. L. Algumas reflexões sobre a pesquisa qualitativa nas ciências sociais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 12, n. 2, p. 344-359, 2012.

APÊNDICES

Apêndice I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO



Universidade Católica do Salvador
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A senhora está sendo convidada a participar, como voluntária, de uma pesquisa intitulada: **“O Discurso da submissão feminina e os impactos na vida familiar das mães neopentecostais”**, que será desenvolvida pela pesquisadora Queilla Thaís Bispo dos Santos, aluna do Mestrado Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Esta pesquisa tem por objetivo analisar o discurso religioso da submissão feminina e os impactos na vida familiar das mães neopentecostais. A participação da senhora no estudo consiste em narrar aspectos da sua vida na forma de entrevista. O roteiro da entrevista inclui uma questão geradora.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, a senhora poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que sofra qualquer penalização ou prejuízo (Res. 510/2016 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo, esclareço que:

- Caso a senhora não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e a identificação da senhora será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de o seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada, com o seu consentimento, para possibilitar o registro de todas as informações fornecidas pela senhora, as quais serão posteriormente transcrita; tais gravações serão mantidas sob a guarda da pesquisadora que, após a transcrição não identificada da mesma guardará o conteúdo gravado por cinco anos.
- A participação da senhora não implica em nenhum custo financeiro, mas caso tenha alguma despesa em decorrência dessa entrevista, será ressarcida.
- Se a pesquisa causar algum tipo de dano direto ou indireto, haverá garantia de reparação do dano causado.

- O estudo apresenta benefícios conforme o (Res. 510/2016 CNS/MS). Dessa forma, esta pesquisa poderá ajudá-la a refletir sobre de que forma as dinâmicas familiares podem influenciar na performance do estudante. Além disso, como benefícios indiretos, a investigação ampliará o conhecimento científico sobre aspectos agradáveis e desagradáveis sobre esse assunto.
- Há o risco de desconforto em decorrência de a entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos. Caso isso ocorra, a entrevista será interrompida e a senhora será atendida para atendimento pelo psicólogo Ricardo Souza Cruz no CRP sob nº 03/19.414 e no CPF sob nº 702.701.715-68.
- Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com a senhora e a outra com a pesquisadora.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com a pesquisadora, poderá entrar em contato por meio de endereço/telefone.

Queilla Thaís Bispo dos Santos – Telefone (73) 981122756.

Caso queira algum esclarecimento ético, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal,. É um colegiado interdisciplinar criado para defender os direitos dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade. Localizado na Avenida Prof. Pinto de Aguiar, nº 2589, Pituacu na Universidade Católica do Salvador Localizado no Prédio C da Pós-Graduação térreo. Tel.: 7132067830. E-mail cep@ucsal.br

Eu, _____ aceito, voluntariamente, participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo. Autorizo, também, a gravação da entrevista.

Local e data: _____

Assinatura do/da participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Apêndice II



Universidade Católica do Salvador
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS**Pesquisadora:** _____**Entrevistada:** _____

Qual é a sua idade?

Bairro onde reside?

Qual é o seu estado civil?

Quantas pessoas vivem em sua casa?

Quantos filhos você tem?

Qual é a idade do seu filho (as)?

Qual é o seu nível de escolaridade?

Você está trabalhando atualmente?

Qual é a sua renda?

Com que frequência você lê as escrituras da religião que segue?

Quanto tempo tem de conversão?

Seu companheiro é evangélico? (Se for casada)

PERGUNTA GERATIVA DA NARRATIVA

Como o discurso da submissão feminina pregado nas igrejas neopentecostais interfere na sua vida familiar?